

O HOMEM DUPLO



Um Romance de Ficção Científica
por EANDO BINDER



EANDO BINDER

O HOMEM DUPLO

TRADUÇÃO DE:
CHARLES MARIE ANTOINE BOUÉRY



Título original
THE DOUBLE MAN

Copyright - 1971
by Otto O. Binder

1973

Direitos exclusivos para
a língua portuguesa adquiridos por

Editora Mundo Musical Ltda.
Rua Sande, 559 - São Paulo
Rua Visconde do Rio Branco, 53 — Rio
que se reserva a propriedade desta edição

Impresso no Brasil

Printed in Brasil.

DE VOLTA DO ESPAÇO

Dr. Wayne Durk, que escapou de um caixão espacial de alumínio por um milagre consumado, aproximou-se de seu velho laboratório com apreensão.

Mas, após um ano de ausência, o cartaz ainda indicava, LABORATÓRIO DE VIROLOGIA - ENCARREGADO: DR. WAYNE DURK. Os outros rostos que ele viu quando parou na porta eram os mesmos rostos familiares de seus colegas.

Mas.. e aquela figura alta e ligeiramente inclinada? Quem poderia ser? Então, ele viu o rosto e ouviu a voz.

Era o rosto, o corpo e a voz de Wayne Durk!

**Para Wade Wellman
e nossa amizade.**

CAPÍTULO I

O caixão de alumínio, brilhando na clara luz do sol, subiu até o apogeu de 33,261 milhas acima da terra. Então mergulhou, numa velocidade crescente, até o perigeu de 486 milhas, chicoteando ao redor da terra para mais uma vez fazer a ascensão. a seu ponto mais alto. A cada 10 horas e 16 minutos, a silenciosa nave espacial completava seu eterno ciclo, não variando nem por um fio.

Dentro, num leito, jazia uma figura vestida num traje espacial, rígida numa morte congelada, seus olhos sem vida não vendo a grandiosa rotação de estrelas cada uma em sua órbita circular. O sopro da vida há muito tinha deixado Dr. Wayne Durk, astronauta. Sua mão direita enluvada ainda agarrava a alavanca do controle manual - a alavanca que ele tinha freneticamente acionado muitas vezes sem resposta dos retro-foguetes. E com o sistema automático já atingido por um meteorito, esta tinha sido a sua última esperança de voltar a terra.

O meteorito. Ele veio colidindo com a nave espacial cilíndrica, uma espécie rara do tamanho de uma bola de "baseball" partindo fios vitais e rompendo cadeias de comutadores e retransmissores. O ar tinha saído rapidamente do respiradouro e somente o traje espacial hermeticamente fechado manteve Durk vivo - para uma morte mais lenta.

O sistema de alimentação de oxigênio da nave tinha parado também e ele teve que cortar seu cordão umbilical rapidamente. Depois disto, sua vida fora medida pelo oxigênio que restava em seu traje - quinze minutos no máximo. Não havia nenhum tubo de oxigênio de emergência para ser usado. Não era este tipo de traje.

Seu rádio também tinha sido destruído. Nenhuma chance de avisar o Controle para um possível salvamento. Além disso, a poderosa pancada do meteorito tinha afastado sua nave da órbita prevista. Os confusos homens do radar lá embaixo tinham visto o ponto luminoso desaparecer de suas telas. Procurá-lo tornou-se irremediável quando a nave fez uma nova e casual curva através do espaço numa órbita completamente desconhecida e excêntrica.

Quanto a isso, o veículo tripulado se juntara à multidão de restos espaciais que giravam ao redor da terra em várias alturas, totalizando milhares de peças, pequenas ou grandes.

Mas foi uma destas peças do lixo inútil que agora, após o longo silêncio do espaço, completou o milagre contrário. Um satélite morto e incendiado, que data dos primeiros dias dos lançamentos espaciais na década de 1960, veio atingir o veículo tripulado por um corpo congelado. A colisão foi silenciosa no vácuo sem ar. Mas peças de metal despedaçado voaram de ambos. Foi uma pancada vertical que enviou o satélite girando para cima num ricochete e a nave tripulada para baixo.

Então, nesta série de acontecimentos caprichosos, outro milagre casual tomou lu-

gar. Dentro, no meio dos labirintos dos sistemas eletrônicos da nave, alguns circuitos foram ativados pelo impacto do choque. Atrasadamente, as fitas computadorizadas comandaram o sistema de poder motriz e os retro-foguetes funcionaram silenciosamente. Os tanques de propelentes hipergólicos, não afetados pelo longo estágio dormente no espaço, estavam ainda intactos e obediamente supriram os impulsores insaciáveis.

O homem congelado a bordo não se preocupou com a libertação prematura de sua órbita eterna entre estrelas não cintilantes.

O sistema completamente automatizado prosseguiu em sua programação contínua, colocando o escudo de calor na frente, esperando pelo atrito com o ar para anular drasticamente a velocidade de 17.000 milhas por hora. Na marca das 500 milhas por hora, os foguetes de freio nas bordas do escudo de calor explodem para amortecer a queda final. Todos os sistemas funcionaram. Nada tinha sido atingido pelo meteoro exceto a superfície dos controles automático e manual, por isso apenas a colisão no meio do espaço pôde engatar os mecanismos na operação. Os destroços da nave espacial fixaram-se suavemente numa geleira.

E por isso, o astronauta Wayne Durk aterrizou depois de tudo...

Um homem morto.

Não, não completamente um homem morto.

Lentamente sua pele se aqueceu, pois o frio glacial em torno dele era menor que o do espaço. E por um outro golpe da sorte, seu corpo lentamente degelou o suficiente para trazer a recuperação. Caindo num deserto quente ou numa região tropical, sua renovação metabólica forçada teria sido atizada fatalmente.

Após um dia e uma noite numa temperatura abaixo de zero, seu corpo se aqueceu a 400 graus acima de sua original condição de profundo congelamento. Em algum ponto, o coração começou a bater hesitantemente, depois mais fortemente. Os pulmões começaram a aspirar com lentidão infinita mas seu ritmo começou a crescer numa progressão geométrica. O primeiro latejar da vida começou a se estender a todos os órgãos dormentes. O primeiro fluxo de rosa veio à sua pele azulada e a seus lábios arroxeados.

O último a acordar foi o cérebro, com os ouvidos e os olhos abertos alimentando-o de estímulos.

Vivo, pensou Wayne Durk assombrado.

Vivo - mas como? O fim que seus sentidos enfraquecidos lhe tinha mostrado - e ele sabia que era a última cena que jamais veria novamente era uma estrela cintilando na escuridão umas 650 milhas acima da terra, com a terrível consciência de que ele estava perdido no espaço. Que apenas seu corpo iria continuar a circular a terra num ataúde mecânico.

Fugazmente, sem detalhes, Durk lembrou-se de uma conferência de um médico espacial que dizia que havia uma possibilidade remota de um astronauta, se exposto repentinamente no espaço sob determinadas condições, não morrer. Animação suspensa, sono congelado, "Stasis" criogênica, chame-o como você quiser - ele viverá. Por um segundo milagre - tal como aterrizas no frio em cima de uma geleira - ele poderia ressuscitar.

A predição um-em-um-milhão daquele médico tinha impossivelmente se realizado sozinha.

Vivo! .A exaltação de Durk morreu bruscamente. Não era um milagre, era uma maldição.

"Não está certo!" ele gritou de repente em voz alta. "Por que não permitem que eu morra?" Ele moveu seu punho para cima, zangado. "Por que . eu tinha que ser trazido de volta para enfrentar... para enfrentar isto novamente? POR QUE?"

Por um momento a esperança renasceu nele. Talvez ele nunca o fizesse - estando vivo. Ele se inclinou fracamente sobre suas pernas à beira de um colapso .. Uma dor infinita vibrou em todos os ossos. Não, ele não o faria, e havia um grito de alegria em seu coração. Nenhum homem podia ser congelado e depois ressuscitado para enganar sua sepultura.

Ele esperou humilde que a morte atrasada o chamasse, mais uma vez e para sempre. Ele gemeu quando ao invés disso ele sentiu um fluxo lento de energia surgir nele e crescer cada vez mais forte. Logo, suas pernas elásticas eram capazes de aguentá-lo. Em algum lugar, seu capacete tinha sido esmagado e abandonado. Palpitando e ofegante, ele inspirou no ar fresco e titubeou em direção à escotilha, a qual estava desprovida de suas dobradiças e amplamente aberta.

Lá fora, ele engasgou quando seus pulmões inspiraram no ar gelado. Seus olhos animados observaram a vertiginosa extensão da geleira imensa em cujo topo ele tinha aterrizado. Durk sentiu uma outra onda de esperança de que sua vida-drama terminaria do jeito que tivesse de ser. Ele sabia que nunca venceria a montanha de gelo escarpada com suas fracas condições.

Em algum ponto no caminho de descida, seus pés poderiam escorregar... ele deslizaria sem esperança para baixo na brancura lisa e dura... para cair em alguma fenda profunda... seu corpo quebrado silenciaria por fim. Ele estava quase pronto para partir quando percebeu o que isto significava... *suicídio*.

Ele recuou. Morte natural ele aceitaria alegremente. Mas de forma deliberada convidá-la, forçá-la, *planejá-la*... não, isto não. Ele amaldiçoou os escrúpulos pseudo-religiosos que lhe tinham sido inculcados por seus pais rigorosos que-vão-à-Igreja, que-adoram-a-Deus e acreditam-na-Bíblia. Ele não podia mais combatê-la senão... bem, senão desprezando as agonias de fome e comendo.

E foi isto que ele fez em seguida, embora isto fosse contra sua opinião e seu desejo secreto de esquecimento. Ele se arrastou de volta à nave e achou um pacote de rações espaciais, devorando-as avidamente. Ele as engoliu com água de um cantil.

Ele queria morrer e no entanto, ele comeu para viver. Auto-preservação. Outra daquelas detestáveis forças inatas que você não pode combater, e que estava compelindo-o ao inferno da vida novamente. Cheio de ódio, ele podia sentir seu nível de energia subir lentamente. Mas levou outro dia e noite e mais refeições, antes que Durk se sentisse pronto para dedicar-se à descida... em suas palavras, não favorecendo nem uma sorte nem outra. Era a única maneira de conservar sua consciência clara, empenhando-se com todos os seus recursos para sobreviver quando isto fosse realmente a última coisa que ele quisesse.

Como era aquela velha expressão poética? *O homem é um terrível e maravilhoso animal...*

O terrível-maravilhoso animal tinha permanecido em seu traje espacial, que maravilhosamente o isolava do cortante ar ártico. De fato, o calor de seu corpo tinha começado a se acumular durante horas, prometendo assá-lo em camadas de plástico e folhas de alumínio. Ele tivera que abrir seu cordão umbilical e o ar frio que então penetrou, mais o que entrava pelo decote de seu traje, serviu para criar um equilíbrio térmico tolerável em torno de sua pele.

Ele injuriou o traje espacial também. Sem ele, teria morrido de exposição. A maldita coisa que além de tudo contribuiu na conspiração para retorná-lo a salvo para a vida.

Pensamentos mais práticos amadureceram sozinhos nele. Onde ele estava? No Alasca... Norte do Canadá... Sibéria? Podia ser qualquer uma das áreas árticas que possuem geleiras eternas. Ao longe, ele via montanhas com picos nevados, trechos de florestas acastanhados, neve deserta e gelo caminhando eternamente para o horizonte. Obviamente, uma terra remota no norte, talvez habitada esparsamente.

Talvez ele acabasse morrendo de fome...

Ele reprimiu o triunfo maligno daquele pensamento. Tinha que jogar "honestamente", ele pensou. Pretender querer viver e vivê-la por tudo que fosse válido. Alguma coisa atraiu-o para outro caminho - ver sua esposa e filhos novamente, alguns amigos, sua equipe do laboratório. Seu desejo de morte atenuou-se um pouco com estes pensamentos.

E naturalmente ele obedecia as regras e afivelou os pacotes de rações restantes e um cantil de água em seu ombro. Lançando um último olhar para a nave espacial amassada - como ele tinha sobrevivido mesmo a isto? - Durk começou sua descida escorregadia na geleira. Mesmo que fosse um trabalho absorvente, parte de seus pensamentos voltavam à sua missão espacial - há quanto tempo atrás? Com um salto, ele percebeu que não tinha a menor ideia de quanto tempo ele tinha estado congelado no espaço.

Dias? .. meses... anos?

Ele apagou este pensamento assustador e lembrou o barulhento lançamento do foguete nuclear Saturno que colocou um laboratório humano em órbita. ..

Sua missão? Por que pensar nela? Ela tinha fracassado...

Ele despertou da sua introspecção com seus pés escorregando numa superfície lisa do gelo glacial. Instintivamente, um medo viscoso se agarrou nele quando ele viu a margem escarpada a frente e a queda consumada aguardando-o.

Então seu pensamento se ligou e murmurou.

Eu tento de novo e eu não posso parar. Eu estou lúcido. Eu não estou terminando-a. Eu não posso salvá-la se não houver uma maneira de escapar de uma queda mortal numa fenda de gelo. Logo estarei livre disto tudo, de ter de lhes contar notícias amargas e de ter de encarar-LA novamente.

Ainda meio levado pela herança brutal de seu cérebro posterior para lutar pela vida e pela decisão de seu cérebro dianteiro de jogar o jogo honestamente, seus pés e mãos enludadas arranharam inutilmente a lisura transparente, tentando parar seu deslizamento acelerado.

Então, em meio a uma maldição, ele viu uma superfície de barro que incongruentemente existia num buraco da geleira. Com uma incrível tenacidade de vida, matagais ásperos tinham desafiantemente se enraizado aí.

Reflexos involuntários e desejo voluntário fizeram-no curvar e esticar todos os músculos agonizantes num esforço supremo de prender seu corpo escorregadio perto da extremidade de barro. Suas mãos agarraram selvagememente qualquer coisa para segurar e o prenderam num arbusto fino. Não aguentou, desenterrando-se. Mas isto tinha diminuído seu deslizamento oblíquo e suas mãos machucadas seguraram firme outro arbusto vigoroso - este aguentou.

A dez pés da fenda de gelo que engolia homens, Durk sentou-se ofegante no barro. Eu sabia, ele pensou cansado. *Outro milagre tinha acontecido e salvo a vida que eu preferia jogar fora.*

Ele teve penosamente visões ridículas de ursos polares caindo mortos antes que eles pudessem agarrá-lo, violentas tempestades de neve conduzindo diretamente a uma aldeia de esquimós, avalanches ajudando-o.

Louca, selvagem, sua vida encantadora e odiada.

Ele não ficou de todo surpreso ao fazer o resto de sua descida quase sem esforço, sem mais perigos. Apoios para mãos e pés apareceram por encantamento em sua frente. Um declive longo e suave permitiu que ele se sentasse e escorregasse sobre os fundos de seu traje espacial à prova de desgaste por mais de uma milha. O fim da geleira normalmente erigida em forma de dentadura de dentes serrados, acolheu-o como uma fenda natural e um carpete de pedra esmagada para andar sobre chão sólido.

E ele quase começou a acreditar na interferência da magia branca quando, um dia depois, justamente quando sua comida e água tinham acabado, dois esquimós dirigindo um carro para neve o encontraram e alegremente o trouxeram para a aldeia deles. Durk já sabia que aí encontraria uma estação de rotas espaciais dirigida pela tribo, que possuía todo o moderno equipamento conhecido. Ele estava, para todos os fins e propósitos, de volta à civilização. Sua estadia no selvagem estava acabada.

Durk teve que assumir seu próprio rosto para estes "salvadores" que estavam exuberantemente felizes de terem salvo um astronauta de ficar perdido no deserto.

Depois se entregou a um banho quente e a uma barba. Um terno de civis foi requisitado para ele em lugar de seu traje espacial, agora muito quente para ser usado. O chefe dos técnicos esquimós revelou que isto era o Alasca Yukon.

Durk revelou pouco sobre si mesmo além de ter tido uma missão espacial presumivelmente rotineira. Ele não queria que eles soubessem por que ele estivera no espaço, nem os resultados que conseguira. Isto era para a Segurança Espacial saber primeiro. Queria perguntar a data, mas sem querer ele viu uma folhinha - 10 de maio de 1998. Ele tinha partido da Terra em 5 de maio de 1997.

Ele tinha ficado congelado durante um ano.

CAPÍTULO II

Durk finalmente partiu numa máquina aérea. Destino - Província América da União Mundial Terrena. Ele se animou pelo que veria, após um ano de ausência.

Durk foi deixado no aeroporto da cidade de Earthia, a seu pedido. Ele parou um instante no terminal, acalmando seus nervos para encarar o que viria pela frente. Em primeiro lugar, reativar todos os circuitos de sua vida. Seu sentimento de desejo-que-eu-não-estivesse-aqui foi parcialmente sufocado pelo pequeno calor sentido quando ele entrou na cabina de videofone, a gratuita para uso público.

Ele ligou para sua casa e um sorriso pequeno e tímido surgiu em seus lábios. A voz querida de Ellen o animaria, não mencionando os gritos de Randy e os três vezes mais agudos da pequena Wendy. Deus, os garotos estariam um ano mais velhos agora.

Nenhuma resposta. Ele franziu as sobrancelhas aborrecido. A família *teria* saído. Ele começou a ligar novamente e então mudou de ideia Não, melhor ir ao ponto certo. Muito difícil anunciar sua volta, o fracasso da missão e tudo, pelo telefone. Melhor contar isto cara a cara. Ele iria lá direto.

Antes de chamar um táxi-aéreo, Durk balançou a cabeça. Num impulso, ele decidiu andar, ao menos uma parte do caminho. Por que ter pressa quando um ano já, tinha se escoado? Ele foi em direção às calçadas rolantes que conduziam para fora do aeroporto, depois resmungou com desânimo para o cartaz - **NÃO FUNCIONA** .

Isto agora também? Durk sentiu um arrepio em sua pele. Voltando-se, ele viu seu reflexo na vidraça. Ele olhou para si mesmo, o homem que retornara da morte, com má vontade. Não, ele não tinha mudado superficialmente. Ele tinha ainda um corpo magro e alto, inclinado para frente como se estivesse impelido pelo vento. Um rosto vigoroso. - nariz vigoroso, orelhas grandes, lábios carnudos, pálpebras caídas, olhos castanho-esverdeados, queixada saliente. Nem bonito, nem extraordinário, nem notável, mas *poderoso*... o reflexo de uma mente de alta potência, nove habilidades de gênio.

Mente... gênio... QI... A lembrança enviou um vento frio através de seu sistema nervoso, mais frio que o gélido ar ártico.

Ele avançou para frente com passadas largas, acompanhando a calçada rolante quebrada, do aeroporto até as ruas. Ele subiu uma rampa até o 3º andar para uma melhor visão da cidade. Ele moveu seu olhar ao redor e não viu nenhum melhoramento. Havia o mesmo ar de decadência sobre a cidade, lentidão nas engrenagens, uma diminuição gradual mas inexorável do progresso.

Durk foi para a entrada do 3º andar do grande edifício cinza que abrigava o Escritório do Poder Cerebral do Mundo. O poder cerebral não estava no edifício, apenas as pessoas de inteligência pequena que dirigiam e distribuíam e relacionavam a inte-

ligência superior ao redor do mundo. Ele caminhou na entrada de mármore e pegou o elevador até o 33º andar. Quando ele saiu, um guarda de segurança tremendo barrou-lhe a passagem. Mas apenas por um momento. Após um rápido olhar para o rosto de Durk, ele sorriu e se afastou.

"Como vai o senhor, Dr. Durk?" ele disse numa voz não zangada, a zangada era reservada somente para as pessoas não autorizadas. "Pode passar, senhor".

Balançando a cabeça, Durk moveu-se com o sentimento inicial e difícil de irrealidade se aproximando a seu redor. Vários funcionários e subalternos cruzavam por ele no longo corredor do 33º andar. Todos eles o reconheceram e lhe deram um breve sorriso, mas nenhum parecia surpreso em vê-lo de volta do cemitério espacial. O sentimento de irrealidade arranhou sua espinha com dedos viscosos.

Na porta escrita - FINNEGAN LLOYD, CHEFE, EIM - Durk entrou sem hesitações. A senhorita Petrie, secretária de cabelos negros, olhou. Sua microminiatura-saia estava ainda mais curta que o normal, exibindo 90% de suas tentadoras e lisas pernas, bem proporcionadas até o ponto em que elas encontravam alguma coisa breve e preguiçada. Ela mantinha as pernas cruzadas na maior parte do tempo, sem necessidade.

Ela olhou para Durk, meio pálida a princípio. Ah, ele pensou, ela vai reagir agora, os olhos crescendo como se ele fosse um fantasma. Mac Durk estava enganado. Apenas reconhecimento surgiu em seus olhos, nenhuma surpresa. Sua voz era quase rabugenta. "Dr. Durk, o senhor não tem nenhum compromisso para hoje".

Nenhum compromisso? Todo mundo tinha ficado louco? Não percebiam que um homem morto tinha entrado? Um homem que há um ano atrás tinha sido lançado ao esquecimento? Como eles podiam encarar sua volta tal como a de Lázaro tão calma e indiferentemente?

"Estou certo de que o chefe quer me ver", Durk disse com voz firme. "Afim, ele não esperava mais - que eu entrasse aqui novamente..."

"Ah?" resmungou a garota, sem compreender.

"Esqueça", repreendeu Durk, caminhando para a porta interna do escritório.

"Você não pode perturbá-lo. Ele está ocupado..." A senhorita Petrie tinha descruzado suas pernas compridas e investiu sobre ele, mas Durk escapou, agarrando a maçaneta da porta. Ele parou um instante, respirou fundo e entrou. O chefe estava lá para um susto. Certamente, ele não iria, ele não podia reagir tão indiferentemente. Lloyd tinha sido um dos que o enviara ao espaço...

O homem gordo e careca na escrivaninha tinha suas sobrancelhas enterradas numa brochura, resmungando excessivamente. No início, ele não olhou. Finnegan Lloyd de algum modo dava a impressão de ser um dínamo ligado ao invés de um ser humano. Energia parecia derramar-se dele e carregar o ar. Os lábios de sua boca estreita nunca estavam parados. Eles constantemente se torciam, contorciam, franziam, enrugavam, curvavam, retorciam. Seus olhos eram ainda mais notáveis, um azul intenso que parecia espalhar faíscas no ar, como se o cérebro atrás dele fosse uma máquina de alta voltagem.

Agora, estes olhavam fixamente para o visitante, com raiva. "Como você conseguiu passar pela senhorita Petrie?" ele resmungou, seus lábios móveis soltando as palavras com força. "Eu falei a ela que estou ocupado demais para receber alguém..." Ele interrompeu, dando uma olhada completa no homem alto e magro que esperava ansiosamente.

A voltagem em seus olhos caiu sensivelmente. Até um sorriso tímido foi esboçado tortamente por seus lábios. "Oh, é você, Durk. Mas olhe, homem, eu estou realmente ocupado".

"Ocupado?" perguntou Durk, pasmado. Por um momento, seus lábios se mexeram mas nenhuma palavra surgiu. "Mas chefe", ele finalmente disse, "não vê quem sou? Olhe para mim. Estou de volta, de volta do..."

Um áspero zumbido o interrompeu. Lloyd inclinou-se para atender o videofone, no qual um rosto preocupado apareceu. Lloyd deu um olhar de desculpas para Durk, seus lábios dizendo, "Chamada importante. Você se importa, velho? Venha mais tarde, daqui a duas horas, tá?"

Sem esperar resposta, Lloyd voltou-se para o videofone e pressionou o botão. A imagem começou a falar num murmúrio desanimado.

Parando aturdido, Durk imaginou se algum feitiço de bruxa tinha sido lançado. Como Lloyd podia ignorá-lo, o sobrevivente impossível do espaço? Lentamente, Durk se virou e deixou o escritório. A senhorita Petrie deu-lhe um sorriso indeciso, seus olhos ficaram confusos, então encolheu os ombros e curvou-se sobre a máquina de ditar, falando suavemente. O barulho da máquina, no ritmo de sua voz rápida, seguiu Durk quando ele saiu no corredor e apoiou-se contra a parede para se recompor. Ele realmente tinha que se recompor pois ele se sentia como um homem que tinha caído com suas partes espalhadas por todos os lugares.

Alguma coisa inacreditável estava acontecendo. Alguma coisa misteriosa...

Ele não era fantasmagórico. As pessoas podiam vê-lo, isto ele sabia. Ele era sólido e real - ou era ele? Durk não estava nem mesmo seguro neste momento confuso. Sentindo-se tolo, ele foi para o banheiro dos homens e deu uma rápida olhada no espelho. Seu rosto magro e olhos com pálpebras pesadas olhavam fixamente para ele. O mesmo rosto que a senhorita Petrie e Finnegan Lloyd e todos os outros conheciam. Mas um rosto que eles não tinham visto durante um ano. Um rosto que eles não podiam mais esperar que os encarasse novamente, após sua longa estadia no espaço numa missão sem prazo - Projeto do Cadáver Espacial. No máximo, eles podiam esperar ver seu rosto congelado com olhos fechados e pele pálida.

Sem graça, Durk pensou naquela piada velha em que um camarada dizia, "Ei, estou de volta" para receber esta resposta inesperada, "Oh, você tinha saído?"

Durk repentinamente desejou fumar. Engraçado, mas seu hábito de fumar tinha sido esquecido desde seu retorno à Terra. Ele apalpou o bolso direito do paletó, lembrando-se então que o tinha ganho dos técnicos esquimós. Mas ele achou o dinheiro que eles inteligentemente tinham colocado no bolso.

Descendo de elevador ao vestibulo, Durk colocou uma moeda na máquina vendedora que oferecia todas as variedades de fumo e um pacote de *Grande's* apareceu. Durk nervosamente rasgou a embalagem e enfiou um gordo charuto em seus lábios. Duas sopradas e a ponta que acende sozinha ardeu, soltando anéis de fumaça.

Durk inalou-a profundamente em seus pulmões, tossindo no começo, mas depois sentindo os efeitos calmantes como se seus nervos em frangalhos se tranquilizassem com as fumaças narcóticas. Era uma das poucas coisas boas do mundo para voltar ao...

Durk suspirou um pouco surpreso. Ele quase tinha esquecido suas primeiras reações ao seu retorno indesejável à Terra. Mas isto, também, fluía agora sobre ele em vagas negras. *Por que eu não morri? era acrescentado por: Por que ninguém se surpreende com a minha volta?*

Sentindo-se mais calmo após fumar metade do charuto, Durk deixou o edifício. O chefe tinha dito para voltar daqui a duas horas. Ele tinha tempo. Durk encontrou uma cabina de videofone numa esquina e tentou telefonar para sua casa de novo. Novamente nenhuma resposta. Resmungando, Durk começou a andar com outro destino no pensamento. Seu laboratório.

Talvez *eles*, sua equipe, o receberiam com braços abertos e o reconheceriam. Por meio de uma longa associação, havia um laço entre ele e sua equipe de trabalhadores.

Enquanto ele andava - não era longe - ele imaginava se algumas das incansáveis linhas de pesquisa tinham chegado a algum lugar. O Inseto. Qualquer um que cruzasse pelo homem alto teria visto seu rosto se tornar mortalmente carrancudo. Era quase uma dolorosa explosão de pensamento que fora introduzido nele pelo Inseto. O Inseto tinha feito isto para ele de forma indireta. Tinha dominado sua vida, tiranizado-o, atormentado-o pelos últimos dez - não, onze - anos agora.

Por pouco, ele se voltou, odiando retornar ao seu laboratório, onde trabalhava. Isto agigantava-se cada vez mais como um calabouço de torturas em sua cabeça.

Um labirinto de enigmas alucinantes e frustrações opressoras. Era a principal razão por que ele odiava voltar à vida - por causa do Inseto.

Durk estava preocupado demais para ver o grande caminhão aerodinâmico que avançava sobre ele quando atravessava um cruzamento. A dura grade de metal da frente dirigia-se a uma colisão direta. Com um suave suspiro, o freio eletromagnético diminuiu um pouco a velocidade e depois parou a grade a uma jarda de Durk. Na cabina, o motorista estava sentado rigidamente num casulo evita-mortes que instantaneamente se inflou a seu redor para anular o choque da freada brusca. Ele olhou para Durk e gritou "Pedestre louco!" Durk olhou para o caminhão e desejou com fé que o tempo recuasse meio século ou mais, quando pessoas descuidadas eram mortas por veículos como aquele.

Mesmo isto lhe foi negado, uma rápida e brutal execução pela máquina.

Em frente, ele via agora o laboratório em forma de cúpula, no Parque da Ciência que abrigava dúzias de cúpulas, cada uma, um santuário de uma ciência diferente. Era um complexo, ao qual, de uma só vez, qualquer problema podia ser lançado e esta oficina de cérebros iria resolver a questão.

Mas apenas metade das cúpulas estavam em funcionamento agora - não. O rosto de Durk tornou-se pálido quando ele viu que #47 estava agora fechada e sua porta selada. Seus olhos tremeram cheios de medo. Duas outras que estavam fechadas agora, há um ano atrás, estavam abertas. Durk tremeu como se um vento uivante estivesse sacudindo-o.

Desde que estivera no espaço, mais três laboratórios tinham fechado suas portas - para sempre. Menos que a metade eram agora postos científicos avançados em condições miseráveis, conservando o lugar como se fosse o último local de Custer, desesperadamente. Ele parou. Numa das cúpulas abandonadas, tinham rabiscado em grandes letras deformadas - BOA LIBERTAÇÃO, GAROTOS DE CÉREBRO.

Durk estremeceu. Era mais um sinal de uma coisa vil e repugnante se arrastando pelo mundo, o triunfo maligno dos normais. O Inseto era aliado deles, seu cúmplice, seu herói. Eles encorajaram seu advento e...

Com esforço, Durk fechou esta horrível fonte de pensamentos. Ele andou a passos largos em direção à cúpula número 3, seu laboratório, fosse triste ou não, encontrá-lo deserto e silencioso. Ao invés disso, estava zumbindo naquele som subliminar que parecia sair de qualquer laboratório, quase como se fossem ruídos sutis de cérebros trabalhando.

A placa da porta dizia - LABORATÓRIO DE VIROLOGIA. ENCARREGADO, DR. WAYNE DURK.

Na porta, Durk hesitou e então recuou. Num golpe de solicitude simpática, ele não queria enfrentá-los diretamente. Pequenos traumas resultariam em suas mentes sen-

síveis, ao verem seu chefe, perdido por um ano e por esta razão morto, andando cheio de vida.

Ou eles iriam apenas se virar e sorrir e voltar ao trabalho?

Chocado com esta possibilidade, Durk começou a andar quase que furtivamente ao redor da curva da cúpula até chegar à grande janela redonda através da qual a radiação solar era recolhida em alguns experimentos. Ele espiou e sentiu uma animação momentânea, quando ele viu o velho Doe Sawyer debruçado sobre suas culturas, seu cavanhaque irregular quase mergulhando dentro... o musculoso Todd assobiando enquanto esperava a ultra-centrífuga diminuir a velocidade... a pequena e encantadora Trina acionando as teclas do computador delicadamente mas com autoridade, conhecendo seu ofício... Bates, "rapaz do Inseto", espiando a tela do méson-microscópio... mas e aquela figura alta ligeiramente inclinada? Um homem novo?

A figura se virou. Durk gelou-se tão rigidamente como se estivesse de novo no espaço. Ele esfregou os olhos mas a alucinação não foi embora.

Como podia aquele homem ser?

Abatido, Durk ouviu a forte voz de Henty, especialista em reprodução de vírus, que dizia: "A linhagem 66-B é um aborto, Dr. Durk".

O homem, que ele chamou de Dr. Durk, olhando como se estivesse sempre inclinado no vento, apenas deu outra tragada em seu charuto e deu de ombros com eloquência. Observando através da janela, Durk podia dizer a marca do charuto pela sua forma grosseira. *Grande's*, a marca que ele sempre fumou...

E em todos os outros modos, *aquele homem lá dentro era seu sósia*.

Não um sósia parecido. Um sósia exato. Cada traço, cada linha de seu corpo, cada expressão, cada gesto - era Wayne Durk por inteiro novamente, em carne.

Em carne? Não, como isto podia ser? A mente confusa do Durk de fora tentou raciocinar. Um robô, um androide, alguma espécie de mentira humana? De qualquer forma, um impostor.

Agora, numa rápida retrogressão, Durk podia entender porque ninguém tinha ficado surpreso em vê-lo antes. Eles tinham pensado que este seu fantástico gêmeo tinha entrado e não o Durk que tinha estado perdido no espaço.

Enquanto a surpresa crescia lentamente, a raiva ferveu em Durk. Que espécie de brincadeira era esta? O chefe tinha feito isto, mas por que? Qualquer que fosse a coisa que havia lá, qual era seu propósito? Evitar que a equipe soubesse que seu chefe estava morto, perdido no espaço? Mas como podia uma criatura criada passar por coisa real e convencer qualquer um... não, isto não fazia sentido. Isto era apenas um enorme contra-senso

Durk lamentou-se e correu em direção à porta, fervendo por dentro. Então ele ordenou a si mesmo para acalmar-se. *Controle-se a si mesmo, rapaz. Aja como um cientista, um homem inteligente, não como um bruto furioso*. Devia haver alguma razão lógica pela qual seu sósia tinha sido instalado em seu laboratório, aparentemente fazendo o seu trabalho.

Ele começou a abrir a porta lentamente, sem pressa, como ele normalmente faria. Ele não deixaria isto atingi-lo. Ele entraria calma e friamente, mantendo a cabeça e a dignidade. Então, ele polidamente pediria para aquela falsificação... aquele impostor... aquela dissimulação... aquela cópia de carbono... aquele sósia... aquela imitação dele mesmo... para gentilmente ir ao inferno enquanto o real o substituiria.

Com a porta parcialmente aberta, Durk ouviu vozes em sua direção. O outro "Durk" estava explicando algo para alguns de sua equipe na mesma voz suave-firme que Durk usaria. Fez sua pele arrepiar ouvir suas próprias inflexões e as nuances tonais até o último som e "decibel".

Espiando através da porta meio aberta, Durk pôde ver seu sócia levantando um dedo naquele gesto peculiar que ele sempre usava para enfatizar. E uma sobrancelha estava erguida num modo típico de Durk quando pensava em algum problema científico, como este que eles discutiam agora.

A voz, os gestos, cada pequeno maneirismo de Durk estava fantasticamente sendo exibido por esta... esta criatura.

Chocado, Durk não acabou de abrir a porta para entrar. Ele silenciosamente a fechou e cambaleou para fora. Atingiu-o fortemente ver que seu sócia dificilmente podia ser distinguido do original. Um extravagante pensamento atravessou-o, tirado de um show de TV antigo que ele tinha visto...

Pode o Wayne Durk verdadeiro por favor se levantar?

CAPÍTULO III

A confusa mente de Durk percebeu que já anoitecia. Ele estava num bar, tomando seu décimo quinto - ou era o décimo oitavo? - Manhattan. Beber não era a solução, mas ele não tinha outra solução para tentar.

Como Durk tinha obtido o dinheiro lhe trouxe um magro sorriso aos lábios. Ele simplesmente assinou um cheque e o dono do bar entregou-o para o examinador de rotina que ligou para a Bolsa Central de Caligrafia. Naturalmente sua assinatura foi confirmada. Uma coisa que seu sócia não podia tirar dele era a conta bancária. Assim Durk pôde sacar dinheiro.

Um dos charutos *Grande* queimava-se num cinzeiro. Ele deu uma tragada, mas tinha gosto de velho e ele jogou a ponta aborrecido.

Ele era um fantasma, disseram seus pensamentos embriagados. Uma sombra. O esqueleto no jazigo da família. Ele nem podia ir a seu laboratório e cumprimentar sua equipe. Um desterrado. Um exilado. Nada disto era a definição certa para sua posição incrível em que seu sócia maldito tinha usurpado sua vida.

Ele olhou para o relógio, assustado. Ele tinha esquecido, mas já era muito tarde para ver o chefe. Além disso, ele não queria relatar tudo isto agora, não enquanto suas emoções estivessem nesta luta terrível.

E não ajudou ver as notícias na TV do bar. As notícias falavam de uma nova crise na União Mundial Terrena, enquanto a Assembleia Geral discutia se enviava mais poder cerebral mundial para a Província Europeia ou para a Província Soviética. As duas precisavam de pessoal técnico-científico para prevenir um colapso de seus sistemas de energia elétrica com usinas manejadas por engenheiros competentes.

Como que para enfatizar a falta de tais mentes treinadas, a TV pifou e um cartaz imediatamente apareceu - PROBLEMA TÉCNICO, POR FAVOR AGUARDE.

E isto fez Durk recordar do mundo ao qual ele fora forçado a retornar. Um mundo parando de funcionar como um relógio quando a falta de cérebros crescesse mais e mais... não, ele não queria pensar nisso. Ele tinha bastante problemas próprios.

A imagem retornou, com um pouco de barulho e mostrou o frágil sorriso do apresentador que dizia: "O Movimento Anti-Cérebro parece estar se espalhando, de acordo com rumores recentes. Cientistas da Índia foram atacados e derrotados. Janelas de laboratórios são quebradas por pedras. Suspeita-se que uma organização internacional atual tenha sido criada, jurando tomar o controle do mundo daqueles que eles chamam os "Cerebrais", e a quem acusam de causar todos os problemas da Terra... "

Durk sorriu amargamente. Eles tinham invertido tudo. Era a falta de "Cerebrais" que causava os problemas. Que loucuras estavam acontecendo no mundo? Onde isto iria terminar?

Através do embaçamento de seus olhos, Durk viu três homens corpulentos entrar e examinar severamente os fregueses. Estavam vestidos com roupas grossas e tinham rostos duros. Durk de repente sentiu um calafrio que o despertou, quando os olhos deles se fixaram sobre ele e sua roupa limpa. Eles cochicharam entre si, apontando-o. Então se dirigiram a ele.

"Seu nome", falou um dos homens.

Durk estava prestes a responder com orgulho mas então se conteve. Ele não podia dizer que era o Dr. Wayne Durk, não quando outro homem com aquele nome tinha o poder sobre o laboratório de virologia no Parque da Ciência. De qualquer forma, não lhe pareceu certo usar aquele nome. Durk procurou em sua mente um tanto confusa e improvisou, "Dan Holton. Mas o que isto interessa para vocês.. "

"Já chega", gritou o homem olhando com raiva. "Você tem certeza de que não é o Dr. Wayne Durk? Você se parece com ele".

Durk endireitou-se assustado. Como eles o conheciam? Era quase como se eles tivessem memorizado rostos e estavam procurando por eles. Surgiu em sua cabeça - o Movimento Anti-Cérebro.

"Não, não pode ser", murmurou um dos bandidos. Nenhum Cerebral mentiria. Eles são muito orgulhosos. Esqueça-o".

Os outros dois concordaram e com último olhar carrancudo para ele, eles se viraram para o bar e pediram bebidas sem delicadeza nenhuma. Durk pensou nos truques excêntricos da sorte. Normalmente ele teria dado seu nome verdadeiro e talvez ganhasse um tratamento brutal dos Homens AC. Mas como seu sócia existia, ele espontaneamente deu um nome falso. E salvou a si mesmo. Por dentro, Durk queria rir. Mas reprimindo-o. Ter um sócia era pior que qualquer brutalidade.

Sua mente parcialmente mais lúcida por causa do incidente, Durk bateu seu copo meio cheio sobre a mesa e se levantou para sair. Lá fora, um vento da noite fria varreu todas as teias de aranha de sua cabeça. Seus passos se apressaram com impaciência.

Lar. Ellen e seus filhos. Estúpido, sentar para beber e pensar em seu gêmeo no laboratório quando ele tinha uma mulher para re-encontrar. Certamente ela estaria em casa agora. Durk hesitou na cabina de videofone da esquina e progrediu. Sua voz no telefone a chocaria muito mais do que vê-lo em pessoa. - Seis de um, meia dúzia de outro.

Durk chamou um táxi-aéreo, tendo ainda bastante dinheiro. Muito longe para andar até sua casa, na Cidade Baixa, para lá dos subúrbios. O helicóptero voava suavemente no meio do tráfego aéreo e dirigiu-se para a Cidade Baixa com suas fileiras de casas sobre pilares de plástico. Cada casa era individual com seu lote de terra próprio e luz do sol artificial brilhando durante todo o dia, mas estavam todas empilhadas em cem fileiras, uma casa atrás da outra. Durk imaginou como era na metade do século antes da explosão populacional, quando as famílias podiam possuir uma porção de terra. Ninguém lucrava com isto exceto os ricos sujos ou os exploradores.

A casa de Durk estava na terceira fila em si mesma, uma marca de seu alto status de cientista importante. O táxi-aéreo desceu rapidamente entre as fileiras e o deixou no fim da "rua". Durk pagou e caminhou para sua casa branca com enfeites verdes, em forma de abóbora e rotativa mesmo a luz do dia.

Seus passos tornaram-se progressivamente mais lentos. Como ele ia encarar uma esposa que não via há um ano? O que iria dizer? "Alô, meu bem. Estou de volta. Como vão as coisas?" Mas para ela, ele seria um homem morto que voltou à vida. Ele tinha que dizer alguma coisa para diminuir o impacto. Como,

"Ellen querida, eu não estou morto como eles falaram... eu estou vivo". r

Ou uma tirada humorística? "Minha morte no espaço foi muito exagerada".

Maldição. Não havia a coisa certa para dizer. Nenhum jeito de atravessar a enorme distância entre estar vivo e estar ausente por um ano. E presumivelmente morto, com não muito do "presumível" por lá.

Caminhando para a porta da frente, ele encolheu os ombros e agarrou a maçaneta. Não, ele não podia entrar direto e provocar uma crise. Melhor tocar a campainha e deixar que ela abrisse a porta. Mas seu dedo tremeu e ele retirou-o da campainha.

Onde estava ela? Estaria descansando? -, Brincando com as crianças? Sentindo-se como um ladrão, ele decidiu espiar pela janela primeiro. Para fazer isto, ele teria de andar através do jardim e olhar de soslaio pela janela da sala de estar. Olhando a rua de todos os lados para se certificar de que nenhum vizinho pudesse testemunhar suas ações particulares, ele andou! no meio de arbustos até a janela.

Mas antes que ele pudesse erguer o rosto para olhar para dentro, ele ouviu um leve zumbido de um carro com motor de turbina. Uma olhada assustada por cima dos ombros mostrou o carro vindo em sua direção, tendo subido a rampa de acesso para a fila três. Era um Órion esportivo, o mesmo carro que ele tinha há um ano atrás; com uma leve amassada no lado esquerdo do para-choque da frente.

Durk parou apavorado, sentindo uma irrealidade de pesadelo cair sobre ele novamente. O carro parou e dele saiu o Dr. Durk - o outro. Durk respirava com dificuldade, não acreditando no que seus olhos viam.

Seu. laboratório e seu lar? Durk não estava preparado para esta impensável extensão do papel de seu sócia. Porque, ele estava usurpando sua vida toda...

Era como um sonho impossível. Durk permaneceu escondido entre os arbustos e observou seu outro ser andar e abrir a porta com toda familiaridade de um homem chegando em casa, para sua família.

Como ele se atrevia? Como ele se atrevia a fazer uma coisa tão vil? A raiva provocou uma tempestade em Durk e ele quase se precipitou, mas seus joelhos estavam fracos demais para que ele pudesse se mover. A porta abriu-se e o outro Durk entrou. Ellen veio sorrindo para recebê-la. Através da porta aberta, Durk viu os braços dela enlaçar o homem que entrou. Era o abraço de uma mulher apaixonada.

A atrocidade se acumulou sobre atrocidade quando um menino e uma menina vieram correndo com gritos infantis, atirando-se sobre o pseudo-papai

Olhando, Durk dificilmente foi capaz de controlar seus lamentos internos. O falso Durk estava roubando todo o ardor e afeição que ele, o verdadeiro Durk, deveria receber. Era um roubo muito pior do que se ele tivesse roubado uma fortuna de Durk.

Mas um outro pensamento aterrorizante explodiu na mente de Durk, como uma bomba. Como Ellen e as crianças puderam ser enganadas? Eles conheciam cada pequeno maneirismo, o menor movimento de seus lábios quando falava, a mais sutil mudança das expressões em seus olhos .. Ninguém poderia imitar o repertório completo das características de um homem o bastante para enganar aqueles com quem ele viveu intimamente sua vida diária.

Então como eles podiam tomar este Durk fraudulento como o Durk real?

Todo o mundo de Durk estava se desabando sobre ele. Havia apenas uma resposta insana e inconcebível - o outro Durk era uma cópia de carbono exata. Não apenas um sócia por fora, mas por dentro também. Ele devia possuir toda a memória que Durk tinha tido. Devia inconscientemente agir como Durk sob todas e quaisquer circunstâncias. Um boneco que era tão real como seu dono. A conclusão inevitável a tudo isto surgiu à sua maneira entre os pensamentos confusos de Durk...

O segundo Durk devia acreditar que ele É Durk.

Estavam eliminadas todas as possibilidades de androides inteligentes ou robôs trei-

nados ou qualquer outra duplicata feita em laboratório. O sósia era um "fac-símile" de Durk não apenas em carne e osso, mas também em cérebro e pensamento, até a última célula e onda cerebral.

Mas como isto podia ser? De onde ele veio?

Durk falou para ele mesmo não pensar nisto. Isto atrapalharia ainda mais seu já insuportável tormento. Mas ele não pôde evitar o impulso de levantar lentamente sua cabeça, em sua posição atrás dos arbustos e olhar para dentro da sala de estar.

Era como um vídeo-tape, uma estranha sensação de ter vivido a cena antes. Lá estava sentado seu usurpador tomando um coquetel com Ellen, sorrindo um para o outro. Então ele se inclinou para frente para pegar um aperitivo de queijo com batata frita, segurando primeiro e colocando-o em seus lábios ostensivamente. Então ele o engoliu de uma só vez, com os olhos atentos para o tom do barulho das risadas das crianças.

Os olhos de Durk arregalaram-se. Tudo isto era feito como ele sempre tinha feito, uma espécie de ritual familiar. Nos mínimos gestos e expressões faciais. Nenhum homem podia imitar esta simples mas complexa série de pequenos movimentos e distorções faciais. Nenhum homem senão Durk, o verdadeiro Durk, podia fazer isto. .

Como seu sósia podia ser tão real?

A mente de Durk flutuou num mar nebuloso de incompreensão e descrença. Era como se ele tivesse morrido e fosse reencarnado em sua semelhança exata. Um repentino medo oculto atravessou-o. Teria morrido em algum ponto no espaço, sem saber? E então algumas forças estranhas tinham-no recolocado fisicamente na Terra?

Ele sacudiu este pensamento louco de sua cabeça, pela evidência anterior de que as pessoas o enxergaram e que ele era palpável e vivo.

Agora Randy, de 10 anos, estava orgulhosamente mostrando ao seu "papai" como ele podia obter respostas de seu computador de brinquedo. Um brinquedo que era igual aos grandes computadores dos tempos da metade do século. Então a pequena Wendy, de 5 anos, correu para seus braços, com suas tranças voando. Com um sorriso feliz sulcando suas faces bochechudas, ela deu um beijo úmido em seus lábios, simbolizando o mágico amor de uma criança para seu pai...

Mas Durk não estava olhando mais. Ele não podia suportar. Ele tinha se abaixado nervosamente, tentando evitar gritar alto. Esta abominável farsa tinha que terminar. Era um sacrilégio um sósia diabólico de um homem representar o papel de um homem verdadeiro na família, sob falsos pretextos e roubar o amor.

Durk começou a reconfortar seus nervos à flor da pele. Tinha que ser feito agora. Mas não com raiva ou com denúncia amarga. Tinha que ser feito de maneira sutil de modo a não assustar Ellen e as crianças mais do que o necessário.

Ele apertaria a campainha, depois entraria calmamente. "Senhor", ele diria polidamente. "Eu sou Dr. Wayne Durk. O original. O único. O que, ou quem quer que seja, eu lhe peço para sair da minha vida e..."

Besteira. Isto seria ridículo. Não, ele teria que entrar com ousadia, um pouco encolerizado, pois ele tinha este direito e declarar com firmeza: "Agora olhe aqui. Dê uma olhada e você verá que eu sou o Dr. Durk. Como isto aconteceu; eu não sei, mas fora - fora! Está me escutando? As explicações virão mais tarde e..."

Durk continuou a imaginar uma dúzia de outras maneiras. Mas não importava o que ele diria, Uma visão completa surgiu em seu pensamento; Ellen olhando fixamente com olhos arregalados para os dois homens, tão parecidos como duas ervilhas numa vagem. Randy e Wendy... seus pequenos corações bateriam de medo, de medo ao verem dois papais idênticos, a lealdade deles já rompida...

Não, não. Durk viu que era impossível entrar e afetar as vidas daqueles que ele

amava acima de tudo. O trauma daria a seus corações amantes e mentes delicadas um golpe mortal. A situação tinha que ser resolvida de outra maneira. Em particular, entre ele e o sócia Durk. Então o outro Durk iria embora para nunca mais voltar.

Outro pensamento estranho surgiu na mente de Durk. Quando o sócia tinha aparecido, depois do seu voo espacial fatal? No dia seguinte, talvez? Neste caso, Ellen e as crianças nunca sofreram a perda de um marido e pai. E se Durk entrasse, dizendo que estava de volta da morte, eles pensariam que ele era o impostor...

Durk rendeu-se a isto, com um lamento. Penosamente, sentindo-se como se atravessasse o purgatório, ele se arrastou pelos arbustos e lentamente se encaminhou para a rua, com os ombros caídos. Qualquer que fosse a resposta para - este mistério de agonia, Durk não podia ver nada senão escuridão a frente em sua vida.

Um sócia não significava apenas um problema duplo. Isto crescia geometricamente em grandezas num macro-problema além da capacidade humana de enfrentá-lo.

Seu chefe da EIM, Finnegan Lloyd devia saber alguma coisa sobre isto. Ele o veria em primeiro lugar, logo de manhã. No resto da noite, Durk foi uma figura solitária vagando pela cidade escura, fitando as estrelas com apelos silenciosos de vez em quando.

CAPÍTULO IV

"Entre, Durk", disse Finnegan Lloyd com sua voz dinâmica que parecia eletrizar o ar. "O que posso fazer por você tão cedo? Você não voltou mais ontem, você sabe".

Durk falou lentamente. Ele tinha ensaiado durante a noite toda.

"Segure-se, chefe. Eu sou o verdadeiro Durk..."

Ele falou tão lentamente que Lloyd o interrompeu. "Bem, claro que você é Durk. Ninguém duvida de sua identidade ou suspeita de que você seja um espião". Ele continuou com vivacidade. "Bem, o que há, homem? Alguma coisa errada com o laboratório? Falta de suprimentos? Alguma coisa mais que você precise?"

"Sim", disse Durk numa voz quase sepulcral, "eu quero minha identidade de volta, minha posição, meu laboratório, meu lar... minha vida. Tudo isto foi roubado de mim".

"Durk, o que você está..." Lloyd de repente examinou mais de perto o rosto magro e os olhos embaçados de Durk. "Espere... *quem é você?*"

Um leve sorriso surgiu nos lábios de Durk, "Ah, você está começando a perceber quem eu sou. (Eu sou o Wayne Durk que partiu numa missão espacial em 5 de maio de 1997, um ano atrás e nunca voltou - até agora".

Finnegan Lloyd olhou como uma estátua congelada de boca aberta. O susto em seus olhos brilhava quase como um farol. Finalmente, ele se mexeu... rapidamente. Ele foi até a porta e puxou a alavanca de segurança que impedia que a abrissem do outro lado. Então ele moveu seu corpo gordo para a janela e a fechou. Após desligar o telefone e o gravador, e olhar pela sala como que para ter a certeza de que nenhum espião estivesse escondido sob os móveis, ele encarou Durk.

"Você sobreviveu", ele sussurrou, apavorado. "E voltou. Como?"

Resumidamente, pronunciando as palavras com clareza, Durk contou sua história.

"Um milagre maldito", murmurou Lloyd. Pelo tremor de suas mãos, ele estava chocado por esta aparição real e viva. "Não esperávamos mais que você voltasse vivo, depois que perdemos o curso de sua nave espacial". Ele se alegrou e se tornou cordial, mas de uma maneira forçada como que de má vontade. Ele estendeu a mão. "Contente que você tenha voltado, Durk. Maravilhoso encontrar você vivo..."

"Deixe de lado esta estúpida mão boba", disse Durk, muito agitado por dentro. "Eu quero saber uma única coisa - *quem é aquele homem no meu lugar?*"

"Oh, você se refere..." Lloyd gaguejou, agora completamente perturbado.

"Sim, eu me refiro ao outro Durk. Meu sócio.

Aquele que tomou meu laboratório e meu lar e beija a minha mulher..." Durk recuperou o controle com dificuldade. Mas havia ainda uma rispidez histérica em sua voz quando ele continuou. "Ele é tão igual a mim como eu mesmo. Se eu estivesse

barbeando seu rosto no espelho eu não saberia a diferença. Ele é eu, por dentro e por fora. E até mesmo aqui". Durk bateu na cabeça. "Agora explique, se você sabe alguma coisa sobre isso". Sua voz se ergueu quase como um grito.

O chefe da inteligência mundial colocou uma mão repousante no braço de Durk. "Acalme-se, homem. Eu vou explicar". Ele deu um olhar apreciando Durk. "Mas será difícil para você aguentar".

"Fale", gritou Durk, sacudindo suas mãos violentamente. "Eu quero ouvir esta maldita história, do começo ao fim".

"Sente-se", convidou Lloyd, deixando-se cair em sua cadeira forrada atrás da escrivaninha. Durk concordou, tensamente, sentando-se como uma mola enferrujada.

Lloyd ergueu um lápis e brincava com ele nervosamente. "Em primeiro lugar, Durk, nós não sabíamos que você voltaria algum dia. Nós pensávamos que você tivesse ido embora para sempre e..."

"Pule as desculpas e todas estas besteiras", repreendeu Durk, seus olhos escuros coagindo seu chefe.

Lloyd repentinamente mudou de assunto. "Lembra que antes de você subir no foguete, nós fizemos um, exame médico completo em você? Você pensou que era uma rotina, mas nós fizemos uma gravação de você".

"Gravação?" repetiu Durk, pálido. "De minha voz?"

"Não sua voz", resmungou Lloyd inseguro em continuar. "Uma espécie diferente de gravação que..." Ele parou e levantou-se. "Oh, inferno. Eu não posso falar isto tão friamente. Venha comigo e você verá a coisa toda com seus olhos".

Confuso e mais calmo agora, Durk levantou-se e seguiu o homem gordo para fora do escritório. . . Lloyd sussurrou umas palavras para sua secretária e ela rapidamente pegou o telefone.

Lloyd conduziu Durk no hall de entrada e no corredor para o elevador. Mas este estava separado dos outros elevadores públicos. Lá havia também um guarda que ficou de lado quando Lloyd chegou. Durk viu com crescente preocupação que Lloyd usava uma chave para abrir as portas antes que eles pudessem entrar. Lloyd ficou quieto quando o elevador passou os 33 andares e continuou a descer. Durk podia sentir isto embora nenhum marcador no elevador revelasse os andares. Obviamente Durk sentiu que ele estava entrando em alguma coisa muito secreta.

Algum lugar bem longe, no subsolo.

A porta abriu e eles saíram num hall de entrada de concreto, desta vez encontrando três guardas, fortemente armados. Eram guardas de segurança do EIM por causa de seus emblemas no braço.

"Sua identidade, senhor", disse um deles, respeitosamente mas com firmeza.

Durk esperou que Lloyd se queimasse de raiva por terem pedido a sua identidade, mas ao contrário, ele humildemente tirou um salvo-conduto de metal. O guarda fez um sinal com a cabeça e ficou de lado. Seus passos ressoavam no hall de entrada de concreto, que terminava numa sólida porta de aço ladeada por dois guardas. Eles cumprimentaram o chefe; certamente tinham sido avisados pelo interfone que ele vinha vindo e abriram a maciça porta.

Durk respirou para o que viria pela frente. Era a visão inicial de um sistema hospitalar gigantesco, entremeado de laboratórios e computadores, entre os quais passaram. Médicos vestidos de branco e enfermeiras moviam-se entre cientistas de aventais. O som de aparelhos eletrônicos e de outros apetrechos enchia o ar.

"O que é este lugar?" perguntou Durk com a curiosidade quase explodindo. "Eu nunca tinha visto ou ouvido falar disto antes".

"Foi construído enquanto você estava perdido no espaço", disse Lloyd.

"Nome?"

Uma pequena hesitação, depois. "Laboratório de Recriação".

"Recriação?"

"Paciência, homem. Você vai descobrir daqui a pouco o que isto significa".

Durk acalmou-se, satisfeito porque logo lhe dariam uma explicação pelos gêmeos idênticos ao invés de uma única pessoa. Mas de certo modo, na mesma hora, ele teve medo da revelação.

Lloyd foi até uma câmara onde um imenso complexo de computadores enchia a maior parte da sala. Um homem estava nu numa cama sob uma cobertura de plástico. Uma caixa como um projetor de raios emitia luzes brilhantes, que caíam sobre o corpo, da cabeça à ponta do pé, numa cadência rítmica. Para frente e para trás, uniformemente.

Estranhamente, isto lembrou a Durk uma câmera de TV filmando com atenção ou movendo-se lateralmente sobre o objeto mirado. Durk fez uma exclamação assustada, espiando através da cobertura transparente.

"Como! Este é o Dr. Eng da Província Chinesa. Um excelente cientista nuclear. O que ele está fazendo aqui neste lado do mundo, sob esta. cobertura estranha?"

Lloyd não respondeu mas chamou um homem de avental, que Durk reconheceu, surpreso. "Doutor Hazen, quem me fez o exame médico antes de eu partir há um ano atrás".

Lloyd murmurou alguma coisa no ouvido de Hazen e os olhos deste arregalaram quando ele encarou Durk. "Dr. Durk", disse Hazen e sua voz tinha um pouco de medo. "O homem que voltou do espaço. E o primeiro homem a ser recriado..."

Lloyd deu-lhe um cutucão e ele tossiu, começando de novo. "Durk, eu vou explicar uma coisa que é completamente estranha para você. Algo que será uma surpresa total. Quando nós fizemos aquele exame médico antes de seu voo, você perdeu os sentidos por uns instantes. Lembra-se?"

Durk assentiu. "Vocês me deram pentothol. Disseram que era para me fortalecer".

"Nesse momento, você foi posto lá dentro". Hazen apontou o homem sob a cobertura.

"Por que?" disse Durk perplexo.

"Para fazer uma gravação de sua vida".

"Gravação de vida?"

Hazen tomou fôlego. "Um gravador faz uma gravação magnética numa fita. Sua voz pode assim ser tocada novamente. Uma fita de computador também pode ser reproduzida novamente. Um vídeo-tape recria um programa de TV inteiramente".

Hazen tentou ser academicamente indiferente, quando ele apontou o homem sob a cobertura. "Estes raios projetados usam neutrinos, partículas sub-atômicas que podem penetrar na matéria mais facilmente que os raios-X. O raio-N está penetrando em toda constituição física do homem, camada por camada, da pele superficial até a última célula e átomo. Isto faz uma gravação permanente do homem. Mas não apenas do corpo. Há uma ligação neuro-encefálica que grava as ondas cerebrais, as correntes nervosas e os mecanismos do cérebro. Isto dissecou o cérebro, em outros termos, e é capaz de gravar todos os padrões de memória impressos nos bancos de memória do córtex, para usar um termo da cibernética".

Durk pensava rápido e na frente, e a palidez de sua pele se tornou lentamente cinzenta. "Todas as células do corpo. Todas as partes do cérebro. Todas as memórias e circuitos nervosos e funções neurológicas. Mas... isto é o homem completo!"

Lloyd e Hazen olharam para Durk, como se esperassem por ele para continuar este inacreditável desenlace. Mas Durk não se atrevia. Era incrível demais. Ele balançou a

cabeça silenciosamente, seus lábios tremendo sem controle.

Durk não disse mais nada e se dirigiu para onde os técnicos manejavam os controles. O projetor de raios na cobertura foi desligado. Hazen levantou uma tampa e tirou um carretel de fita diferente, que parecia elástica na textura. Com o carretel debaixo do braço, ele acenou silenciosamente para Durk e Lloyd seguiu-o para o próximo quarto.

As pernas de Durk moveram-se como numa situação de sonho. Ele sabia o que estava vindo e ele ainda se recusava a permitir que o horroroso pensamento viesse para a superfície de sua consciência. Seu corpo alto e magro se enrijeceu quando ele viu Hazen colocar o carretel de fita dentro de um aparelho semelhante a um computador. O carretel começou a girar lentamente.

Hazen apontou para um grande tubo de plástico de oito pés de altura. Na ponta havia um espelho levemente parecido com uma lente de telescópio. O espelho brilhava fosforescentemente, mas Durk sabia que era uma radiação nuclear de alguma espécie. Ligado ao grande tubo, havia uma mangueira que ia para um tanque de metal cercado por ímãs gigantesco.

Enquanto os técnicos manejavam os controles, uma substância nebulosa, que lembrou a Durk o ectoplasma das fotografias de espírito, era conduzida para dentro do tubo.

"Este tanque é um reservatório magnético com enorme poder "gauss" que conserva energia das reações nucleares em suspensão. A energia está sendo conduzida para o tubo onde será transformada em matéria".

A velha teoria de Einstein, pensou Durk matéria em energia e vice-versa. Agora já era desenvolvida em larga escala. Mas com matéria viva...

Durk se libertou de suas prevenções, sua respiração crescendo até a palpitação.

"Sob a influência deste espelho de neutrinos no tubo", continuou Hazen pedantemente, "os átomos são criados num padrão preciso determinado pela reprodução da gravação de vida. Observe".

No tubo, Durk viu a giratória energia ectoplásmica tornar-se mais espessa e congelar-se. Ele teve a sensação de ver um corpo humano se formar dos ossos para fora. Havia breves lances de tecidos se formando, músculos, rede de nervos, camadas de pele. Ainda era apenas uma mancha vaga.

"Assim como uma imagem de TV é composta por linhas formadas rapidamente na tela, a gravação de vida forma um organismo camada por camada. Mas muito rapidamente, no domínio do tempo eletrônico medido em nanosegundos ou menos ainda".

A garganta de Durk estava seca. Sua língua produzia sons sem sentido diante do que se materializava dentro do tubo de plástico - um homem nu.

Um homem nu que era o sócio de...

"Dr. Eng!" disse Durk com voz rouca. "Ele... está " vivo?"

CAPÍTULO V

"Não ainda", disse Dr. Hazen suavemente. "Nós temos que passá-lo através de um processo de revitalização. Fazer seu coração e seus pulmões funcionarem, acionar as glândulas, esta espécie de coisa. Como bater num bebê recém-nascido para fazer que ele comece a respirar. E isto será seu "nascimento" para o mundo atual".

Finnegan Lloyd se voltou para olhar firmemente os olhos de Durk. "Agora você entende?"

Durk não pôde mais conter o fluxo de curiosidade em sua mente que tinha se inteirado de tudo que vira e ouvira. Estranhamente, uma calma desceu sobre ele.

"Sim, eu entendo. Vocês fizeram uma gravação de vida de mim antes que eu partisse. Então, quando eu parecia perdido no espaço, vocês reproduziram minha gravação de vida e me recriaram no tubo de plástico. Da mesma maneira como vocês fizeram com o Dr. Eng".

Ele ergueu seus olhos cansados que pareciam estar olhando um local proibido. "A *recriação* - como vocês chamam isto - é um sócia idêntico do homem original. Não apenas a mesma constituição física feita de uma nova matéria, mas o mesmo cérebro e mente e memória e hábitos e características e personalidade. Até a última gota psíquica" .

Lloyd falou gentilmente. "Um choque, sem dúvida. O Durk recriado é você. Não há a menor diferença entre vocês".

Durk aceitou isto com um pouco de emoção que apoderou-se dele rapidamente e depois deixou-o ir. "Quando meu sócia... ah... foi criado?"

"Quatro dias após o lançamento e três dias depois de sua nave ter perdido o rumo. Nós calculamos de acordo com o oxigênio disponível que você não podia viver mais do que isto".

Durk sorriu com exagero. "Então eu tenho uma coisa que minha recriação não tem", ele disse maliciosamente. "Memória do que aconteceu no espaço. Deve haver então uma lacuna em sua memória, desde o momento em que fiz o exame médico quando minha gravação de vida foi feita até o dia em que ele foi criado".

Lloyd assentiu. "Fora disso, ele tem todas as suas memórias, até a sua infância".

Um pensamento bizarro ocorreu a Durk. "Minha recriação acredita que ele é o único Dr. Durk?"

Lloyd olhou como se desejasse estar bem longe dali. "Sim" .

. "Em outras palavras, você não lhe contou que ele era uma recriação?"

"Não, Durk. Mas seja razoável, homem. Foi apenas porque você estava morto naquele momento. Presumivelmente morto, quero dizer. Não víamos nenhuma razão para inteirá-lo do fato de que você estava perdido no espaço e que ele era uma cópia de você. Qual seria a vantagem disso?"

Durk concordou, reconhecendo este ponto. "Mas quanto aos outros, quando o homem original e o recriado estão os dois vivos?"

"Naturalmente nós simplesmente contamos às recriações a verdade. Isto os choca por um momento, porque você sabe, eles se sentem como se eles realmente tivessem tido uma existência. Eles tem todas as memórias da infância do homem original. Eles recordam de seus casamentos, das crianças começando a andar, tudo. Então quando nós falamos a eles que foram criados recentemente e não viveram antes, isto causa alguma confusão e desajustamento em suas mentes. Eles sabem que a mulher e as crianças que eles pensam terem vivido juntos nunca os viram. Eles começam uma vida nova deles mesmos".

"Exceto no caso da minha recriação", resmungou Durk triste. "Ele tomou minha vida".

Lloyd olhou penalizado. "Eu disse a você..."

"Sim, eu sei. Você pensava que o original tinha ido embora para sempre, então por que não deixar a recriação tomar meu lugar completamente..." Ele parou assustado. "E quanto a Ellen e as crianças? Elas sabem?"

"Não. Pareceu-nos melhor deixá-la pensar que era o seu próprio marido".

Sim, refletiu Durk amargamente. Como ela poderia viver com um *substituto*?

Lloyd continuou quase se desculpando. "De fato, Durk, nós fizemos isto por respeito a ela. Sua recriação foi a primeira de todas. Quando deu certo, nós vimos imediatamente como lhe evitar a . agonia de perder um marido".

"Mas como vocês simularam meu "regresso" do espaço depois de eu ser dado como perdido?"

"Ela nunca soube que você esteve perdido. Isto foi mantido em segredo. Depois de sua recriação vir a vida e saber a explicação simulada que inventamos, ele simplesmente falou a ela - e acreditava nisto - que sua missão espacial tinha sido um aborto violento e explicou sua ausência dizendo que estava em recuperação num hospital. Tudo isto se encaixava muito bem, como você está vendo. Ellen aceitou isto sem desconfiar de nada".

Claro que aceitaria, pensou Durk. Ela podia ver nitidamente que seu homem estava de volta, são e salvo. A mesma voz, o mesmo brilho nos olhos de vez em quando, o repentino abraço...

Durk encolheu-se. Mas a calma filosófica ainda o retinha. "Sua intenção com a produção de recriações é reabastecer o banco de cérebros mundial?"

"Naturalmente", disse Lloyd e havia esperança em sua voz. "É a única maneira que temos para combater a falta de cérebros. Se nós não podemos vencer o Inseto, nós podemos ao menos tentar acompanhar as suas destruições. Ainda não podemos superar o ritmo de morte, mas poderemos algum dia. Nós podemos eventualmente recriar todos os cientistas e as pessoas de alto QI na Terra".

"Cada vez mais?" perguntou Durk no meio de sua respiração diante deste ângulo novo deste negócio sobrenatural.

Lloyd negou com a cabeça. "Parece que a gravação de vida só funciona bem na primeira vez. Quando tentamos uma segunda recriação do mesmo homem, ele vem... ahn... meio deformado. E morto, felizmente".

"Mas você pode fazer uma nova gravação do mesmo homem e daí conseguir uma segunda recriação perfeita?"

"Um paraíso proibido", disse Lloyd nervosamente. "É problema bastante explicar a uma recriação por que ele não pode voltar para casa e dormir com a mulher que ele - ou seu original - se casou". Seu rosto gordo estava um pouco pálido. "O ano passado, quando começamos as recriações iniciando por você, não foi muito engraçado

para mim. A responsabilidade deste projeto todo caiu sobre mim, como chefe do poder cerebral mundial".

"Quantos me seguiram?" perguntou Durk curioso.

"Nós estamos realizando o processo de recriação vinte vezes por dia até agora. Eu penso que o Dr. Eng foi o número 6.899 depois de você. 6.899 dores de cabeça..."

Durk bem podia imaginar. 6.899 seres humanos recriados, com todos os traços temperamentais de seus originais - teimosia, orgulho, inveja, amor e ódio. Ele não invejou Lloyd, resumindo a cada um seu nascimento a partir de uma gravação de vida, serenando as tempestades emocionais, esperando por sua resignada aceitação, enviando-os então em seu caminho com um tapa nas costas.

"Alguns deles não acreditaram em mim", Lloyd resmungava, seu rosto gordo tremendo. "Acusaram-me de inventar uma história maluca e tudo isto. Então a única coisa a fazer era mandar o original entrar e encará-los, cara a cara. Uma maneira chocante de fazer isto. Uma das recriações ficou louco na hora..."

Lloyd passou a mão em seu rosto bochechudo, depois olhou para Durk com repentina veemência. "Mas nós podíamos acabar com todo este trabalho se sua missão espacial tivesse dado certo. Você ainda não me contou. Você encontrou o Inseto lá fora?"

Durk odiou responder esta pergunta quando ele viu esperança no rosto de seu chefe. "Nenhuma pista, chefe. Eu sinto muito. Um fracasso de missão".

Lloyd não disse nada. Ele simplesmente pareceu num instante ficar vinte anos mais velho. "Estava com medo de perguntar antes", ele murmurou. "Medo da resposta. Bem, você terá uma audiência oficial esta tarde. Minha secretária já arranhou tudo. Venha, vamos embora".

Quando eles caminhavam no quarto seguinte, um outro homem estava nu sob a cobertura de plástico, com o projetor de neutrinos oscilando para frente e para baixo metodicamente, gravando seu corpo e mente nos mínimos detalhes. Então outro homem criado numa maneira não-Bíblica abriria seus olhos *e pensaria que tinha nascido de uma mulher...*

Mas seu impacto à verdade dificilmente poderia ser maior que o surpreendente impacto que Durk sentira, do outro lado da cerca. Então aqui estava ele, um homem duplo... gêmeos idênticos... e nem mesmo Deus poderia distingui-los,

Durk não pôde mais conter o incômodo pensamento que estava perturbando-o por dentro. No elevador que subia, ele agarrou com violência o braço de Lloyd.

"Agora a pergunta principal, chefe. *Qual de nós - minha recriação ou eu - irá continuar como Dr. Wayne Durk?*

O rosto de Lloyd tornou-se pálido. "Eu esperava que você não fizesse esta pergunta agora. Deus, homem. Como posso saber? Em outros casos, não havia problemas. A recriação tinha que encontrar sua própria vida. Mas em seu caso, em que seu sócio tomou sua vida... Eu não sou Salomão. Isto terá que ser decidido mais tarde, Durk, depois de devidas reflexões. Enquanto isso, naturalmente, nós manteremos sua volta em segredo. Você não contou para mais ninguém, não é?"

"Nenhuma alma", Durk disse, revivendo aqueles momentos no laboratório até quando ele foi embora e foi para casa, quando não conseguiu revelar sua volta da morte para sua esposa.

Como poderia ALGUMA VEZ fazer isto?

"Cavalheiros", disse Finnegan Lloyd tenso, sua personalidade preenchendo toda a sala de conferências. Vocês todos juraram guardar segredo de tudo que lhes será re-

velado .. Isto envolve segurança em relação ao Vírus Cerebral QI - o Inseto, em suma".

Os três homens, um com uniforme militar, olharam assustados.

"Você não precisava falar isto para nós", repreendeu Marshall Quinby A. Todd, irritado. "Nós estamos informados sobre a situação. Eu represento a Segurança Espacial e tudo que isto implica. Nós certamente não queremos espalhar que nosso lançamento enviou um brilhante cientista - um dos poucos que sobram - para sua morte aparente".

"Esta não é a questão", falou um civil agudamente, com um bigode que tremia. Ele era Josas de Milleaux, chefe da Comissão do Vírus Cerebral da União Mundial Terrena. "Ninguém vai censurar um militar por um acidente espacial imprevisto. A questão é se o Dr. Durk, chefe dos virologistas mundiais, trouxe de volta algum indício sobre o VC-QI".

"E se ele trouxe de volta", ergueu-se a impassível voz de Leonid V. Stokov, um homem corpulento que chefiava a Polícia de Segurança Mundial, "nós devemos observar as notícias do Movimento Anti-Cérebro. Outra boa razão para a segurança absoluta".

Todos se voltaram para olhar Durk, aguardando sua resposta.

"Missão espacial negativa", ele disse tenso, não perdendo tempo.

Os rostos deles registraram resignação como se eles não tivessem tido mesmo muita esperança.

"Não há o menor indício do VC-QI no espaço orbital nem mesmo em forma de esporo. Eu tive tempo suficiente antes do meu acidente para concluir isto, recolhendo amostras periódicas do meio espacial - amostras do vácuo se vocês preferirem - para encontrá-las estéreis. Também o detector cromatoscópico Benda-Holt não mostrou nenhuma matéria orgânica de qualquer espécie nas amplas extensões em torno de minha nave espacial. Minha órbita polar me deu uma cobertura completa das proximidades da Terra em todos os dias em alturas que variavam de 100 a 500 milhas. É inconcebível que o vírus possa ocultar-se mais alto e então deste lugar se arremessar para a Terra sem contaminar as regiões mais baixas que eu examinei. O relatório será sem dúvida negativo para o VC-QI flutuando no espaço exterior".

Milleaux pulou em seus pés, exasperado. "Mas o VC-QI nunca foi detectado no ar da Terra tampouco. Se ele não é transmitido através do ar e não vem do espaço, então como isto pode ser contagioso?

Ele olhou em volta desafiantemente.

Durk respondeu para todos. "Este é o paradoxo. Nós temos uma Doença Cerebral epidêmica em todo o mundo que surgiu de repente há onze anos atrás. Exibiu todos os sintomas clássicos de uma peste contagiosa, como a bubônica, que foi se espalhando de vítima para vítima. Contudo nós não encontramos nenhum mecanismo pelo qual isto possa ocorrer. O VC-QI "Inseto" não é transmitido através do ar, ou alimento, ou água, ou mesmo fezes. Todas essas possibilidades já foram examinadas por completo".

Sua voz atingiu uma nota de frustração que todos os cientistas perceberam. "Assim nós temos um mistério médico de alcance mortal. De alguma forma, o vírus bruscamente aparece no cérebro de uma nova vítima, literalmente vindo do nada, e transforma seu órgão cerebral numa matéria podre em três dias. O pior disto tudo é que não temos a cura, nenhum contra-tóxico ou preventivo. A porcentagem do número de mortes, pela primeira vez na história da medicina, é de 100%. Todas as vítimas atingidas morrem sem falta".

CAPÍTULO VI

Durk fez uma pausa, abatido pela existência de uma doença epidêmica incrivelmente eficiente.

"O outro mistério é ainda maior", falou Milleaux, erguendo seus braços para enfatizar. Por que o vírus cerebral recebeu a designação "QI". por que ataca apenas homens que tenham um QI de 125 ou mais? Por que seletivamente não atinge aqueles que tem QI abaixo de 125? Parece o diabo trabalhando".

Durk respondeu num nível clínico, evitando as implicações mais alarmantes.

"Vírus ou germens muito especializados e específicos já foram conhecidos anteriormente. Há um vírus, por exemplo, que ataca apenas os moluscos. Outro que ataca apenas os tecidos do olho dos répteis. Depois há um gérmen de malária que procria no ciclo de vida dos mosquitos *Anopheles* e depois é transmitido ao homem. Isto mostra o quanto os vírus e os germens podem ser seletivos. E no caso do VC-QI nós temos algumas indicações de que ele pode se alimentar apenas de cérebros com correntes bio-elétricas muito fortes que fluem num organismo de alto QI. Cérebros menos inteligentes com menor fluxo de energia biônica não os interessa".

"Isto ainda não explica como o vírus passa de um cérebro altamente dotado para o próximo". Marshall Todd chicoteava as palavras, com impaciência. "Não é isto que vocês têm que saber antes que vocês possam vencer uma epidemia?"

"E se nós não a vencermos", colocou Milleaux impulsivamente, usando a língua inglesa, da qual tinha orgulho, "nós estamos liquidados. A raça humana... A civilização. As obras".

Todos eles consideraram esta cruel sequência, gravemente.

Durk olhou Josas de Milleaux, "Senhor, como está a situação atual? Eu estive fora, como você sabe, durante um ano".

"Muito mal. Muito mal", respondeu Milleaux. "Eu tenho algumas estatísticas..." Ele remexeu alguns papéis amassados tirando-os de seu terno amarrotado. "Aqui estão. Na área industrial, mais de 10.000 firmas foram à bancarrota por falta de bons executivos de negócios. A automação foi interrompida em 50.000 fábricas mundiais, por falta de equipes de engenheiros de alto nível. A finança internacional teve três crises e o mercado de ações, duas, com os gênios financeiros constantemente morrendo com os cérebros podres. No campo da ciência, mais de 100.000 laboratórios foram fechados quando os gênios morreram".

Ele olhou para o outro papel e encarou-os nefastamente.

"Segure-se, Dr. Durk. Há menos de 10 milhões de cientistas na Terra hoje".

Uma dor infinita atravessou o cérebro de Durk. Havia 25 milhões de cientistas mundiais há onze anos atrás. A doença do cérebro vitimou mais que a metade do poder cerebral dos laboratórios do mundo.

"Além do mais", continuou Milleaux inexoravelmente, "não há mais cientistas com QI superior a 155".

Lloyd inclinou-se e assoprou qualquer coisa no ouvido do francês.

"Com Uma exceção", disse com um estranho olhar. "Seu QI, Dr. Durk, é 157. Isto o torna o mais inteligente dos cientistas na Terra hoje".

Todos os olhares se voltaram para Durk mas ele estava confuso demais para enrubescer. Todos os gênios do mais alto grau da Terra mortos, promovendo seu gênio de menor grau para a posição do número um. Isto, para Durk, era o mais vivo e medonho sinal de como a Doença Cerebral estava lentamente sufocando a civilização. Como podia um mundo construído pela ciência tecnológica de classe-A ser conduzido por cérebros de classe-B? Durk não tinha nenhuma ilusão pessoal quanto a este resultado. Ele era um "Einstein" apenas na falta de outros. Ele não fazia parte das grandes reuniões dos primeiros QI que chegavam até 200.

E agora o mundo tinha que depender dele e de intelectos menores para evitar o colapso da civilização conhecida na Terra. Se as mentes classe-A tinham sido destruídas no mesmo grau em todos os campos - indústria, academias, engenharia, invenção, educação - então as letras estavam nas paredes.

E o governo também. Era sabido já há um ano atrás que o Governo Mundial Terreno estava sendo infiltrado - quase sem necessidade - por incompetentes. O atual Presidente do Mundo, pelos padrões, está próximo de ser um crânio paralisado

O "colapso" da civilização era uma ameaça não exagerada. A civilização no sentido da máquina sempre dependeu, em toda a história, de proporcionalmente poucas mentes tecno-científicas que a idearam, mantinham-na funcionando e a aperfeiçoavam. Sem este grupo, o resto da humanidade era incapaz de trabalhar com computadores, realizar experimentos ou reparar os complicados equipamentos eletrônicos. A ciência da engenharia era responsável em grande parte pelo funcionamento dos instrumentos. A deterioração era inevitável sem os grandes gênios encarregados de supervisionar.

Este era o ponto crucial disto. Executivos, os donos das decisões, os que dão ordens. Estes tinham que estar no nível máximo também, em alguma área da arena civilizada. Com o reservatório de QI elevado se esvaziando, o mundo eventualmente ficaria sem liderança. Nenhuma cultura baseada no trabalho técnico poderia sobreviver a isto.

Durk surpreendeu-se amaldiçoando novamente o destino por pescá-lo da lagoa da morte e enviá-lo de volta para um mundo morto. Não era uma visão bonita ver uma civilização se fracionando lentamente, caindo pedaço por pedaço. Dez anos de declínio a seu redor tinham marcado sua alma com uma tristeza erosiva.

Josas de Milleaux deu a nota chave do encontro, antes dele se dissolver. "A missão espacial do Dr. Durk foi realmente um sucesso", ele disse solenemente. "Bem sucedida em provar que nós não podemos conter o Inseto do Cérebro, ao menos num futuro previsível. Por conseguinte, nosso programa de recriação é a nossa única esperança. Nós devemos realizar as operações até que as taxas de "nascimento" de recriações se igualem às taxas de morte dos cientistas".

Finnegan Lloyd falou amargamente. Muito amargamente, Durk pensou.

"E eu sugiro que, como a recriação do Dr. Durk está trabalhando o quanto pode, no fim patológico disto, o Dr. Durk verdadeiro seja encarregado do programa de recriação. Então logo teremos os dois milhões dos mais brilhantes homens da Terra trabalhando nos empregos mais importantes".

Lloyd sorriu para sua inteligente solução. Durk olhou para ele, confuso por esta proposta repentina. Mas os outros sorriram instantaneamente, tomando a ideia de

Lloyd como um golpe de gênio.

"De acordo", eles murmuraram, voltando-se para sair.

Lloyd se virou para Durk. "Eis a resposta para sua pergunta. Parcialmente, de qualquer forma. Sua recriação vai continuar como o Dr. Durk no laboratório de virologia. Você terá o emprego novo". Ele continuou apressadamente. "Agora, nós começaremos a fazer planos para continuar o programa de recriação..."

"E agora como", interrompeu Durk friamente, "como isto resolve meu problema de qual Durk volta para casa à noite? Para Ellen e as crianças?"

Lloyd olhou e abaixou seus olhos. De repente, ele se enrijeceu. "Eu estive pensando e tenho que falar para você francamente. Não haveria meio de você reassumir sua vida no lar sem contar para seu sócia primeiro. Então, supondo que ele concorde, você poderia calmamente entrar no lugar dele em casa a partir de então". Lloyd levantou uma mão para o repentino olhar brilhante no rosto de Durk. "Mas então o que acontece? O outro Durk tem *um ano de memória* que você não teve. Memórias que ele e Ellen participaram sozinhos. Coisas pequenas, como aquele dia com as crianças no parque de diversões... um jantar fora e sozinhos... a noite que você voltou esgotado do laboratório e falou mal do maldito Inseto. Coisas como esta".

Durk estava ficando deprimido. Lloyd continuou implacavelmente. "Mais cedo ou mais tarde você vai falhar. Você não se lembrará de alguma coisa e as suspeitas de Ellen começarão a crescer. Ela começaria a somar as pequenas discrepâncias. E então, um dia, ela saberia que o homem errado - para ela - estava em casa. Você não enxerga, Durk?"

Sim, Durk podia ver. Ele, o Durk verdadeiro, seria paradoxalmente o "impostor" para os olhos de Ellen. Ele já podia imaginar o crescente horror em seus olhos quando ela o olhasse como um alheio no lar dela. Um falso Durk, um intruso, um enganador.

E se ele então explicasse rapidamente o processo de recriação, ela compreenderia num segundo - e seus pensamentos iriam criar um quadro completo de agonia. Ela imaginaria numa sensação de horror que ela esteve vivendo realmente com o "impostor" por um ano inteiro, sem saber. O segundo choque poderia ser pior que o primeiro.

O corpo de Durk tremeu como se estivesse sendo golpeado por golpes com a violência de um furacão. Forças maiores das que ele podia controlar tinham tomado sua vida, fazendo um escárnio de seu passado e uma farsa de seu futuro.

Ele chegou a inevitável e inescapável conclusão. "Você ganhou, chefe. Eu vou assumir meu emprego novo. Faça-me um favor. Dê uma ordem de modo que eu não tenha que acreditar que eu tomei a decisão sozinho".

Ele lhe dirigiu um sorriso tão pálido que fez Lloyd desejar que o Inseto o atingisse. Lloyd colocou a mão no braço de Durk, sua voz baixa, tensa. "Por tudo que for válido, você e sua recriação podem vencer o Inseto e" - ele hesitou - "salvar o mundo".

Neste momento, Durk não podia se importar menos.

Apenas uma hora, pensou Durk. Uma miseravelmente pequena e celestial hora com eles. Isto não faria mal. Ele tirou a chave - ele ainda tinha a sua - e abriu a porta da frente calmamente. Ele andou na ponta dos pés até a cozinha.

Lá estava Ellen, querida Ellen, suas costas voltadas pois ela manejava uma batedeira de bolos. Seus cabelos louros se agitavam quando ela aumentava a velocidade. Durk podia ver parte de seu perfil, o mesmo nariz arrebitado, lábios úmidos, o queixo

ligeiramente arredondado que ele adorava acariciar.

Falando para suas batidas de coração diminuírem para menos de duzentas, Durk andou na ponta dos pés para frente e enlaçou seus braços ao redor dela.

"Oh", ela disse assustada e meio amedrontada. Ele lhe deu o repentino abraço. Então ela se relaxou, sem se voltar. "Oh, você sempre me pregando sustos". Então ela se libertou de seus braços e virou-se. "Mas por que você voltou para casa tão cedo do laboratório, querido?"

"Tirei uma hora de folga", disse Durk alegremente. "Nada senão amostras borbulhantes de culturas rotineiras e testes de forno. Apenas decidi voltar para casa e descobrir que bagunças você apronta em casa quando eu não estou por perto".

Ele franziu a testa para ela numa acusação fingida.

"Oh, você!" ela deu um tapinha em suas bochechas. "A casa não está numa bagunça, mas eu estou". Com um pequeno grito, olhando-se num espelho pendurado na porta, ela fugiu precipitadamente para o quarto. "Dê-me um minuto para me transformar de criada em rainha", sua voz dizia.

Durk vagueou pela sala de estar, absorvendo as velhas vistas e sentimentos familiares. O seu santuário confortável, santificado por um amor verdadeiro. Mesmo o lugar no carpete, onde ele tinha uma vez derramado um pouco de tinta, era uma lembrança profunda do passado. A mobília tinha revestimentos novos mas Ellen já precisava deles, há um ano atrás.

Um ano. Um ano inteiro desde que ele tinha se sentado em sua cadeira estofada, sua favorita. Seu rosto entristeceu. Um ano enquanto seu sócia tinha se recostado aqui em seu lugar, usurpando as felicidades conjugais que eram de direito de Durk. E se tivesse existido alguma infelicidade... bem, isto seria bem feito para ele.

Ellen apareceu, seu traje completamente trocado, seu rosto maquiado com bom gosto e seu cabelo elegantemente penteado e preso. Durk olhou, numa admiração franca. Ellen tinha um olhar atraente. "Notou a coisa especial que estou usando, querido?"

Durk olhou para ela palidamente e parou de respirar.

"Você sabe, o presente que você me comprou no mês passado?"

"Mês passado", murmurou Durk num pânico crescente.

O sorriso de Ellen começou a se enfraquecer um pouco. "Você não pode ter se esquecido, querido. Você disse que eles combinavam com os meus olhos brilhantes. Você não se lembra...?"

Durk passou uma mão sobre a sobrancelha, tentando parecer cansado. "Tantas coisas chamando a atenção no laboratório... experiências dando errado... tudo isto".

"Eu entendo, querido", disse Ellen rapidamente, mas com um olhar embaraçado para ele. Então ela mexeu nas orelhas. "Este par de brincos de safira, seu bobo".

"Oh, sim. Claro". Durk bateu na testa, recriminando-se. "E eles combinam com seus maravilhosos olhos, sua feiticeira".

Ele tentou dissimular este momento embaraçoso ficando em pé para abraçá-la. Mas duas vozes agudas soaram quando a porta se abriu violentamente e duas pequenas formas entraram dançando por ela.

"Papai! Papai está em casa!" A pequena Wendy percebeu isto primeiramente e de uma corrida em direção aos braços abertos de Durk. Disto ele se lembrava muito bem. Ele a agarrou e a suspendeu até perto do teto, sacudindo-a até que ela gritasse de prazer. Então ele a jogou no sofá e rapidamente se voltou para parar e agarrar Randy no usual abraço de urso.

Estranhamente, Randy pareceu não ter gostado. Um pequeno aborrecimento apareceu em seu rosto, repentinamente sério. "Papai! Você não se lembra de sua pro-

messa?"

Durk recuou, pálido. "Promessa, filho?"

"Nós íamos apertar as mãos, agora que eu cresci". Randy parecia ofendido. "E agora você me trata como uma *criança* novamente. Oh, papai".

Randy saiu correndo da sala. Durk ficou ainda mais infeliz quando ele viu os olhos de Ellen sobre ele, penetrantes e inquiridores. E indecisos. Mas ela sorriu e disse, "Eu compreendo como as preocupações de seu trabalho podem fazer você se esquecer das coisas". Mas ela não pareceu convincente.

Durk começou a desejar que ele nunca tivesse vindo. Nunca tivesse tentado roubar esta hora de ouro no lugar de seu sócia. Ele estava confuso. Conseguiria enganá-los o resto do tempo?

Wendy veio dando pulinhos. "Leia meu livro novo favorito para mim, papai", ela pediu. "Eu sei que ainda não é hora de dormir, mas eu não posso esperar para ouvi-lo novamente. Por favor, papai, por favor?"

"Livro favorito", gaguejou Durk, sentindo um poço se abrindo.

"Em cima da prateleira de livros", disse Wendy. "Eu não consigo alcançá-lo, Pegue-o para mim, papai".

Durk se levantou e se dirigiu para as prateleiras de livros alinhadas na parede. Ele podia ver a pilha de livros coloridos para crianças de cinco anos. Mas qual deles era o favorito dela? Seus olhos se confundiram quando ele olhou os títulos nas lombadas.

O Negrinho Sambo ... O Rebocador Feliz... Minha Primeira Festa... O Feiticeiro Cruel... A Aventura no Piquenique. Durk se lembrava de alguns títulos - Wendy conservava as coisas tenazmente - mas os outros eram novos, comprados no ano passado. Comprados, sem dúvida, pelo outro Durk.

Durk tinha que arriscar principalmente depois que ele soube que Ellen o observava de propósito, prestava atenção em sua hesitação. Com uma oração silenciosa nos lábios, Durk fechou seus olhos e tirou um livro. Ele se chamava *A Mais Linda Princesinha*.

"Oh, papai!" falou Wendy, seu pequeno rosto revelava desapontamento. "Meu livro favorito é *Travessuras de Animais da Fazenda*. Papai, você não liga mais para mim..."

Wendy correu da sala numa tempestade de lágrimas repentinas.

Durk sabia que seu rosto estava pálido. Ellen veio lentamente em sua direção, encarando-o como se seus olhos de safira o estivessem penetrando. "Querido, ou você está trabalhando demais e precisa de um médico ou..." Ela continuou com uma intensidade desumana. "Ou, você não é Wayne Durk, meu marido. Você está agindo de maneira estranha em muitas pequenas coisas. Bem?"

De alguma forma, Durk tentou encobrir isto com um fluxo de conversa ambígua que pareceu abrandar as suspeitas de Ellen. Ele fez as pazes com as crianças e então foi embora, caminhando rapidamente. Mas naquela noite, quando seu sócia chegou em casa, Durk estava do lado de fora espiando pela janela da sala de estar e escutou.

"Querido", disse Ellen. "Você agiu tão esquisito quando você voltou para casa hoje por uns momentos".

"Voltei para casa?" ressoou a voz surpresa do Durk recriado. "Ellen, você está imaginando coisas? Eu não deixei o laboratório o dia todo".

Um silêncio chocante, seguido do horrível grito de Ellen. "*Então quem era aquele homem que fingia ser você, meu marido?*"

CAPÍTULO VII

Durk abaixou-se rapidamente, com o suor pegajoso escorrendo em suas bochechas. Seu devaneio estava acabado. E agora ele via com um vivo espanto como lhe era impossível introduzir-se clandestinamente em seu lar mesmo por uma hora. Ou um segundo.

O implacável resultado destruidor seria o outro Durk saber que tinha um "sósia" e Ellen começar uma vida de pesadelo onde toda sua segurança tinha sido destruída. Dúvidas e especulações horrendas iriam tragá-la todas as vezes que ela visse o outro Durk. Sua vida seria privada de toda serenidade, daquele dia para frente, imaginando e esperando que o impostor escondido aparecesse novamente, aquele que era tão parecido com seu marido que se tornava fantástico, monstruoso, horripilante.

E a *sua* vida - a do recriado poderia ser vulcanicamente explodida. Durk tinha que pensar nisto, também. Ele não podia ignorar os devastadores problemas psicológicos que o sósia Durk teria que enfrentar. Ele teria que dar um adeus à mulher com quem ele viveu e que amou durante um ano - e toda a sua existência, em suas recordações. Ele teria que beijar Wendy e abraçar não, apertar a mão de Randy - pela última vez. Então ele teria que partir e nunca mais retornar... e continuar que espécie de vida interrompida?

E Ellen, com pleno conhecimento do que tinha acontecido, seria obrigada a dar boas vindas ao homem que ela vira pela última vez há um ano atrás e achar que tudo seria a mesma coisa.

A mesma coisa? Nada seria o mesmo, para nenhum deles. Três pessoas e duas crianças iriam viver uma farsa, uma dissimulação, atores em alguma peça hedionda escrita por um demônio.

Durk suspirou agradecido que isto tivesse sido apenas um devaneio. Deixar que isto o arrebatasse por completo em todos os possíveis detalhes, ele sabia agora que havia um terrível buraco a sua frente se ele realmente tentasse isto. Era uma loucura completa, condenada ao fracasso. Ao invés de uma hora de vitória da felicidade, seria uma hora de tragédia seguida por um purgatório vitalício.

Durk apertou seus lábios fortemente. Era isto. Palavras pungentes reverberavam em sua mente - Adeus! *Adeus para sempre para minha vida antiga... para Ellen... para Randy... para Wendy.* Eles pertenciam agora ao outro homem e Durk não tinha o direito de tomá-los de volta. Na loteria da vida, ele tinha perdido tudo.

E agora, o que ele tinha pela frente? Além de uma vida solitária de memórias, ele tinha que lutar contra o Inseto. E tentar salvar um mundo, que se fracionava, condenado à morte. Durk olhou pela janela o céu noturno.

Por que ele não tinha morrido lá em cima? Por que ele tinha que sobreviver, de maneira fantástica, para ser lançado de volta à Terra? Uma civilização que morria.

Uma vida destruída, Isto era a sua recompensa.

Recolha as peças e comece de novo. Mas onde estavam as peças?

"Bom dia, Dr. Durk", disse um visitante, que mostrava um cartão de identificação metálico onde estava escrito - DR. CECIL G. WRIGHT, ESPECIALISTA EM BIÔNICA.

O chefe do laboratório de virologia olhou para ele. Alto e magro como ele mas com um vasto bigode e cabelo bem curto. A cor de seus olhos não podia ser vista atrás de óculos escuros.

"Você provavelmente nunca ouviu falar de mim", disse o visitante com modos polidos, curvando-se ligeiramente. "Eu sou americano mas trabalhei na Província Anzac por muitos anos. Principalmente no Inseto, por uma década. Procurando um ângulo biônico para sua patologia. Sem sucesso, eu receio".

"Nós dois, Dr. Wright", suspirou Durk, passeando pelo laboratório.

Durk, em seu simples disfarce - ou aparência - respirou mais facilmente. Seu primeiro encontro com seu sócia não tinha levantado qualquer suspeita. Com Ellen seria diferente mas não havia necessidade de enganá-la. Ele tinha apenas que se estabelecer no mundo de hoje como um cientista, que voltava de viagem do mundo, com um novo emprego.

Dirigir o Laboratório de Recriação não reuniria necessariamente Durk e seu sócia. Mas Durk tinha medo de encontrar de repente a sua recriação, em algum lugar na cidade num momento casual. O inesperado encontro poderia, num primeiro olhar, dar ao Durk-sócia um susto pela semelhança entre ele mesmo e "Wright". Era melhor Durk encontrá-la deliberadamente e testar isto. Seu status científico assumido uma vez estabelecido camuflaria Durk completamente para uma mente científica como a do sócia. E um perigo seria eliminado, o da recriação "Durk" ficar sabendo que ele era uma recriação.

Durk-Wright deu agora seu primeiro olhar investigador para o outro Durk. Ele era realmente seu sócia até o último átomo? Não... espere. Havia alguma coisa fora de lugar. Alguma coisa diferente... ah... Seu cabelo era repartido no lado esquerdo. E uma verruga visível sob seu queixo estava no lado direito de seu rosto, outra vez no lado errado. Ele era Durk virado para o outro lado e uma tímida exultação surgiu em Durk.

Inconscientemente, sua mão foi para a verruga de seu próprio queixo. Ele se sobressaltou. Estava no lado direito. E com um pensamento de momento ele sabia que seu próprio cabelo estava repartido do lado esquerdo também. Um choque atravessou Durk, como se a verdade o golpeasse como um sopro.

Não havia nada "errado" com o sócia Durk afinal. Ele parecia estranho simplesmente porque ele não era uma imagem de espelho. Um homem estava tão acostumado em ver seu rosto num espelho, dia após dia, que sua imagem inversa parecia a verdadeira. Ver seu próprio rosto como os outros o viam parecia em consequência disso "errado". E com o coração se despedaçando, Durk soube então que eles eram literal e completamente gêmeos *idênticos*, o par mais perfeito na Terra. A última esperança de Durk, a de que seu sócia fosse alguma coisa imperfeito, tinha sido arrebatada, deixando-o vazio por dentro. Ele interrompeu seus pensamentos, que o atormentavam, ao perceber que os lábios de seu sócia estavam se movendo.

"Alguma coisa que eu possa fazer por você?" o sócia estava dizendo polidamente. "Dados de nosso trabalho sobre o VC-QI estão a sua disposição".

"Não, não", disse Durk- Wright rapidamente. "Na realidade, eu não vou fazer pesquisa sobre o Inseto agora. Você vê, eu fui indicado para um emprego no EIM, sob as ordens de Finnegan Lloyd".

"Então nós estamos sob o mesmo chefe", disse o sócia de Durk, sorrindo com uma espécie de camaradagem. "Qual é o campo de seu trabalho?"

"O de sempre. Distribuição do poder cerebral científico através do mundo". Durk não podia falar sobre seu emprego verdadeiro enquanto o Laboratório de Recriação fosse muito secreto para todos menos para aqueles "que precisavam saber". Ele continuou, "Eu vim simplesmente para perguntar se você sente necessidade de mais ajuda aqui. Este é um trabalho importante. Você é o mais importante virologista do mundo, sem igual".

Durk riu silenciosa e melancolicamente consigo mesmo. Sem igual exceto ele. E os dois tinham os maiores QI da Terra.

"Obrigado", Durk disse - o sócia era agora Durk em seu pensamento, uma identidade que ele jamais ganharia de volta. E ele poderia muito bem imaginar-se como Wright durante todo o tempo e se acostumar a isto. Por que brincar com jogos torturantes consigo mesmo?

"Ajuda", disse Durk, enrugando seus lábios e olhando em volta da sala, "sim, se possível. Como você talvez saiba, se você foi informado, dois dos meus melhores homens foram perdidos no ano passado - para o Inseto Cerebral, lógico..."

Durk olhou cansado por um momento. Wright sabia o que estava passando pela sua cabeça - *por que eu não fui atingido com o meu alto QI?* Era um pensamento incômodo que se ocultava nas mentes dos dois Durks...

Wright tremeu ligeiramente e respondeu a Durk.

"Humm, dois homens do nível de Pulsudski e Vorranno - eu estou informado sobre seu laboratório, como você serão difíceis de se encontrar. Você entende... a carência mundial..."

"Perfeitamente".

"Mas eu penso que eu posso dar a você um substituto de qualquer forma". Wright-Durk sentiu um remorso forçado diante da palavra "substituto". Atualmente, era isto que Durk iria receber - uma recriação, um substituto literal.

"Isto ajudará", disse Durk, cansado. "Eu devo mencionar honestamente que nosso laboratório não conseguiu nada no caminho da patologia do Inseto. Nenhum nada. Há tanto mistério quanto há onze anos atrás..."

"Não é preciso se desculpar", colocou rapidamente Wright. "A questão é que seu laboratório. é a maior esperança para a descoberta do Inseto, para chamar isto desta maneira. Amanhã você pode topar com a grande chave que conduz à compreensão de como a epidemia do Inseto se espalha e como é transmitida de vítima para vítima".

Amanhã. Quantas vezes Durk-Wright tinha falado para si mesmo nos anos passados, tentando se animar de um desespero de arrancar cabelos. Ele sentiu uma inveja momentânea diante do pensamento de que se a descoberta viesse, seria seu sócia que a realizaria e ganharia todas as honras. Ou ele sentiria um orgulho substituto ao saber que seu próprio cérebro - embora duplicado numa entidade separada - tinha feito isto? Wright-Durk decidiu esperar pelo tempo, se isto viesse, antes que ele pudesse predizer sua reação. Ter um "gêmeo" perfeito trouxe uma nova rede de ramificações psicológicas desconhecidas na psiquiatria.

"Espero que você esteja certo", Durk estava dizendo, com mais fé do que suas poucas palavras indicavam.

Durk-Wright virou-se para ir, com um último olhar e visão no pessoal ocupado do laboratório. Pessoas que ele conhecia intimamente mas a quem ele não podia cumprimentar como nos velhos tempos. Para eles ele era um completo estranho de uma outra província da União Mundial Terrena.

"Você receberá uma resposta minha brevemente", ele prometeu, caminhando para fora. Ele se apoiou contra a parede por uns momentos, recompondo-se. Isto tinha sido uma tensão nervosa maior do que ele imaginara primeiro. Encontrar seu sócia cara a cara, sua cópia de carbono era uma experiência de estremecer a alma. Durk Wright iria contar isto para a equipe de psiquiatras do Laboratório de Recriação. Eles precisavam de todas as partículas dos dados psicológicos que eles pudessem obter, de forma a controlar as tempestades emocionais das novas recriações - e seus originais.

Durk-Wright saiu do laboratório, sabendo que ele nunca seria seu novamente. Sua vida velha tinha findado com a determinação de uma porta batendo.

A porta se abria para sua nova vida. Adeus, Wayne Durk... e a mim mesmo. Adeus, para sempre...

Na Fábrica de Aproveitamento do Oceano que flutuava sobre gigantescas barcas no Atlântico Sul, os tanques começaram a borbulhar, criando uma espuma vermelha. Os técnicos em serviço fecharam as válvulas de alimentação e chamaram o diretor.

O diretor parou de mexer seu dedo na espuma vermelha, um pouco da qual tinha se derramado no chão, e provou-o cuidadosamente. Ele fez uma careta. "Ruim. Estragado. Provavelmente envenenado. Chame o químico de nutrição para uma análise..." Ele parou consternado. "Oh, meu Deus. Eu me esqueci. Dr. Tyrone morreu na semana passada".

"E sem ele, ou outro químico, nós não podemos descobrir o que está errado com esta fornada". O técnico se virou e apontou com horror um outro tanque gigantesco. "Olhe. Este proteinizador também se estragou".

O diretor parou desesperado. Ninguém mais, de toda a sua equipe de trabalho de vinte e oito elementos, poderia descobrir a causa deste desastre desde a sua origem, passo a passo. Do plâncton selvagem coletado no oceano por grandes pipas de sucção até os produtos finais diversificados farinhas cinzentas, proteínas nutritivas sem gosto de peixe, purê semelhante ao de batata e comida para o café da manhã - isto envolvia uma série complexa de manipulações químicas cujas complicações eram conhecidas apenas por mentes científicas altamente treinadas.

Este homem tinha se ido. O EMI, quando avisado há uma semana atrás sobre a morte de Tyrone, tinha prometido enviar um substituto para o químico - daqui a um mês. Neste tempo, 50.000 toneladas de produtos do plâncton se estragariam nos tanques e nunca alcançariam o mercado.

Várias centenas de milhares de pessoas perderiam as refeições, reunindo-se às crescentes fileiras daqueles com subnutrição. Desde 1978, quando a explosão populacional tinha obrigado a humanidade a "criar" os oceanos por suas calorias inexploradas, o processamento de plâncton tinha se tornado a principal fonte de alimentação do mundo. Cada fábrica de plâncton que sofreu um declínio na produção, ou parou de funcionar, era uma desgraça para os estômagos da humanidade esfomeada.

CAPÍTULO VIII

"Fábrica de Plâncton # 83 no telefone vermelho", disse Finnegan Lloyd, fazendo os relatórios diários. "Os tanques estão se estragando. Há algo errado com o sistema químico. O químico deles morreu há uma semana atrás".

"De Cérebro Podre?" perguntou Wright, sem necessidade. O Dr. Wright que tinha sido uma vez - isto parecia ser há muito tempo atrás - o Dr. Durk.

"Do que mais?" murmurou Lloyd. "Eles precisam de um novo químico imediatamente. Você pode arranjar?"

Durk correu seus olhos para cima e para baixo pela lista de cientistas que tinham sido chamados para o programa de recriação. "Sim, eis aqui um que serve. Dr. Stulnic da Iugoslávia. Eu vou lançá-lo através do gravador e você conseguirá seu sócia amanhã.

Ele agarrou o intercomunicador e deu as instruções. Então ele se apoiou nas costas, esfregando suas bochechas, de mau humor. Ele olhou entediado para Lloyd. "Este é um cara que nós substituímos, mas nós perdemos uma dúzia de outros ontem. Nós temos que manter nossa taxa de recriação crescendo. São apenas 500 por dia agora".

"Apenas 500?" repetiu Lloyd, um pouco surpreso. Ele não tinha seguido muito de perto os progressos do Laboratório, de Recriação sob a direção de Wright nestes últimos três meses. "E isto não é bastante?"

Durk olhou de maneira cínica. "Você nunca coloca a coisa em toda a sua extensão. Estas são as figuras frias e difíceis. Não é apenas a substituição de cientistas que importa mas todas as pessoas de QI superior a 125 que estão em campos não científicos também. Alguns devem ser removidos. Pessoas com QI 125 são encontradas trabalhando como motoristas de caminhão, porteiros e esteticistas também. Eles não estão necessariamente em empregos chaves".

"Você supõe como isto acontece?". cismou Lloyd, irrelevante.

Durk encolheu os ombros. "Falta de ambição. Muitos chutes na cara nos primeiros anos. Ou talvez seja uma escolha consciente. Um homem com QI 125 ou mais pode trabalhar num emprego que exija pouca inteligência para ganhar o suficiente para viver e gastar seu tempo de lazer com passatempos ou vocações muito intelectuais. O que seria, por tudo que nós sabemos, a coisa mais esperta a se fazer..."

Eles sé entreolharam culpados, ambos diante deste momento de desejo no pensamento. Durk sacudiu a cabeça.

"De qualquer forma, a maior parte das pessoas com QI superior a 125 estão em empregos de responsabilidade e são insubstituíveis per pessoas de QI inferior. Executivos, os que tomam decisões, os planejadores, e tais, em todas as áreas da vida humana. Eles são os que estão morrendo por causa do Inseto Cerebral, da mesma

maneira como os cientistas. Agora para dar a você os dados preliminares que eu obtive... "

Durk respirou profundamente e leu um papel. "Menos de 6 bilhões de pessoas na Terra hoje em 1998, aproximadamente 100 milhões possuem QI acima de 125. E todos aqueles com mais de 155 já se foram, vitimados pelo Inseto Cerebral".

Os dois estremeceram diante da dura realidade dos dados. *Intelectocídio*, pensou Wright-Durk, em igualdade com genocídio. E uma ínfima criatura estava fazendo isto, nem mesmo tinha o tamanho de um animal unicelular. Uma mera molécula viral, no limite entre a vida orgânica e inorgânica.

Ele sacudiu o papel e continuou, sua garganta quase seca.

"Destes 100 milhões de pessoas de alto QI que restam, 10 milhões são cientistas. Mas nós temos que tratar com o grupo maior. Em essência eles são os cérebros e os líderes do mundo".

"Sem eles", Lloyd falou, "a civilização é como uma galinha - seja um clichê ou não - com o pescoço cortado".

Durk continuou. "A taxa de morte entre os 100 milhões de "cérebros" é de um por cento por ano ou 2.750 por dia. Sim, uma figura hesitante. É duas vezes a taxa normal de morte. Isto mostra como o Inseto Cerebral epidêmico é mau".

Lloyd estava atordoado como se fosse atingido por um pesado golpe. "Você quer dizer que nós temos que aumentar para 2.750 gravações de vida e recriações por dia?"

"Cinco vezes a nossa taxa atual e mais", falou Durk. "A questão é, em quanto você pode expandir nossas facilidades para alcançarmos esta taxa?"

"Bem, enquanto nosso espaço for aumentando", disse Lloyd despreocupado, "não há problema. A cidade de Earthia, como você sabe, foi construída sobre as semi-ruínas da antiga cidade de Nova York depois que ela se transformou numa vasta favela e deixou de funcionar como metrópole. Por causa da ameaça de intensa guerra nuclear em 1985, um enorme abrigo anti-atômico foi construído sob a cidade de Earthia, bem fundo no leito de rocha da ilha de Manhattan. O abrigo anti-atômico caiu em desuso quando a formação da União Mundial Terrena em 1988 eliminou todas as ameaças de guerra atômica. O Laboratório de Recriação atualmente ocupa uma pequena parte da gigantesca caverna que foi feita para abrigar um milhão de pessoas no mínimo. Por isso nós podemos expandir nossas facilidades sem problema de espaço".

Lloyd agora suspirou infeliz. "Mas é o equipamento e o pessoal que constituem as dores de cabeça. E o custo. Não se esqueça que nós temos que falar com a Comissão Cerebral da UMT sobre isto. E Josas de Milleaux, por sua vez, tem que implorar os fundos do orçamento governamental. Isto custará bilhões e bilhões... "

Durk falou calmamente. "Isto é caro demais para salvar a civilização?"

"Eu sei, eu sei. Não há argumento. Mas a UMT está sempre incentivando a ciência para acabar com o Inseto. Destrua-o e então não haverá mais problema". Ele olhou para Durk de propósito. "Diga-me, Durk... eu quero dizer, Wright... eu não devo me enganar numa coisa como esta... diga-me, há alguma chance de conseguir sucesso e descobrir uma maneira de parar o Inseto Cerebral? Após onze anos de incansáveis pesquisas no mundo todo, pelos melhores virologistas, patologistas, bioquímicos e etc., nada aconteceu. O que isto significa?"

Wright se levantou, pensando os pensamentos dos velhos tempos de Durk. "Isto significa que nós temos um vírus que ataca repentinamente o cérebro do homem, se seu QI é de 125 ou mais. A doença é contagiosa mas não há nenhum meio conheci-

do de transmissão de vítima para vítima. O vírus não pode ser e ser detido em suas destruições, por droga ou tratamento conhecidos. Isto significa, em termos médicos, alguma coisa impossível, fantástica, misteriosa... "

Seus dentes estavam rangendo, como eles frequentemente estiveram durante as pesquisas sobre o Inseto. "Não obstante, tem que haver uma resposta. Nenhuma forma de vida, ou pseudo-vida tal como um vírus, pode ser imune a alguma forma de destruição. A Peste Negra matou um terço da raça humana na Idade Média, mas ela foi finalmente vencida. Talvez não pela ciência médica mas pela habilidade do corpo humano de criar resistência, de criar anticorpos. E uma boa parte da pesquisa sobre o Inseto Cerebral tem sido no sentido de encontrar tais anticorpos. Os computadores estão analisando todas as possibilidades químicas conhecidas ou desconhecidas até agora. Milhares surgiram com tímidas possibilidades. Mas quando elas são testadas numa cultura do Inseto Cerebral, o Inseto vence".

"Culturas de Inseto Cerebral em seu laboratório", estremeceu Lloyd. "Você usa métodos selados à vácuo e de controle remoto, naturalmente. Se alguma cultura escapa... "

"Uma escapou". Durk repentinamente parou de andar, admiração surpresa em seu rosto. "O lacre se rompeu, cerca de cinco anos atrás. A cultura está atualmente espalhada pelo ar. Nós todos já respiramos o vírus, inevitavelmente. Contudo nenhum de nós - pessoas de alto QI - foi atingido pela doença". Ele bateu um punho desesperado em sua outra palma. "Isto apenas aumenta este enigma maldito. Isto significa que a doença não ataca tradicionalmente através da corrente sanguínea. Então como isto acontece?"

Um olhar vago surgiu em seus olhos torturados.

"-Eu penso, Lloyd... Eu penso que nós estamos lutando contra um mistério que ultrapassa o alcance da ciência ortodoxa. Que ultrapassa a fronteira do conhecimento médico. Uma nova forma de vida, de vida viral, que pode herdar a Terra no tempo..."

"Você não acredita que nós possamos vencê-lo?" Lloyd sussurrou.

"E você?"

"Mas isto se refere apenas à morte de pessoas super inteligentes", disse Lloyd quase calmo. "Incluindo você e eu. Isto não afeta o resto da humanidade, na maior parte. A Terra ainda terá uma população de mais ou menos 6 bilhões..."

"Numa sociedade em decadência que não pode sustentar mais que a metade deste número", Durk afirmou. "Com o principal poder cerebral destruído, e ninguém para dirigir as máquinas e laboratórios, a civilização se degradará. A cultura recuará para a selvageria não-tecnológica. A humanidade será recuada mil anos atrás ou mais".

"Bem, ao menos", disse Lloyd quase feliz, "o Inseto Cerebral irá morrer também se é que ele se alimenta apenas de cérebros de alto QI". Sua voz se tornava mais vibrante, aproximando-se de sua força normal. "Mas nosso programa deve prosseguir. O processo de recriação é dádiva divina. Reabastecendo o mundo com cérebros de alta potência duplicados, nós podemos protelar o pior e ganhar tempo para resolver o enigma do Inseto Cerebral". Ele encarou Durk com um pouco mais de seu ar usual de buldogue. "Você terá o Laboratório de Recriação aumentado, eu prometo a você, mesmo que Milleaux e eu tenhamos que invadir o tesouro".

Durk sorriu agradecido. "A propósito, Lloyd, você tem um compromisso lá em baixo no meu lugar esta tarde".

"Para que?" Lloyd estava perplexo.

"Uma gravação de vida".

"Ahn?"

"Não podemos nos arriscar a perder sua recriação, quando você tem um QI de 148. Apareça com certeza".

E com certeza, os pensamentos de Wright Durk continuaram amargamente, sua recriação não tomará seu lugar no emprego e no lar...

Durk entrou no consultório do psiquiatra. Doutor J. P. Gordon parecia aflito. Ele cochichou no ouvido de Durk, indicando um homem de pele escura que estava sentado abatido numa poltrona.

"Esta recriação do Dr. Abdul Shekka está num estado de desobediência. Recusa-se a continuar".

"Ele sabe... "

"Oh, sim. Ele rapidamente aceitou o fato de ser uma recriação. Mas a revelação produziu um choque traumático em sua mente sensível. Ele não quer ouvir a razão. Ele pede para ser exterminado. Desculpe-me por chamá-lo aqui, mas eu achei que você poderia conversar com ele. Sendo o homem com a primeira recriação, você poderia influenciá-lo".

Durk sentou-se na frente da recriação de cara fechada. "Eu sou Dr. Cecil Wright, chefe deste lugar. Minha recriação foi a primeira a ser feita e está indo muito bem".

Nenhuma resposta.

"Você está vivo, tão vivo quanto eu. Ou seu original. Você pode viver assim como nós podemos, com plenos direitos e privilégios. Esta é uma lei executada imediatamente nas regras do Laboratório de Recriação. Não há nenhuma discriminação contra você. Você não será considerado como uma monstruosidade. Você é respeitado como qualquer outro ser humano. Porque você é um ser humano".

Um brilho surgiu nos olhos do Dr. Shekka, um brilho fanático. "Não, eu não sou um ser humano. Alá não faz referências a arremedos humanos criados em laboratórios".

Então era isto, pensou Durk. Escrúpulos religiosos apesar da instrução científica. Heresia, blasfêmia, não permitido pelo Corão. Qual linha de ataque usar?

"Quando um filho nasce, quem é seu criador, aqui na Terra?"

"Ora, o pai", disse Dr. Shekka. "Mas por favor, Dr. Wright, não tente nenhum truque emocional ou filosófico comigo. Não insulte minha inteligência - minha inteligência emprestada".

"Mas deixe-me continuar aquele outro pensamento", insistiu Durk. "Toda pessoa nascida na Terra vem do código genético de seu pai. Da "gravação" genética de seu pai, nós podemos dizer".

"Semântica", resmungou a recriação. "Este é o processo natural, concedido por Alá. Isto", ele hesitou um pouco, "significa um homem tendo uma gravação de vida através de sua mãe".

Durk teve que pensar nisto por um momento.

Um novo volteio neste problema terrível. O Dr. Shekka original sem dúvida era devotado a seus pais e família, como os árabes normalmente são. A revelação destruidora deve ter ferido a recriação pois ele nunca poderia voltar para sua casa. Eles nunca tinham sido "gêmeos". E sua "mãe" não era realmente sua mãe. Era uma gravação de vida.

Os pensamentos de Durk giravam rapidamente, procurando uma aproximação melhor. "O Dr. Shekka - o outro - *possui* seu cérebro e corpo se eles vem de Alá?"

"Ora... ahn... " Os olhos da recriação giravam, pensando profundamente. "No sentido religioso, não. Todos nós somos Filhos de Alá - ou de Deus para usar o termo

cristão".

"Se é assim", Durk investiu, vendo um buraco em sua armadura, "por que Alá não pode permitir que o mesmo corpo e cérebro nasçam novamente, numa maneira diferente?"

"Mas Alá não fez isto", protestou a recriação.

"Como você sabe?" perguntou Durk. "Como você sabe que Alá não tenha intervenido nesta hora de perigo para seu filho na Terra? Desde que ele não pode mudar o velho sistema de reprodução sexual ou apressá-lo, por que ele não iria permitir ou nos inspirar para realizar o método de regeneração por gravações? De certa forma, isto é apenas uma forma de reencarnação".

Durk podia ver que ele tinha acertado, pois muitos orientais e pessoas do Oriente Próximo acreditam na reencarnação.

"Você acredita que através de Alá vem todas as nossas idéias e inspirações?" Durk investia.

"Naturalmente, numa análise final, desde que ele nos criou... "

Durk continuou rapidamente. "Então o conceito de gravação de vida deve fazer parte do grande plano de Alá, nesta crise que atinge a raça humana. Certamente ele não pode ficar parado e nos ver sendo destruídos brutalmente, por um minúsculo vírus". Durk mudou o tom. "Como um homem de ciência, você acredita que todos os grandes avanços da ciência não são desejados por Alá?"

"Eu... ahn... não. Certamente Alá deve achar que o que a ciência tem feito é bom, na maioria das vezes. Mas isto... "

"Isto é uma coisa má, como a bomba nuclear? Isto irá prejudicar a humanidade? Ou isto é uma batalha, uma luta justa, contra a extinção? E outra vez eu devo perguntar, como você com toda a sua sabedoria pode saber que Alá não permite as recriações de homem que podem salvar seus filhos na Terra?"

Dr. Shekka olhou meio confuso, seus lábios se movendo.

"Você não aceita a possibilidade de que Alá, que age por caminhos tortuosos, tenha inspirado o conceito de gravação de vida entre nós? E neste caso, Alá é seu pai mesmo que sua "mãe" seja uma gravação de vida".

Um repentino sorriso surgiu no rosto do Dr. Shekka. "Como um homem profundamente religioso, Dr. Wright, eu devo admitir que você me deu uma nova perspectiva. Ou melhor, para colocar de outra forma, você confundiu maravilhosamente a saída da questão de modo que eu não tenho mais objeções precisas em ser um homem recriado. Eu suponho que eu deva aceitar o ponto de vista filosófico de que desde que eu sou, eu sou. Como um homem de ciência duplicado, eu serei feliz em utilizar a doação de minha mente e não em destruí-la".

"E como um *homem* com seus próprios direitos", disse Durk cordialmente, "deixe-me apertar a sua mão".

Havia um brilho nos olhos do Dr. Shekka quando ele solenemente pegou a mão estendida de Durk.

O psiquiatra olhou surpreso. Ele falou para Durk quando ele saiu, "Que persuasor você teria sido!"

Durk sentiu seu pensamento e espírito se estremecendo. Sem dúvida, o Shekka recriado desejava que ele fosse o homem original. Pelo contrário, Wright desejava que ele fosse a sua recriação. de modo que ele pudesse ir para casa e ver Ellen e as crianças. Talvez este projeto de recriação tosse uma coisa diabólica...

Durk teve que tirar este pensamento de sua cabeça.

CAPÍTULO IX

Ela trabalhava no departamento de recreação que manipulava os gravadores de vida. Seu nome era Lenora Colfax. Ela tinha olhos cor de safira e um nariz arrebitado. Ela caminhava graciosamente e sua voz era melodiosa. Ela tinha cabelos louros elegantemente penteados e sorria de maneira cordial. Ela era tão parecida com Ellen que Wright-Durk se assustou quando a viu pela primeira vez.

Por um momento ele pensou, loucamente, que ela era uma recreação de sua mulher. Finnegan Lloyd tinha criado insanamente a sósia de Ellen, acreditando que ela poderia consolar Durk como uma mulher substituta? Mas quando Durk balançou a cabeça para aclarar a sua visão, seus nervos se acalmaram.

Rosto mais comprido, sobranceiras arqueadas de maneira diferente, covinhas nas duas bochechas... não, ela era apenas o tipo normal de "sósia" accidental. Um anúncio do cinema antigo surgiu em seus pensamentos numa forma parafraseada - qualquer semelhança entre Lenora Colfax e Ellen Durk era mera coincidência. Contudo esta semelhança era próxima suficiente para fazer a garota parecer, através de olhos estrábicos, quase que exatamente igual a Ellen.

E em consequência disso, uma nova luta fantástica começou para Durk. Ele tentou ignorá-la, tirá-la de seus pensamentos, mas ele não conseguiu. Um dia, impulsivamente ele a convidou para almoçar. Ela ficou um pouco surpresa mas aceitou sem hesitação.

No começo ele pensou em levá-la a um restaurante pequeno e distante de modo a não chamar atenção. Mas ele então riu dele mesmo, aborrecido. Ele não era um homem casado tendo um caso secreto com outra mulher. Como Ceci! Wright, ele era um homem livre, um solteirão. Neste ponto amargo de seus pensamentos, ele riu novamente, e levou-a para um luxuoso lugar das vizinhanças. Não tinha importância que ele fosse visto com ela. Não haveria comentários, exceto pelo fato do "chefe" pela primeira vez estar mostrando alguma inclinação romântica.

Quando os dois já estavam sentados a uma mesa, Lenora falou francamente, "Estou lisonjeada por você ter prestado atenção em mim. Você é praticamente Deus no laboratório, você sabe".

"Deus?" Ele riu. "Você diz isso porque eu sou o chefe?"

"Sim. Mas eu disse isso com outro sentido", ela disse mais solene. "No fim das contas, você está criando seres humanos, assim como Deus criou Adão e todos os outros que o seguiram".

Durk considerou isto, espantado. Ele nunca tinha pensado desta maneira. Mas ele viu o brilho em seus olhos. "Eu posso ser Deus mas eu tenho um apetite humano. Vamos pedir".

Ela riu e ele sentiu-se perfeitamente à vontade com ela. Eles conversaram sobre os

empregos por uns momentos e um crescente sentimento de intimidade surgiu em Durk. No meio da conversa descobriu-se que ela não só era solteira como também não tinha nenhum compromisso sério, conforme ela mesma admitiu.

Durk sentiu seu coração bater. Se ele fosse se casar novamente, esta espécie de garota seria a sua escolha. Casar-se novamente? O pensamento perturbou sua mente, chocando-a. Mas ele já era casado - *ou estava?* Ellen vivia com o outro Durk como marido e mulher. Isto deixava Durk livre, legal e moralmente. O impacto devastador desta situação única deixava-o quase sem respiração. Ele podia se casar de novo.

"Alguma coisa errada?" Lenora perguntou, olhando preocupada para seu rosto pálido.

"Não, não". Ele riu fracamente e quis se atirar à sua comida como se estivesse morrendo de fome, mas o apetite tinha se ido.

Ela de repente mudou de assunto. "Você entende, eu odiaria ser uma recriação se eu fosse homem. Imagine-os tendo de abandonar - em seus pensamentos - suas vidas com mulher e filhos. De repente eles descobrem que eles não possuem família e teriam que se casar novamente se quisessem ter uma".

Durk quase deixou seu garfo cair. O que ela diria, se ela conhecesse a sua situação, que era a inversa? E em consequência disso um dilema muito pior. Uma recriação não perdeu realmente sua família, exceto em suas recordações. Durk sofreu a coisa real, a pena final.

"Maldito seja o programa de recriação!" ele falou repentinamente, em sua agonia interna.

Ela olhou para ele fixamente. "uma coisa muito estranhá para o chefe do programa dizer".

Durk estava espantado com ele mesmo. "Eu... ahn... eu quis dizer.. "

"Eu entendo", ela disse rapidamente. "Você se refere a todos os problemas que isto traz e a todos os sentimentos humanos que tem que serem desprezados. Contudo, isto é necessário, não é, para combater o Inseto Cerebral".

"Naturalmente, disse Durk, contente porque ela inconscientemente tinha disfarçado o embaraço dele. Ele olhou os olhos azuis da garota, tão parecidos com os de Ellen. Poderia e deveria pensar em casar-se de novo?

Então um outro pensamento se introduziu em sua mente. *E se o outro Durk morresse com a Doença do Cérebro?* Então, talvez, se isto ficasse secreto para Ellen, ele poderia ocupar o lugar do sócia e reassumir sua vida antiga. Ele quase parou de respirar diante deste pensamento.

Mas novamente, isto conduziu a outro pensamento doloroso. Até agora, nenhuma recriação tinha sido atingida pelo Inseto Cerebral. Naturalmente, o número era ainda pequeno, alguns milhares comparados aos milhões de cientistas vivos. Mas as recriações seriam de alguma forma imunes? Algum fato engenhoso na recriação eletrônica do cérebro tinha tornado-o resistente ao Inseto?

Se assim fosse, não haveria a menor esperança para Durk esperar a possível morte do sócia. Não que ele desejasse isto, mas apenas considerando as possibilidades. E isto deixava-o novamente deslocado em sua vida pessoal.

Antes que ele pudesse se casar novamente, ele teria que esperar e ver se as recriações são realmente imunes. Se elas o fossem, Durk teria que enfrentar a perda de Ellen e teria que pensar em casar-se novamente - e sentir-se um bígamo, embora não o fosse pelas leis e códigos morais.

Se eles não fossem imunes, então Durk enfrentaria uma espera incerta por vários

anos, talvez a vida toda, sem qualquer certeza de qual caminho o destino tomaria. Insensatez... Tortura estranha...

Durk dissimulou para que seus pensamentos atormentadores não se refletissem em seu rosto e assustassem a garota. "Vamos jantar juntos qualquer dia destes", ele convidou, quando eles estavam prontos para ir embora. Ela concordou e Durk sentiu-se culpado. Ele estava arrastando-a por um barbante, um fantoche na peça particular de sua vida, que poderia se virar a seu favor ou contra ela.

Durk esforçou-se em fazer observações amenas durante a corrida do táxi-aéreo de volta ao EMI. Então eles pegaram o elevador vigiado e desceram ao imenso subsolo que o mundo em grande parte ainda desconhecia.

O lugar onde uma máquina divina, se não Deus, estava criando homens com matéria manufaturada moldada em carne e sangue humanos. E em mentes e emoções humanas.

Durante a reunião mensal seguinte entre Durk e Lloyd, referente ao programa do Laboratório de Recriação, Durk apresentou assuntos de rotina.

"Eu fiz um levantamento do grupo científico. Como algumas pessoas de QI elevado possuem empregos comuns e são inúteis ao nosso programa de preencher o banco de cérebros mundial, alguns cientistas devem ser omitidos. Por exemplo, um arqueólogo que durante a vida toda escavou artefatos antigos relativos ao passado histórico da humanidade. Ou um antropólogo que desenterra fósseis velhos e acrescenta outra peça ao quebra-cabeça da evolução. Eles não são realmente importantes para o mundo, de acordo com o ponto de vista estritamente materialista. Ao menos, não são vitais para a sobrevivência do mundo".

Lloyd concordou. "Isto faz sentido. Nós precisamos de executivos, de planejadores, dos que tomam as decisões nas áreas vitais da vida humana de hoje".

"Contudo, nós modificaremos o levantamento para incluir alguns dos cientistas culturais - para chamá-las desta maneira - no caso de eles desejarem desistir das carreiras antigas. Um arqueólogo, por exemplo, pode ser treinado para supervisionar uma fábrica que produza artefatos modernos - ferramentas, gêneros alimentícios ou tecidos. Estes que desejam terão suas gravações de vida feitas, mas depois de seu treinamento no emprego novo; de modo que a recriação herde o treinamento".

"Treinamento gratuito, por assim falar", disse Lloyd esquisito. "Por que pagar duas vezes pelo curso?"

Durk agora falou o que estava atormentando o seu pensamento.

"A primeira coisa que eu fiz como chefe do Laboratório de Recriação, como você sabe, foi fazer as gravações de vida das recriações também, tão logo eles sejam produzidos. Isto é uma precaução para o caso de o original e sua recriação morrerem. Em alguns casos, com a carência de poder cerebral em todo o mundo, eles são homens indispensáveis com talentos especializados que nós poderíamos perder para sempre".

"Isto não pode acontecer", concordou Lloyd. "Foi uma inovação muito brilhante".

"Mas isto terá utilidade? Não será um desperdício de esforço?" disse Durk, fumando lentamente seu charuto Grande.

"Você fala sério?" Lloyd estava espantado. "É segurança. Proteção para o caso da recriação de um cientista morto também morrer de Doença Cerebral".

"Mas e se as recriações são imunes?"

Lloyd olhou assustado. "Imunes? Mas..." "Olhe", interrompeu Durk. "Talvez seja

muito cedo para falar, mas os números mostram que nenhuma das recriações - uns 100.000 até a data - pegou a doença do BV -QI".

"Mas o total deles é menos que um milésimo do número total das pessoas vivas com QI superior a 125".

"Mas a taxa de morte é de 1 % ao ano para estas pessoas", disse Durk incisivamente. "Mesmo em três meses isto significa 250.000 mortos. Pela grande diferença de dois e meio para um deveria ter havido recriações mortas antes disso.

Lloyd pulou excitado. "Você está certo, Durk", ele disse com alegria em sua voz. "Se é verdade, isto significa que nós ganhamos a batalha, mesmo que tenhamos que recriar todos os cientistas na Terra. Os originais podem morrer pelo Inseto mas as recriações irão sobreviver. A epidemia acabará. Homem, que golpe de sorte!"

O sorriso fixo de Durk queria participar do entusiasmo de Lloyd. Mas dentro dele mesmo ele se sentia como se ele tivesse morrido. O aparente fator de sobrevivência das recriações significava sua própria "morte" - como Wayne Durk. Depois disto, seu sócia viveria. E viveria derrotando o Inseto Cerebral.

Ironia de novo. Ironia esquisita que apenas um destino gozador poderia ter inventado. Se os sócias eram imunes, a Terra venceria - mas Durk perderia. A outra alternativa era dificilmente melhor. Durk poderia ganhar se seu sócia morresse - mas a Terra poderia morrer também.

Atordado, incapaz de suportar esta espécie de sofrimento mental, Durk mudou o tópico, remexendo os seus papéis.

"Um novo problema está surgindo. Dos originais dos 100.000 homens recriados que nós fizemos, uns 250 morreram nestes últimos três meses. O último foi Dr. Swenson, cientista nuclear da Suécia. Ele morreu de Doença Cerebral, deixando sua recriação viver sozinha e agora trabalhando em outro emprego importante, enquanto outra recriação toma o lugar de Swenson".

"O que tem isto?" balbuciou Lloyd, desinteressado. "A beleza de nosso programa de recriação é que num minuto se um homem chave é atingido pelo Inseto alguma recriação pode calçar seus sapatos sem esforço".

"Sim, mas e a família de Swenson?" disse Durk pensativo. "Ele tem uma mulher e sete crianças".

"Oh, rapaz", resmungou Lloyd. "Outra senhora dor de cabeça".

"Maior do que você pensa", respondeu Durk melancolicamente. "O que você tem feito nos 250 casos que já aconteceram?"

"Nada, na verdade", confessou Lloyd, passando a mão em sua cabeça careca. "Nós colocamos a recriação em seu emprego novo sem falar à família sobre isto. Ele não volta para casa, Muito tímido para atravessar a distância e viver com eles".

"Desumano", disse Durk. "Um homem não vive só de trabalho - nem uma recriação. A outra metade de sua vida no lar deve ser restituída, se possível".

Lloyd estava pensando. "Talvez nós tenhamos que fazer toda a equipe de psiquiatras trabalhar nisso e imaginar uma maneira de reintroduzir a recriação em sua família. Se nós explicamos como é a reencarnação exata do homem morto..."

"Você gostaria de tentar?" perguntou Durk.

"Eu prefiro lutar contra um dragão", admitiu Lloyd, seu corpo gordo tremendo.

"Mas isto requer outra mudança política em nosso programa", Durk continuou, habilidosamente. "Quando Swenson foi atingido, sua família foi imediatamente avisada. Mas daqui por diante, nós ordenaremos que ao primeiro sinal da Doença Cerebral, a vítima seja isolada num hospital, desconhecido pela família. Desde que a morte é 100% inevitável, sua recriação tomará seu emprego e seu lar imediatamente. Não

haverá interrupção nos seus negócios particulares. A mulher e as crianças não suspeitarão de nada".

"Não?" duvidou Lloyd. "E as memórias da vida no lar que a recriação não teve? Memórias do período em que o homem original ainda vivia em casa. Lembre-se que as recriações são criadas antes da morte do original, a qual pode acontecer meses depois. Você não pode implantar estas memórias perdidas numa recriação. Ele parecerá um imbecil para a esposa".

"Não se nós cuidadosamente inventarmos uma história que um acidente de laboratório provocou amnésia no homem". Durk estava sentindo sua própria situação, nesta imensidão nova e não experimentada das reações humanas que surgiu da existência de homens duplos. Isto era um emprego de experiências, de improvisação e de remendo. Mas o que mais havia para ser feito? Tudo que pudesse ser salvo nas relações humanas para prevenir o trágico desgosto tinha que ser feito, não importa que desagradáveis meios sejam necessários.

"*Alguma* coisa pode ser inventada para cobrir esta falta de memória", ele continuou firmemente. "Então a recriação pode voltar à família e tomar o papel anterior do homem, sem dificuldade. Melhor que tudo, ele terá toda iniciativa e incentivo necessário, também. Em sua mente, ele viveu com eles durante toda a vida e os amou, como o homem que morreu. De fato, qualquer recriação pode ser delirantemente feliz - acreditando que há uma boa vida no lar - se isto acontecesse. Ele vai se espantar com a felicidade que ele pode ter".

Durk sabia isto com certeza, pois isto era o inverso de sua própria situação. Certamente ele estaria delirantemente super-feliz se seu sócio morresse e ele, Durk, pudesse voltar ao calor de seu lar. Mas no seu caso havia uma barreira formidável se as recriações fossem imunes.

"Certo", Lloyd estava dizendo preocupadamente. "Nós instituiremos seu plano de agora em diante. Isto cuidará dos casos futuros em que o homem original morre e sua própria recriação é promovido em seu lugar. Mas nós não podemos fazer mais nada pela pobre Senhora Swenson..."

"Eu vou tentar, por Deus", explodiu Durk, batendo seu punho na mesa. "Eu mesmo vou voar para lá e ver se eu posso convencê-la a aceitar a recriação de seu marido em seu lugar, pelo amor aos filhos. As crianças aceitarão se a mãe deles aceitar, pois são mais adaptáveis".

Estaria tentando o impossível? Durk não sabia. Ninguém sabia. O caso nunca tinha surgido na história humana. Num sentido, ele pensou, ele era um pioneiro no vasto domínio das relações humanas, ainda não escritas nem exploradas. Ele tinha que descobrir, se ele pudesse, um novo mundo onde os sócios recriados sejam aceitos sem discriminação na arena do amor entre um homem e uma mulher. E entre uma recriação e uma mulher...

CAPÍTULO X

A senhora August Swenson estava com os olhos secos, sentada com orgulhosa dignidade. Ela tinha mandado as crianças brincar ou fazer as tarefas nesta localidade semi-rural. Suas primeiras e poucas palavras de saudação encorajaram Durk, indicando uma mente equilibrada de bom calibre. Ela obviamente não deixara as emoções assenhorear-se dela ou dominá-la. Um bom teste para o fato que pudesse ocorrer por acaso em que a mulher fica sabendo da morte do marido apesar das tentativas de segredo.

"Eu não posso lhe falar quem eu sou ou que organização eu dirijo", Durk disse cuidadosamente pois o Laboratório de Recriação ainda estava sob estreita segurança. "Mas é um projeto muito importante com total apoio do governo da UMT".

Ela o olhava penetrantemente e estava aparentemente convencida de que ele era digno de confiança, pois ela assentiu e aguardou ansiosa suas próximas palavras.

Durk tinha ensaiado algumas mas ele sabia que ele teria que improvisar quando ele prosseguisse, em grande escala. Uma escala assustadora. Com nenhuma linha de direção a seguir. Nada existia.

"Senhora Swenson, a senhora acredita na reencarnação?" ele perguntou repentinamente.

Ela olhou assustada. "Sim e não. Isto é, eu não vejo nada de errado no conceito, contudo eu não penso que haja prova. Eu sou agnóstica".

Muito bom. Nenhum juízo preconcebido, neste ou em qualquer outro ponto.

"Mas e se eu falar à senhora que a ciência não apenas provou que existe uma espécie de reencarnação, mas também a tem realizado atualmente?"

A senhora Swenson era inteligente bastante para perceber onde isto poderia chegar e Durk podia ver o rápido brilho em seus olhos e ouvir a sua respiração. Ela estava somando dois e dois, muito rapidamente.

"Eu quero dizer", Durk precipitou-se, apressando-se ao ponto mais cedo do que ele planejava, "que em nossos laboratórios, nós recriamos seu marido morto. *Com vida*".

No começo, ela o encarou indignada, como se ele estivesse insultando sua inteligência ou brincando com ela. Depois sua expressão transformou-se em pura descrença. Finalmente, uma curiosidade prudente brilhou em seus olhos.

"Meu marido... recriado? Eu não uso a palavra impossível, porque nada realmente é impossível. Mas como... *como?*"

Durk ficou mais animado. Ela estava disposta a ouvir o processo. Com palavras escolhidas, ele deu o fundamento do programa de recriação sem violar a segurança nos detalhes essenciais. Seus olhos se arregalaram e ela tremia como se pequenos choques a atingissem nas profundezas de seu corpo. No fim, ela caiu em prantos.

Durk deixou-a chorar. De repente, ela secou as lágrimas com um lenço, firme e corajosamente. "Eu terei que aceitar o que o senhor está dizendo porque, como meu marido, o senhor é um cientista que está apenas interessado em procurar e dizer a verdade. Mas o senhor diz que este... este homem recriado é *exatamente* igual a meu marido?"

"Física, mental, emocional e espiritualmente, até o último átomo e célula nervosa e glândula. Além disso, ele tem todas as lembranças de sua vida de casado, exceto por um pequeno período desde que ele está vivo. Mas este segundo Dr. Swenson é o Dr. Swenson..."

Durk fez uma pausa e a olhou em seus olhos, falando lenta e enfaticamente. "Quando Dr. Swenson - o que está vivo agora - ouviu que com seu consentimento ele poderia ser aceito em sua casa como um pai e marido, ele sucumbiu e chorou também... de alegria. A senhora vê, em pensamento e lembranças, ele viveu realmente com a senhora a vida toda. A senhora não lhe é estranha e sim uma esposa muito amada".

Os olhos da senhora Swenson pareciam pleitear mais. Durk estava quase desejando.

"Ele pode se lembrar do dia, ele me disse, em que ele lhe propôs casamento junto ao muro de um castelo. As coisas ternas que ele disse. Ele me falou sobre o grito de alegria que ele deu quando o primeiro filho nasceu - ele lhe contará as palavras que ele depois lhe disse no ouvido. Palavras que apenas a senhora pode saber. Ele se lembra do tempo em que a pintou e a chamou *Beleza*. E do tempo..."

"Nãojá basta!" gritou a senhora Swenson. "Está partindo meu coração. Por favor pare".

Durk ficou surpreso. Ele tinha perdido depois de toda sua eloquência todos os firmes desejos de retificar uma tragédia e trazer uma nova alegria para corações aflitos?

Mas de repente ela sentou-se com um sorriso que era como a aurora aparecendo sobre as colinas. "Por favor traga-o... o Dr. Swenson... para mim esta tarde".

Quando a recriação entrou um pouco mais tarde, os dois se olharam por um longo momento. Então, como um ser único, eles correram um para os braços do outro, murmurando coisas ternas.

"Muito obrigado, muito obrigado, muito obrigado", veio até aos ouvidos de Durk, pois ele já estava saindo. Ele não era mais preciso lá. Ele tinha criado algo a mais que um sócio, ele pensou - ele tinha criado desta vez um pedaço de céu para duas pessoas.

Havia algumas compensações, no fim das contas, neste programa de recriação. Naturalmente em algumas famílias - seus pensamentos tornaram-se mais práticos - a volta da recriação ao lar seria a última coisa que uma mulher descontente ou do contra desejaria, contente por estar livre do marido indesejado. Assim era a vida. [lol]

Wayne Durk, aliás Cecil Wright, estava contente de ter que trabalhar duro neste emprego. Era o único remédio para a sensação de imenso vazio que sentia diante do pensamento de perder Ellen e as crianças.

Três mil homens e mulheres - a taxa tinha subido - convocados por dia, de todo o mundo, para terem suas gravações de vida feitas. Consistia um enorme problema de logística apenas buscá-los e levá-los de volta. A equipe treinada de Durk cuidava de todos os detalhes, avisando diariamente o grupo escolhido, buscando-os, processando-os através do processo de gravação, e depois enviando-os de volta a seus empre-

gos. Tudo com a mínima perda de tempo, pois eram pessoas de QI elevado em empregos chaves que mantinham a civilização funcionando sem cair morta.

Para manejar este imenso fluxo de poder cerebral para dentro e para fora, o Laboratório de Recriação era agora um labirinto que se estendia por milhas no subsolo da cidade de Earthia. A equipe alcançava já alguns milhares. Os fundos, constantemente se não alegremente, tinham sido concedidos pelo escritório de orçamentos da UMT sob a pressão de Josas de Milleaux da Comissão da Doença Cerebral.

Finnegan Lloyd, por sua vez, tinha transformado o dinheiro em maiores facilidades, equipamentos novos e contratação de pessoal. Era, num sentido, um Projeto Manhattan - estranhamente sob Manhattan - ou um Programa Lunar Apolo, com um objetivo determinado, só que numa escala ainda maior. Era a última batalha de Custer contra o esquecimento da raça humana.

Durk recuava toda vez que ele via um grupo de homens e mulheres novos surgindo. Todos eles tinham uma aparência desprezível, como a de criminosos condenados. A gravação de vida para eles apenas dava forma ao machado sob o qual estas pessoas de alto QI viviam. Cada um deles sabia que poderia ser a próxima vítima das taxas de morte - o pensamento sempre castigava Durk duramente - 100.000 das pessoas de alto QI originais tinham se ido, e foram substituídas por suas recriações, num ano.

Mas, Durk sentia uma grande satisfação com as realizações do Laboratório de Recriação. As facilidades cresceram sob forçadas condições numa marcha veloz em 1998. Por fim, pela primeira vez, eles tinham atingido e ultrapassado a taxa de morte entre as pessoas de QI elevado. Mais nenhuma fábrica, indústria ou laboratórios estavam fechados por falta de poder cerebral. As recriações preenchiam as lacunas.

Apesar de hesitante, por causa da epidemia cerebral mortal desses últimos anos, a civilização podia agora continuar seu caminho. E uma promessa de ouro estava a sua frente. Pelas uniões casuais do Código genético, de acordo com as leis de hereditariedade, as pessoas de baixo QI poderiam produzir novamente gênios na próxima geração. Se a Doença Cerebral fosse vencida - ela deve ser a raça humana poderia novamente se procriar na inteligência.

As recriações, Durk via claramente, eram a grande esperança. Eles poderiam continuar a preencher o banco de cérebros até que o pior se fosse. E se eles fossem realmente imunes ao Inseto Cerebral, seu número poderia brevemente ser aumentado para lentamente reconstruir o poder cerebral em seu antigo local. Na verdade, isto poderia ser de menor qualidade, privado de seus gênios originais, mas conservaria a fortaleza até que a geração seguinte produzisse sua quota de mentes elevadas.

Imunidade diante do Inseto Cerebral. Se Durk tivesse escolha, o que ele gostaria de ter? Sua mente se dividia em dois caminhos. Viver sem Ellen e as crianças era como uma sentença à tortura perpétua. Contudo morrer antes que estivesse certo de que ele nunca poderia obtê-los de volta, através da morte do sócio caso isto acontecesse...

Durk suspirou e inclinou-se sobre sua escrivaninha inquieto, voltando aos papéis que ele tinha que assinar. Ele não chegou a começar, pois a porta foi repentinamente aberta e Finnegan Lloyd apressado entrou, suas bochechas gordas tremendo.

"Durk! Aconteceu!" ele gritou rouco, sacudindo três telegramas via satélite. "Três recriações foram atingidas pelo Inseto Cerebral".

Durk sucumbiu. Isto tornaria seu emprego duplamente duro agora, não apenas substituir os originais mas também preencher as recriações que morressem. Talvez sua resistência tenha sido apenas temporária e agora o Inseto estava atrás deles

também.

Lloyd estava olhando Durk nefastamente e o ar parecia estar elétrico. "E um deles é", Lloyd disse com uma lentidão medida, "... Dr. Wayne Durk".

"Minha recriação?" disse Durk.

Lloyd calado fez um sinal com a cabeça.

Um sonho vertiginoso surgiu na mente de Durk - de ser reunido à sua família e ganhar de novo sua vida antiga. Ele não se sentia culpado por estar contente pelo fato de seu sócia ter sido atingido. Afinal de contas, ele era uma criatura feita em laboratório, não um ser humano. Então ele se envergonhou de si mesmo. Mas ele segurou o braço de Lloyd com força.

"Ellen já sabe?"

"Não, ainda não",

"*Não lhe conte nada*", gritou Durk. "Não diga nada. Por hoje, temos que explicar porque ele não foi para casa... bem, as coisas cuidam de si mesmas. Venha, vamos para o hospital".

"Wayne Durk" tinha sido levado para o Hospital de Doença Cerebral especial, que não tinha nenhuma ligação com o EIM ou o Laboratório de Recriação. A morte não fazia parte da criação de novas vidas. Durk-Wright assustou-se com o estado febril de seu sócia, virando e contorcendo-se na cama. Uma equipe de enfermeiras estava freneticamente aplicando-lhe injeções endovenosas, hipodérmicas com poderosos antibióticos, transfusões de sangue. Apesar dos fracassos anteriores, os tratamentos médicos tentavam desafiar a morte, esperando evitá-la contra qualquer probabilidade.

Todos sabiam que não havia esperanças. A vítima torturada pela febre caíria em coma no dia seguinte, depois seu cérebro apodreceria e definharia. O que era enterado com o corpo era um crânio vazio.

Durk tremeu quando ele viu seu sócia entrando nas agonias da morte. Num instante de relação empática, ele quase podia sentir os dolorosos sofrimentos da cabeça como se o cérebro vivo estivesse sendo lentamente invadido e destruído. Era como ver a própria morte.

Mas junto a isto, alguma coisa lutava por explodir e cantar com uma alegria selvagem. Lloyd :parecia ter adivinhado seus pensamentos e colocou uma mão simpática sobre seu ombro. "Se nós trabalharmos direito", ele sussurrou calmamente, "você pode secretamente tomar o seu lugar, como ele tomou o seu e voltar para casa, para sua mulher e filhos".

Durk se voltou com fúria ardente. "Você está louco!" ele gritou. "É por isso que você acha que eu vim?" Ele arrancou o paletó e tirou a camisa.

"Doutor", ele gritou quando um apareceu. "Transfusão de vida. De mim para o Dr. Wayne Durk. Portanto traga-me uma máquina de sangue e me dê sangue novo enquanto todo o meu é doado para o paciente. Todas as gotas dele. Entendeu?"

O doutor olhou de boca aberta. "Você ouviu o homem", gritou Lloyd. Enquanto o doutor dava ordens para as enfermeiras, Lloyd se voltou para Durk confuso. "Por que?"

"Por que eu posso ser o único que seja imune", respondeu Durk, recuando quando a enfermeira inseriu a agulha em seu braço. "Apenas um pressentimento louco, é isto. Lembra, eu fiquei congelado durante um ano no espaço e... quem sabe? E minha recriação sendo atingida na minha frente... bem, isto parece estar errado. Loucura. Por isso talvez não seja muito louco tentar isto".

A engenhosa máquina de sangue de 1998 introduzia plasma sanguíneo em Durk enquanto suas próprias veias vertiam o fluído da vida para o homem febril. Os dois

fluxos de sangue não se misturavam nas veias de Durk, diluindo o produto que ia para o sósia. O plasma artificial que Durk recebia foi planejado para ser não miscível com sangue, para permitir completa drenagem do sangue de um homem para o outro homem. Quando a transfusão estava terminada, um sangue completamente novo tinha sido bombeado em Durk.

Ele não sentiu nada por causa da experiência senão uma ligeira vertigem. As enfermeiras lhe deram injeções que o reanimaram.

"Nós tentamos esta vez e tentaremos uma outra", disse o médico atendente, um pouco sarcástico... "Substituir todo o sangue do paciente até a última gota não vai deter a Doença Cerebral..."

Ele interrompeu, olhando para o paciente. Ele tinha ficado repentinamente calmo e o rubor começou a desaparecer de seu rosto. Espantado, o doutor mediu a temperatura. Ele examinou e sua voz explodiu, "A febre desceu! Isto significa que a doença foi interrompida". Ele encarou Durk, assustado. "Como seu sangue pode fazer isto, a menos que carregue anticorpos contra a Doença Cerebral?"

Vestindo sua camisa, Durk disse tenso, "Eu sinto muito, Doutor. Eu não posso lhe contar por razões de segurança".

O médico abriu seus braços e encolheu os ombros.

Depois que eles saíram para o hall, Lloyd empurrou Durk para uma sala de espera onde não havia ninguém exceto um velhinho que parecia dormir. "Desembuche, homem", pediu Lloyd, ainda espantado com o que aconteceu. "Você deve ter alguma suspeita, alguma teoria, para sua imunidade".

Durk pensou e respondeu lentamente. "Minha suposição - e é apenas uma suposição - é que durante o ano em que fiquei congelado no espaço, minha nave espacial provavelmente tomou uma órbita muito excêntrica ou elíptica".

"Confere", concordou Lloyd. "Nós recuperamos sua cápsula do topo daquela geleira, você sabe. Os gravadores automáticos, que continuaram a funcionar por uns momentos depois de sua colisão - provavelmente com um meteorito - registrou um pouso de 33.261 milhas acima da Terra".

Durk estalou os dedos. "Bem, pelo Cinturão de Van Allen. Isto demonstra solidamente o que eu suspeito - que as radiações de Van Allen que eu absorvi, em banhos diários durante um ano, me deram alguma espécie de imunidade para o Inseto Cerebral".

Um calor de excitação apoderou-se de Lloyd. "Então no fim das contas sua missão espacial não foi um fracasso. Não se você trouxe a chave dourada para vencer o Inseto". Mas seu rosto caiu. "Naturalmente nós não podemos mandar dez milhões de cientistas até o Cinturão de Van Allen, e mais as recriações.

"Não, mas nós podemos analisar por que ou como as radiações de Van Allen agem. Como elas interagem com o cérebro ou o sangue. Uma outra viagem espacial e uma porção de trabalho de laboratório na Terra, e nós poderemos ser capazes de duplicar as radiações aqui embaixo. As radiações anti-Inseto que poderão vencer a epidemia".

Durk hesitou, cansado. "Mas é melhor esperar antes de contratar uma banda de música. Meu sangue pode ter dado a meu sósia apenas uma melhora temporária. Nós teremos que esperar mais um pouco pelas notícias do hospital antes que estejamos seguros de que ele se salvou".

CAPÍTULO XI

Durk não deixou seu escritório aquela noite. Ele ficou sentado no escuro, observando as luzes da cidade espalhadas sobre uma paisagem externa, esperando... esperando. Quando o videofone tocou, ele rapidamente o atendeu. O rosto do médico na tela era um grande e alegre sorriso. "Você me pediu para telefonar se houvesse alguma mudança, para melhor ou para pior. Eu estou feliz em fazer este relatório sobre o paciente - pulso, normal..."

Como o doutor lesse uma sequência de termos clínicos, Durk interrompeu-o bruscamente. "Pule este lixo médico, doutor. O que tudo isto significa?"

"Isto significa que o paciente está claramente fora de perigo, com todos os sintomas desaparecidos. Dr. Wayne Durk é o primeiro homem na Terra a sobreviver a Doença Cerebral. E isto significa para o mundo, senhor..."

Rudemente, Durk apertou o botão e desligou. Contudo, o que isto significava para o mundo era uma nova e maravilhosa oportunidade de vencer o Inseto e evitar que a civilização cambaleasse para sua sepultura.

O que isto significava para Durk era a morte de sua derradeira esperança. Salvando seu sócia, ele tinha cortado sua própria garganta. Excetuando morte por acidente ou por alguma doença comum - um risco comparativamente muito raro em 1998 - a recriação de Durk viveria até a velhice, talvez sobrevivendo mesmo a Dr. Cecil Wright...

Durk amaldiçoou em voz alta e deu um soco no nada em particular. A faca dilacerava-o mais e mais. Ele amaldiçoou o dia em que o processo de recriação foi desenvolvido. Isto tinha salvo o mundo. Mas tinha deixado o universo de Durk se esfacelando a seu redor.

Na pálida luz da aurora, ele tinha eliminado toda a raiva nervosa de seu sistema. Ele estava drenado, vazio, simplesmente capaz de levar ele mesmo para comer um pouco, antes que um outro ocupado dia o surpreendesse.

E ele tinha que pensar. Pensar em como tirar vantagem dessa oportunidade de ouro de vencer o Inseto. Ele odiava o Inseto mais que tudo. Em primeiro lugar, ele tinha levado ao processo de recriação que levou ao sócia de Durk que levou à armadilha da vida como Cecil.

"Eu vou apanhar o Inseto Cerebral", Durk jurou a si mesmo com intensidade fanática, "por isso me ajude".

Mas alguma coisa mais perturbava Durk. Uma série de pequenas coisas que conseguiam irritá-lo porque elas não podiam ser encaixadas ou colocadas nos lugares devidos. Elas apareciam quando ele tinha uma visão geral do problema todo do Inseto Cerebral. Exasperado diante da confusão quando elas volteavam em seus pensamentos, ele fez um esforço concentrado agora para classificá-las e ordená-las, uma

por uma...

Apesar das vagas teorias sobre alimentar-se de bio-correntes, como um vírus podia atacar sistematicamente apenas os cérebros de alta voltagem? Isto quase parecia ser *deliberado*. Como ele podia passar de cérebro para cérebro como um contágio, sem nenhum meio concebível de transmissão? Como se ele fosse de alguma forma diretamente implantado no cérebro.

De onde tinha surgido a Doença Cerebral, desde que os estudos provaram que ele não tinha nenhuma relação com qualquer tipo de vírus da Terra? Quase como se ele tivesse sido trazido para a Terra.

Por que as recriações pareciam inicialmente imunes e depois foram atingidas? Uma doença atacaria ao acaso. Era como se o Inseto tivesse sido apanhado desprevenido pelas recriações e voltou sua atenção para elas quando começou a perceber que as vítimas presumivelmente mortas tinham sido repentinamente recriadas. Mas isto quase que significaria uma vigilância inteligente sobre o poder cerebral terreno.

E continuando este raciocínio, o vírus, quando descobriu que Durk mesmo era imune, atacou seu sócio? Logicamente, o original seria o primeiro alvo... *se o plano fosse destruir sistematicamente o poder cerebral humano*.

Conclusão? Um enigma maldito que não se ajustava exclusiva ou naturalmente com uma simples epidemia viral. Possuía algumas anomalias que se ajustavam a um outro padrão - *um plano deliberado*. Mas aonde isto levava? *Isto significaria um vírus inteligente?*

Completamente fantástico, inconcebível. Na verdade, absolutamente ridículo. E no entanto... *e no entanto...*

De volta ao escritório, as complicadas meditações de Durk foram interrompidas quando Finnegan Lloyd entrou, seu rosto gordo avermelhado.

, "Acabaram de telefonar do hospital. Eles vão dar alta para Wayne Durk hoje".

"Bom", Durk disse, não sabendo se ele queria dizer isso ou não. "Isto significa que nós podemos planejar como analisar as radiações de Van Allen para a cura ou um agente anti-tóxico contra o Inseto, e..."

"Espere", disse Lloyd com um novo tom em sua voz. "Venha ao meu escritório. Eu quero que você ouça uma gravação que nós encontramos na sua nave espacial".

Mistificado, Durk subiu pelos elevadores do seu quartel-general subterrâneo até o arejado escritório de Lloyd no prédio do EMI. Lloyd ligou um gravador. Apenas um assobio se ouvia inicialmente.

"Esta fita estava ligada com um sensor eletromagnético que investigava o espaço na tentativa de detectar o Inseto, ou seus esporos, flutuando no espaço. Ele não conseguiu isto mas captou uma outra coisa..."

O assobio da gravação de repente se transformou numa tagarelice estranha. Durk ergueu-se, assustado. "É quase parecido com uma voz".

"Não é?" Lloyd falou calmamente. "Mas uma voz não-humana. O que você conclui disto tudo?"

Durk estava quieto. Toda a sua perspectiva repentinamente se transformou.

"Alienígenas!" ele gritou. "E se a Doença Cerebral é uma trama engenhada pelos alienígenas de algum outro planeta no espaço exterior?"

Lloyd ficou surpreso pela repentina e inesperada conclusão. "Mas como... por que... onde..." A confusão inquietava sua mente.

Durk estalou seus dedos, triste. "Estava na frente do nosso nariz o tempo todo.

Qual é o meio mais fácil de se conquistar um planeta se você não quer ou não pode destruir todos os seus habitantes?"

Lloyd olhou assustado e Durk mesmo respondeu. "Destruindo sistematicamente os seus líderes. Quando eles se forem, você terá apenas um organismo social sem cabeça para enfrentar, o qual você pode facilmente dominar e tomar para seu suprimento de trabalhadores e escravos. Você não vê a beleza disto, Lloyd?"

"Beleza?" repetiu Lloyd, seus pensamentos incapazes de acompanhar esta revelação surpreendente.

"De uma vez só", continuou Durk, seus olhos brilhando com uma luz nova, "isto explica todos os mistérios inortodoxos da "epidemia" do Inseto. Como ele aparecia do nada... por que ele atingia os cérebros de alto QI tão seletivamente... por que há indicações de um plano inteligente atrás disso... e tudo mais. Agora isto faz sentido".

Lloyd estava mordendo seus lábios. "Pare aí. Eu não estou tão certo. Isto não explica como a doença é transmitida de cérebro para cérebro".

"Sim, isto *explica* isto", respondeu Durk. "Indiretamente pelo menos. Pelo simples fato de esta epidemia não ter meio de ser transmitida, novamente indica alguma coisa estranha, alguma coisa medicamente impossível. E isto por sua vez indica alguma maneira espantosa pela qual os alienígenas podem "injetar" - como, eu não sei - o vírus nos cérebros humanos. Nós devíamos ter suspeitado disto logo", ele disse novamente triste. "Era tão *óbvio*".

Ele fez uma pausa, depois: "Não, não era, na verdade. Nós não podemos xingar a nós mesmos por sermos estúpidos. Os alienígenas sabiamente planejaram sua campanha para depois da epidemia terrena. Eles podiam, simples como facilmente, eu suponho, ter atacado as pessoas de alto QI atingindo-as do espaço com um "laser" ou qualquer coisa. Sabiamente camuflando sua campanha assassina para simular uma doença contagiosa, eles não despertaram suspeitas. Um disfarce inteligente que enganou o mundo inteiro".

Gravemente, ele acrescentou: "Obviamente nós estamos tratando com alienígenas de elevado QI... um QI muito alto".

"Eu não sei", Lloyd dizia cheio de dúvidas. "Isto tudo não passa de suposição. Soa bem mas não temos certeza de que esta é a resposta. Olhe., esta voz esquisita na fita pode ser simplesmente uma reflexão distorcida de vozes de rádio da Terra... "

Durk segurou os controles do gravador e voltou a fita para ouvir de novo a parte com a voz enigmática. "Ouça, simplesmente ouça", ele pediu. "Isto não é uma voz humana, não importa o quão distorcida possa estar. É estranha... misteriosa... *alienígena*".

Lloyd concordou depois de um momento. "Você está certo, Durk. A questão é, de onde isto vem? Onde os alienígenas estão localizados no espaço?"

"Provavelmente nas proximidades", especulou Durk. "Eu duvido que eles possam fazer um trabalho preciso de "infeccionar" os cérebros da Terra do seu mundo de origem, que pode estar a centenas ou milhares de ano luz de distância. Logicamente, eles devem estar perto da Terra, provavelmente numa nave espacial em alguma órbita gigantesca fora do alcance de nossos equipamentos de radar".

"Como nós poderemos localizá-los neste caso?" disse Lloyd, aflito. "Se nós os localizássemos, nós poderíamos enviar mísseis nucleares ou satélites armados e mandá-las para a outra dimensão. Mas o espaço orbital é grande... grande! Como nós os encontraremos?"

Durk apontou o gravador. "Talvez com a fita. Há mais que uma transmissão da voz alienígena?"

Lloyd assentiu. "O pessoal do programa espacial que a ouviu em primeiro lugar

disse que a voz periodicamente vem forte e depois fica mais fraca".

"Humm Isto significa que cada vez que minha nave espacial - enquanto eu estava congelado passava debaixo dos alienígenas que estavam muito mais altos mas do mesmo lado da Terra, ela captava as transmissões deles". Sua voz se alterou. "Pegue a fita e coloque os especialistas para analisar o tempo das gravações da voz. Talvez eles possam calcular o ponto exato no espaço. Será difícil", ele continuou pensativo, "se eles por sua vez estiverem em movimento. Isto é, tomará alguns cálculos terríveis sobre as órbitas relativas de mudança para obtermos uma linha. Mas vale a pena tentar".

Lloyd hesitava. "Nós devemos contar para eles o que estamos procurando? Será muito chocante. E se nós estivermos errados, nós seremos uns bobos completos" ..

"Nós temos que aproveitar esta oportunidade", murmurou Durk. "Nada se pode fazer quanto a isto. Mas por que cortar os nossos pescoços? A equipe de rastreamento espacial não tem que saber o que estamos procurando precisamente. Diga-lhes apenas que nós queremos saber a fonte dessas transmissões particulares. Nem mesmo chame isto de voz. E coloque uma etiqueta de segurança em cima de modo que eles não possam fazer perguntas".

Lloyd apertou um botão do intercomunicador que chama o guarda. Depois de ouvir instruções concisas, ele saiu com a fita.

Então Lloyd e Durk olharam um para o outro, ainda assustados com esta nova e fantástica volta ao mistério do Inseto Cerebral. De mortal mas doença natural, ela se transformara numa espécie inteligente de assassina deliberada.

Invasão do espaço exterior, numa forma diabolicamente esperta...

Durk rompeu o silêncio. "Não importa em que isto resulte, nós ainda temos que levar a frente nosso plano original - de me lançar ao espaço novamente e determinar como as radiações do Cinturão de Van Allen podem trazer imunidade contra o Inseto Cerebral. Se os alienígenas não podem ser diretamente derrotados ou destruídos, nós ainda teremos isto para recorrer".

"Eu vou tratar" dos preparativos para o lançamento. Mas Durk, você não precisa de ajuda? Uma equipe de cientistas, especialistas em várias fases da física e biologia da radiação? Eu posso colocar a sua disposição uma de nossas grandes estações espaciais que dispõem de seis ou mais homens".

"Não", disse Durk com um estranho brilho nos olhos. "Aí haveria necessidade de um grande laboratório a bordo. E uma equipe de dois homens será suficiente - eu e o Dr. Wayne Durk".

"Sua recriação?" Lloyd perguntou.

"Por que não? Com devida modéstia, mas indo pelas evidências, nós somos os dois homens com o mais alto QI da Terra. E nós dois somos especialistas em biologia versados no uso de radiações de todas as espécies no estudo de germens ou mutações de vírus. Sim, meu sócio e eu somos os mais indicados para desvendar o segredo da imunidade lá no espaço".

Irrelevantemente, uma canção antiga surgiu no pensamento de Durk - *Eu e minha sombra*. Mas seria uma "sombra" muito substancial que voaria no espaço com ele.

"Avisar o Dr. Durk no Laboratório de Virologia", - disse Durk para Lloyd. "Em quanto tempo eles podem preparar o lançamento?"

"Em nível de alta prioridade - que o projeto do Inseto Cerebral sempre obtém - eu diria em três dias".

"Muito bom", Durk teve um pensamento repentino. "Faça com que eles equipem nossa nave com o mesmo sensor com o qual eu captei aquela. voz desconhecida,

mais qualquer equipamento de radar direcional que eles se lembrem. Se a análise da gravação antiga falhar em descobrir os alienígenas, meu gêmeo e eu podemos tentar".

CAPÍTULO XII

Nesta noite, Durk vagueava no frio da noite, muito preocupado para dormir. O zumbido da cidade estava morrendo lentamente e suas luzes estavam tremendo. Os escuros esqueletos dos arranha-céus penetravam no céu cheio de estrelas.

Os acontecimentos tinham dado uma fantástica volta nestes últimos tempos. Não apenas ele tinha dado a "si mesmo" uma transfusão para salvar a vida de seu sócia, mas ele e "ele mesmo" logo partiriam numa missão espacial. Sua vida parecia inextricavelmente ligada com a de sua recriação, de modo que eles estavam cada vez mais juntos. Mas as circunstâncias estavam tecendo uma estranha trama que envolvia os dois homens que eram um único homem.

E agora a volta mais espantosa de todas - a de que alienígenas estavam por trás da ameaça do Inseto Cerebral, procurando desmoralizar o mundo todo até um ponto em que tomá-lo seria fácil. Uma civilização sem seus gênios e líderes seria uma presa fácil para os conquistadores do espaço. As massas, com ninguém para assumir uma liderança inteligente, ofereceriam uma oposição pouco organizada. Mesmo para lidar com um exército ou uma esquadrilha de aviões ou um sistema de mísseis é necessário cérebros - que poderiam faltar se a Doença Cerebral continuasse a fazer vítimas.

Inteligente... hábil.. diabólico.

O oposto completo do conceito usual de uma grande armada de poderosas naves de guerra espaciais destruindo a civilização numa imensa guerra super-científica. Este era um ataque furtivo, uma infiltração sutil, uma campanha de destruição que primeiro enfraqueceria a resistência da Terra.

Em última análise, era o poder da inteligência que tornava qualquer civilização poderosa e inconquistável. Elimine o poder cerebral superior e nada sobrar para enfrentar um determinado inimigo. Se eles forem bem sucedidos em destruir o poder QI da Terra, os bilhões de seres humanos confusos e sem líderes que permanecerem, serão uma presa fácil para os alienígenas. E sem disparar um tiro - ou muito poucos - o vasto equipamento da civilização ficaria intacto, facilmente completado e reparado num sistema uniforme de alcance mundial pelos senhores de alto QI de outro planeta.

Era um plano frio e cruel mas excelente, Durk teve que admitir. Era um super-gênio das estrelas, implacavelmente levando a cabo a destruição de um mundo inteiro depois que a civilização foi levada à ruína como um ovo podre.

E este inimigo gênio-louco poderia ser detectado e derrotado? Eis aí o grande desconhecido. Uma grande sombra de incerteza agigantava-se sobre Durk e ele estremeia mais do que a brisa noturna.

A preocupação de Durk foi interrompida bruscamente quando ele parou para acender um cigarro e percebeu um movimento atrás dele fora do campo de visão de seu olho. Um pânico repentino tomou conta dele quando ele distinguiu uma forma escura escondendo-se numa entrada escura.

Durk se moveu, olhando para trás tão casualmente como ele podia. A forma escura continuava em seu encalço. Durk olhou a rua de cima para baixo. Como um louco ele tinha passeado numa parte desconhecida da cidade. Nenhuma alma viva à vista.

Abruptamente, a forma escura se arremessou e fechou o espaço entre eles. Durk saiu de um estado de paralisia e começou a correr. Mas o perseguidor apressou-se e uma mão agarrou o casaco de Durk, segurando-o firmemente.

Durk lembrou-se da hora no bar em que homens grosseiros o examinaram e perguntaram quem ele era. O Movimento Anti-Cérebro... eles estavam atrás dele? Selvagemmente, Durk tentou a tingir o homem, mas não acertou em nada. O homem facilmente lhe aplicou um golpe de judô, aproximando seu rosto ao de Durk.

"Calma, senhor", ele disse. "Eu sou seu guarda-costa" .

"Ahn?"

"Polícia Mundial de Segurança, senhor. O senhor está sendo seguido por nós desde que o senhor entrou em contacto com Finnegan Lloyd e assumiu um cargo de segurança". Ele soltou o braço de Durk. "Desculpe-me, senhor".

O alívio que Durk sentiu enfraqueceu-o e seus pulsos pararam de palpitar. "Bem", ele disse com uma voz que assustava um pouco, "é bom saber que eu tenho uma babá".

"Sim, mas há problemas se aproximando", murmurou o trabalhador, dando apreensivos olhares em volta. "Nossos agentes, infiltrados entre os Homens A.C., descobriram o jeito que eles preparam para agarrar o senhor na primeira oportunidade. O senhor está sob a vigilância deles também. Nós faríamos melhor se saíssemos deste local imediatamente, senhor..."

Sua voz terminou num grito de dor quando ele dobrou as costas com o rosto agoniado. Quando ele percebeu, os olhos horrorizados de Durk viram a faca espetada em suas costas, obviamente atirada de um esconderijo.

Então Durk gelou quando formas escuras ameaçadoras em roupas grosseiras surgiram de lugares escuros e lentamente convergiram em sua direção. Ele estava cercado.

"Não se mova, senhor", aconselhou um dos homens, que tinha uma faca firmemente segura em sua mão. Durk se moveu. Ele sabia de uma coisa - eles não queriam matá-lo mas queriam levá-lo vivo para obterem informações sobre o Laboratório de Recriação. Lloyd tinha montado para manter o local secreto para o mundo todo - e particularmente. para os Homens A.C.

Impelindo seu corpo alto com força, Durk pegou o homem mais próximo de surpresa e atingiu o cotovelo sobre o queixo. Outro homem segurou-o. Durk deu um violento soco em seu estômago e ele se curvou de dor.

O caminho estava livre agora. Durk correu, com medo de olhar para trás. Eles atirariam uma faca ou dariam um tiro para deixá-lo escapar? Ele quase podia sentir o aço frio cravando-se em sua espinha pelas costas...

Mas ao invés disso, um homem escondido surgiu repentinamente da escuridão, bem à sua frente. Um punho sólido atingiu o queixo de Durk. Ele foi ao chão.

Quando os sentidos de Durk voltaram de um lugar escuro, luzes brilhantes magoaram seus olhos. Uma lanterna estava sobre ele e ele estava apoiado sobre uma ca-

deira dura. Confuso, ele percebeu homens, muitos deles, atrás do brilho da luz. Eles estavam num grande e velho vestibulo que tinha conhecido dias melhores, a tinta da parede descascando em todas as partes.

Uma mão bateu seu rosto violentamente. "Acorde de uma vez", disse uma voz áspera que saía de um rosto rude e saliente com cabelos em desalinho, cheirando a cerveja velha.

O tom de voz mudou para uma polidez sarcástica. "Bem-vindo, Dr. Cecil Wright. Bem-vindo ao nosso quartel-general".

"O Movimento Anti-Cérebro?" murmurou Durk. Ele tinha que saber.

"Você é muito inteligente, não? Eu sou Beevan, chefe da seção do M.A.C. desta área, entende? Agora ouça, nós queremos informações sobre o lugar chamado Laboratório de Recriação. Sim, nós temos agentes em todas as partes e finalmente ouvimos falar deste lugar. Pergunta - é verdade que vocês de alguma forma fazem duplicatas de cerebrais?"

Durk não disse nada.

Uma mão imensa se aproximou e bateu nele duas vezes, violentamente. O sangue começou a correr de um lábio cortado.

"Responda, porco!" gritou Beevan. Mãos seguravam os braços de Durk de modo que ele não pudesse se mover quando a mão bateu nele brutalmente.

"Sim", resmungou Durk. Não fazia mal dizer isto desde que eles já sabiam a resposta.

"Onde ele fica?"

Durk hesitou. Esta era a pergunta chave. Mas antes que a mão punidora de Beevan o atingisse novamente, Durk olhou e fez uma pergunta.

"Diga-me. O que vocês têm contra os "Cerebrais" como vocês nos chamam? Eu ouvi muito pouco de como vocês odeiam as pessoas com grande inteligência. Por que?"

"*Por que?*" repetiu Beevan. Ele se virou para olhar seus homens, apontando um polegar irônico para Durk. Ele girou rapidamente. "Eu vou lhe dizer por que, camarada. Porque vocês grandes cérebros criaram uma grande contusão. Isto é o por que. Falta de alimentos, roupas, veículos, tudo. Em todo o mundo".

"Mas nós não causamos o problema", Durk protestou, espantado. "É a falta de mentes treinadas, devida à epidemia do Inseto Cerebral, que está provocando o lento colapso da civilização".

"Bah!" replicou Beevan. "Isto não é tudo. Nós estamos felizes porque o Inseto Cerebral está do nosso lado. Ou estava, até que o programa de recriação começou. Agora nós temos que pará-lo ou então o mundo ficará cheio de Cerebrais novamente".

O espanto de Durk cresceu. Ele não sabia o que dizer. Finalmente disse, "Suponha que vocês consigam eliminar todas as pessoas com alto QI. O que acontecerá ao mundo então?"

"Nós ficaremos muito bem, nós, as pessoas comuns", disse Beevan prontamente e com incrível convicção. "Em toda a história, é sempre o pessoal cerebral quem causa os problemas e nunca as pessoas comuns. Sem as grandes inteligências por perto, a vida será melhor e mais fácil, acredite em mim".

Durk quase mordeu a língua, tentando encontrá-la e continuar esta inacreditável conversa. "Mas as máquinas, as invenções, os avanços da ciência, isto tudo veio dos gênios da humanidade"

"Todos os gênios são loucos", replicou Beevan com firmeza.

"Você realmente acredita nisto, homem?" Durk disse.

"Nós acreditamos nisto, homens?" gritou Beevan para sua audiência.

Uma resposta afirmativa soou de suas gargantas massificadas. Durk tinha ideia do que era este fenômeno - uma multidão organizada, uma que não se dissolvia mesmo depois de violentas paixões explodirem. Era uma multidão crônica que tinha alcançado um pináculo demente de ódio pelas pessoas de mente superior e cujas paixões nunca diminuía. A lenta ruína da civilização a seu redor era apenas um sinal para eles de que os "Cerebrais" tinham construído uma estrutura falsa, condenada desde o princípio.

"Mas pense uma vez", disse Durk com paciente insistência. "Se os engenheiros cerebrais que controlam a maquinaria automática morrerem, quem controlará as máquinas?"

"Nós", disse Beevan calmamente.

"Você sabe o que é um circuito eletrônico?" perguntou Durk, quase indignado com este estado inacreditável de ignorância.

"Nunca me preocupo com estas bobagens", falou Beevan, sacudindo seus braços, selvagemmente. "Sua conversa esperta não vai levar você para nenhum lugar. Vocês Cerebrais desprezam a nós, pessoas comuns. Vocês pensam que nós somos tolos. Bem, nós somos um pouco mais sabidos do que vocês pensam e nós faremos o mundo funcionar muito bem quando vocês se forem".

"Mas como... como?" gritou Durk. Ele tentou continuar mas ele sabia que era impossível convencê-los de que cérebros e altos QI eram necessários para realizar as intrincadas atividades que faziam as rodas da civilização girarem. Estes homens, tais como macacos bobos que capturaram uma aldeia humana e cheios de esperança acreditavam que eles podiam seguir as pegadas de seus irmãos intelectuais e executar um trabalho igualmente bom.

Era cômico, ainda que infinitamente trágico. Era semelhante de certa forma à maneira como as hordas bárbaras esmagaram o Império Romano, cegos ao sistema superior de suas vítimas, e totalmente convencidos de que eles podiam fazer as coisas funcionarem "melhor" do que os senhores romanos. E outras vezes na história, o pessoal comum - enquanto separados da elite intelectual tinha criado tumultos contra a autoridade e rompido a estrutura criada pelas mentes superiores. Sem remorso e sem compreensão. E eles não tinham nenhuma ideia vaga, nenhum discernimento, no inferno desorganizado que eles estavam criando para eles mesmo.

Beevan finalizou os pensamentos de Durk com altos gritos, "Olhe, cabeça de ovo. Em toda fábrica ou indústria, há centenas de nós para um de vocês Cerebrais. Então quem realmente faz isto. funcionar?"

CAPÍTULO XIII

Durk desistiu. Era inútil argumentar contra esta lógica fantástica. Ele via agora que os rumores não eram exagerados. Como se os danos do Inseto Cerebral não fossem suficientes, o Movimento Anti-Cérebro tinha se espalhado como um relâmpago pelo mundo, favorecendo a eventual desintegração da sociedade e seus fundamentos tecnológicos. O resultado final somente poderia ser o caos, a penúria, a privação e a selvageria enquanto a vasta maquinaria do mundo moderno se dirigisse a um ponto morto, para nunca mais ser reativada novamente num deserto de baixo QI.

Não havia nada de pretensioso na atitude de Durk. Não era proteção ou condescendência. Era um realismo no julgamento dos valores relativos das mentes de baixo e de alto QI. Certamente muitas pessoas com QI inferior a 125 - o que era um índice comparativamente alto - poderia inventar e fazer coisas geniais. Mas nas grandes pesquisas da ciência, nos empregos-chaves executivos de macro-magnitude e nos problemas do planejamento governamental, macro-mentes eram de necessidade absoluta.

Durk sabia pelos seus estudos sobre estatísticas de poder cerebral que havia umas 400 milhões de pessoas na Terra com um QI de 115 à 125, ou seja uns 6,6% da raça humana. Eles nunca tinham sido atingidos pela Doença Cerebral. Eles tinham posições importantes na sociedade como agentes, intermediários e programadores.

Mas eles eram ainda incapazes de substituir seus superiores nas tarefas mentais. O brilhantismo poderia ser definido a grosso modo como começando no QI-125 e a genialidade em 150, subindo para um apogeu de 200 e até mais em casos mais raros.

Gênios menores alcançando um QI de 140 até 155 compreendiam uns cinco milhões de almas dos seis bilhões da humanidade. Gênios brilhantes de QI 155 para cima não reuniam mais que um milhão ao todo, ou seja, um para cada 6.000 pessoas.

Este grupo de gênios Classe-A tinha sido totalmente destruída pelo Inseto Cerebral, nesses últimos onze anos. Com a única exceção de Wayne Durk e seu sócio recriado.

Uma grande infelicidade. Um golpe quase mortal. Mas não ainda. O poder cerebral de QI 125 para 155 ainda podia manter o forte e manter a civilização viável se não progressiva. O inimigo alienígena sem dúvida conhecia estes números frios. Daí, seu plano impiedoso mas reconhecidamente engenhoso para dizimar cérebros humanos até o nível crítico de QI-125. E era apenas o programa de recriação que poderia evitar a tragédia - a menos que os desconhecidos assassinos de cérebros aumentassem a taxa para destruir as recriações mais depressa do que eles podiam produzi-las.

Era uma conquista estatística da Terra, baseada somente no poder cerebral avaliável. A lobotomia "pré-frontal" das mais elevadas mentalidades da humanidade deixava-

ria com efeito, as massas num estado de apatia desanimada, não mais abrilhantada pelos gênios tão necessários para a marcha da ciência e avanço do pensamento humano.

Tudo isto passara rapidamente, em forma resumida, pelos pensamentos de Durk quando ele se opôs a Beevan, o campeão do "homem comum". Durk estava perdidamente temeroso de que ele nunca pudesse convencer Beevan e seus seguidores citando números. Eles nunca acreditariam na matemática de seus superiores mentais que sozinhos tinham tirado a raça humana de seu estágio primitivo e sozinhos tinham forjado as bases da civilização.

Beevan se guiava por números grosseiros. Em seu pensamento, os 98% da raça humana com QI inferior a 125 que realizavam praticamente todo o trabalho do mundo, realmente tinham desenvolvido a civilização. A mínima proporção de 2% que eram os "Cerebrais", pelo seu pequeno número, não podiam ter qualquer influência real sobre a sociedade. Era tudo muito simples na sua concepção.

Ele não podia compreender que isto era como um gigante, um classificador automatizado de ervilhas que funciona com algumas células foto-elétricas e o desligamento dessas células foto-elétricas. Ou como uma bateria atômica pesando 30 libras ativada por um átomo de talium-82. Com o átomo removido, o resto da bateria parava de funcionar.

O corpo da sociedade humana, desde tempos antigos, compreendia tudo inclusive esta mínima partícula "radioativa" de mentes superiores. Remova esta "glândula" mestra da sociedade e sobrar um organismo incompleto que com o tempo agiria como qualquer animal desprovido de sua glândula pituitária vital.

"Sim, vocês Cerebrais apenas confundem as coisas", Beevan dizia, olhando Durk como se ele fosse alguma espécie de bruxo. "Vocês inventaram a bomba atômica e quase ameaçaram mandar o mundo ao inferno".

Mas e quanto às usinas de energia atômica, Durk queria gritar, que hoje em 1998 fornecem 80% das necessidades de eletricidade do mundo?

"Vocês Cerebrais inventaram drogas antibióticas e deixam nossos irmãos fracos sobreviver e superpovoar o mundo, entende?"

Durk suspirou por dentro. A lógica insana de Beevan tinha recolhido uma migalha aqui e ali, totalmente desvinculado do contexto da realidade, para acusar o grupo dos gênios. Era uma confusão psicológica elevada à verdade brilhante. Um culto de paranoicos que afinal descobrira quem sempre os tinha perseguido. E num estilo verdadeiramente paranoico, eles estavam também seguros de que fariam o mundo funcionar melhor sem os Cerebrais para "interferir". Ilusões de grandeza...

Beevan começou a agir como um promotor público num julgamento, levantando um dedo a cada vez. "Vocês Cerebrais enviam foguetes para a lua e Marte e gastam bilhões e bilhões dos que pagam os impostos".

E nenhum benefício veio disto; e a nova compreensão da formação do sistema solar ou o gigantesco telescópio lunar pesquisando o universo, ou a possibilidade de uma engenharia espacial para transformar Marte numa colônia do mundo para a expansão da raça humana.

Inexoravelmente outro dedo se ergueu. "Vocês Cerebrais em seus laboratórios descobriram os narcóticos e estimulantes e o LSD e outras drogas más para envenenar os nossos filhos. E como" - outro dedo - "o DDT e outros inseticidas perturbaram a... ahn... ecologia. Ahn, e quanto a isso?"

Durk ergueu os olhos para cima. Agora Beevan era um especialista científico declarando termos esotéricos os quais ele com certeza não entendia.

"E quanto a poluição?" esbravejou Beevan, apontando um dedo enfaticamente. "Com todas as suas fábricas e elementos químicos, vocês envenenaram a água e o ar".

Durk às vezes abria a boca. Mas antes que três palavras saíssem, ele percebeu a completa inutilidade de tentar explicar a um homem como um rádio funciona quando ele nem mesmo sabe o que é um quilociclo.

Beevan tinha esgotado os dedos e ele mostrou as duas mãos abertas. "Ah, há mil outras coisas que vocês fizeram para perturbar a vida das pessoas boas. Mas a pior coisa de todas..."

Ele parou dramaticamente e desta vez apontou o dedo acusadoramente para Durk. "A pior coisa foi começar seu programa de recriação. Fazer mais Cerebrais em seu laboratório. Em primeiro lugar, isto é *pecado*".

Ele assumiu um ar devoto e Durk imaginou que o fanatismo religioso também fazia parte do Movimento Anti-Cérebro, como acontecia frequentemente nos grupos reacionários. Mas a próxima declaração do chefe foi realmente uma bomba para Durk.

"Você vê, *Deus* mandou a Doença Cerebral para destruir vocês Cerebrais, para purificar o mundo. Agora vocês estão agindo contra Sua vontade e criando hereticamente imitações da sagrada forma humana".

Durk se contorceu. Oh, Deus. Agora ele era um evangelista pregando contra a magia negra da ciência. Assim tinha sido durante a Peste Negra na Idade Média, quando os púlpitos proclamavam que era a mão de Deus flagelando os perversos. Quão pouco mudou a natureza humana em sua inércia obscura através dos tempos.

Durk começou a perceber que isto era um julgamento. Um julgamento pela multidão. E agora Beevan fazia a parte do juiz quando ele gritou: "Nós lhe damos mais uma chance para nos contar onde fica seu Laboratório de Recriação. Fale... ou então!"

Durk sacudiu sua cabeça quase com violência. Enfraquecido por dentro, sabendo que ele estava nas mãos coletivas de maníacos homicidas, ele tinha jurado para si mesmo que ele não revelaria o local e em consequência disso liquidar todas as chances de sobrevivência da raça humana contra o Inseto. Assim ele salvaria a humanidade - para a espécie de Beevan.

Beevan voltou-se para um grupo de seus homens sentados em suas cadeiras, como se eles fossem um júri. Um deles colocou o polegar apontado para baixo, com um olhar rude. Beevan se voltou para encarar malevolamente o prisioneiro.

"Eu o declaro culpado de ser o Cerebral encarregado do Laboratório de Recriação e de recusar a revelar o local. Eu por isso o condeno a morte!"

Seu rosto ficou inteiramente diabólico. "Morte por ter o cérebro partido e seus miolos espalhados por todas as partes".

Era tudo uma mancha obscura para Durk depois disto. Ele estava amarrado e acorrentado numa mesa plana, pernas e braços abertos. Um trabalhador musculoso, vestindo um capuz preto como um carrasco, avançou com uma picareta. Ele tentou alguns impulsos com movimentos lentos, com a ponta voltada para a cabeça de Durk.

Durk tentou se alegrar. Tentou se lembrar de como ele ficara triste em voltar vivo do espaço. De como ele tinha odiado o pensamento de viver num mundo mutilado que estava afundando num buraco.

Ele também tentou se lembrar de como sua vida como Wayne Durk terminara. Seu laboratório, seu lar, sua esposa e crianças estavam perdidos para sempre. Ele era Ce-

cil Wright, forjando uma nova e solitária vida sem raízes, sem amor, sem incentivo.

Mas ele não conseguia mais se sentir desta maneira. Sua missão de dirigir o Laboratório de Recriação tinha lhe dado um novo e vital incentivo para viver. Esta desperada oportunidade de desafiar o destino tinha se erguido acima dele e sobre todas as outras considerações.

E quando há poucos meses atrás ele teria acolhido o esquecimento, agora sua alma protestava agonizantemente.

Ele viu a ponta brilhante da picareta, pronta para o golpe final...

Um barulho interrompeu-o, no fundo do grande vestibulo. Gritos se ouviram. Sons de tiros de outras armas mortais. O vestibulo rapidamente se transformou num campo de batalha. Vagamente, Durk percebeu que um clichê fictício tinha inacreditavelmente se transformado em verdade. Uma equipe de salvamento tinha chegado no último momento.

Em sua posição, acorrentado, Durk pode ver pouco, exceto algumas fugas entre os Homens A.C., quando eles se rendiam. O tumulto cessou. Então Durk olhou para cima e - assustado - viu seu próprio rosto.

"Dr. Wright. O senhor está bem?" disse seu sócia ansiosamente.

Uma risada histérica surgiu dentro de Durk diante deste trocadilho inconsciente. E mais riso diante desta volta grotesca de ser salvo por "si mesmo". Era uma farsa fantástica, uma comédia hilariante.

Durk foi rapidamente liberto. Ele se levantou para ver um grupo da Polícia de Segurança algemando os membros capturados dos Homens A.C.

"Mas Beevan e seus lugares-tenentes conseguiram escapar", disse o sócia de Durk, lamentando-se. Mas logo se alegrou. "Mas a coisa principal era salvar você".

Durk estava confuso. Isto não podia ser por ele ser o chefe do projeto de recreação. Isto era muito secreto, desconhecido para seu sócia. Mas então por que...

Seu pensamento foi respondido pelo sócia. "Você salvou minha vida com aquela transfusão. Devolvê-la era minha obrigação, não?" Ele disse isso alegremente mas Durk notou suas roupas rasgadas, a contusão em seu queixo, o corte em seu braço. A batalha tinha sido pequena mas mortal.

"Como você me encontrou?" perguntou Durk.

O sócia respondeu casualmente. "O agente de Segurança que foi ferido pela faca não morreu imediatamente. Ele conseguiu dizer algumas palavras pelo seu rádio-anel, ligado ao QG, contando onde estava e como Dr. Cecil Wright tinha sido capturado pelos Homens A.C."

Ele sorriu estranhamente. "Muito estranho, eu estava falando com Finnegan Lloyd pelo videofone quando ele recebeu as notícias de um homem da Segurança que entrou. Então eu ouvi tudo. E eu tive um pressentimento de que de alguma forma eu poderia ajudar a encontrar aonde você tinha sido levado. Eu insisti em me juntar à equipe de Segurança e nós encontramos o corpo recém-morto do agente ferido. Mas nós ainda não sabíamos onde os Homens A.C. tinham levado você. O esconderijo secreto deles era desconhecido".

O olhar em seu rosto ficou mais estranho. "E então eu tive um pressentimento estranho. Uma sensação muito forte para qual caminho eles tinham levado você. Era como se alguma espécie de sinal ESP estivesse vindo de você e eu o captei".

O Durk-sócia repentinamente encarou atentamente Durk. "Parece que temos alguma relação muito forte entre nós. Alguma espécie de laço físico, ou afinidade. Fiquei imaginando o por que disso. Outra coisa - nós somos um pouco parecidos... "

Durk prendeu sua respiração. Seu sócia tinha suspeitado da verdade? Ele tinha

adivinhado de alguma forma que ele e Durk eram mais do que parecidos casuais? Durk se encolheu, esperando que seu sósia colocasse a pergunta proibida e assim abrisse a Caixa de Pandora que poderia modificar a vida deles, inclusive a de Ellen e das crianças...

"Bem", disse o Wayne Durk oficial, muito vagamente. "Dizem que todos na Terra tem um sósia. Nós somos apenas dois sócias acidentais que se encontraram".

Durk respirou novamente. Seu sósia evidentemente riu desta conclusão significativa para a semelhança deles.

"Para continuar a história", continuou o sósia. "Meu sexto sentido ou que quer que seja, me conduziu para este velho vestibulo. Eu sabia que você estava aqui e falei para os homens da Segurança. Eles estavam céticos até que eles derrubaram um guarda que tentou impedi-los. Então eles arrombaram as portas e invadiram o local. E aqui estamos nós".

Na parte de trás do helicóptero policial, Durk tentou sondar a miraculosa "sensação física" que tinha levado seu sósia infalivelmente para o covil do diabo. A ciência paranormal tinha progredido em 1998 até o ponto em que certos fenômenos físicos eram reconhecidos como definitivos. Um deles era o "ESP automático" entre gêmeos idênticos. Em muitas experiências, gêmeos distantes um do outro podiam trocar impressões telepáticas, imagens e mesmo mensagens as vezes. Então por que não o mesmo laço entre "gêmeos" que eram mais idênticos que aqueles nascidos de um mesmo útero?" Durk e seu sósia eram o máximo de gêmeos idênticos. Em consequência disso era muito provável que uma relação física existisse entre eles, talvez até mais forte que entre os gêmeos naturais.

Durk encolheu os ombros como se isto fosse alguma coisa para pensar mais profundamente no futuro. Agora ele queria esquecer aquele falso "julgamento" e sua eminente execução e se preocupar com sua missão espacial vital.

"Você já sabe", ele perguntou, curiosamente, "sobre a missão espacial planejada para nós?"

"Oh, sim", o sósia concordou. "Era o que Finnegan Lloyd estava falando para mim no videofone. Eu entendi que nós vamos entrar em órbita no Cinturão de Van Allen para descobrir como suas radiações lhe deram imunidade ao Inseto Cerebral. Eu estou feliz por você me pedir para acompanhá-lo. Duas cabeças são melhores que uma".

Ele disse isso, de forma esquisita, sorrindo. Mas novamente, por dentro, Durk teve que reprimir um ataque de riso histérico. As duas cabeças na verdade eram uma.

O helicóptero da polícia deixou-os no hotel de Durk. Ele convidou o sósia para entrar em seu quarto por um momento para discutir a missão espacial. Ainda era noite, ou seja, as primeiras horas antes do amanhecer e os dois sabiam que não iam dormir mais.

Durk o sósia - Durk agora pensava em sua recriação como Durk e ele como Wright - estava confuso. "Eu entendi que você foi ao espaço um ano atrás e então ganhou imunidade ao Inseto Cerebral. Esta era a missão espacial que eu iria..."

"Eu era o seguinte na lista", disse Wright rapidamente. "Quando seu lançamento fracassou, eles me mandaram na mesma missão".

Os olhos de Durk estavam sobre ele, ainda nublados. "Você não me disse isto quando você veio ao meu laboratório e se apresentou. Você disse que vinha da Província Anzac".

Oh, oh, pensou Wright. Gelo fino. Vá cuidadosamente agora ou o segredo será revelado.

"Foi por razões de segurança", Wright disse, observando cuidadosamente seu sócia. "Por que eles fizeram tanto segredo sobre as coisas relativas ao Inseto Cerebral, eu não sei. Mas me pediram para não falar a ninguém sobre minha viagem espacial, como devem ter dito para você fazer quando se pensava que era você quem ia.

Durk sorriu ligeiramente, indicando que ele tinha aceitado isto. Então um outro olhar de dúvida surgiu em seu olhar. "Aquele lançamento fracassou. Eles me disseram que o foguete não funcionou e que eles o desligaram antes que explodisse. Mas meu sistema de fuga funcionou e me lançou a milhas de distância. Eles me falaram que eu sofri uma batida que me provocou amnésia. Eu não me lembro de nada até que acordei no hospital" .

E este despertar tinha sido na verdade o "nascimento" do sócia, Wright pensou. Tinha acontecido uma semana depois do lançamento do atual Durk-Wright. Depois que ele se perdera no espaço, eles reproduziram sua gravação de vida - a primeira a ser feita - e formaram sua recriação. Antes de revitalizá-lo e trazê-la a vida consciente, eles o levaram para um hospital comum. Finnegan Lloyd assistiu seu despertar, contando-lhe a história inventada. Lloyd, num lampejo de gênio, tinha visto como o sócia podia substituir Durk no laboratório e em casa, evitando uma tristeza para Ellen e as crianças.

Wright-Durk era agradecido por isto, de certa forma. Mas ele viu que Durk - assim como ele mesmo sentiria - não estava satisfeito com a história.

"Amnésia de uma semana", Durk dizia, como se isto o martirizasse. "Mas como a amnesia apagou toda a lembrança do lançamento em minha mente? E só isto? Eu me lembro de tudo claramente até o último exame médico que eu fiz".

Naquele "exame médico" final, a gravação de vida tinha sido feita secretamente, gravando todas as memórias de Durk até aquele ponto - mas não além disso. Em consequência disso, a "amnésia". Era uma parte da vida de Durk que ele nunca tinha vivido.

"Se eu fosse um especialista", disse Wright, "eu tentaria explicar esta amnésia "seletiva" que você teve, Durk" .

Durk pareceu não ouvir. "E eu fiquei no hospital durante uma semana - uma semana inteira - antes que acordasse. Se um homem fica em coma durante tanto tempo, como ele pode acordar tão... tão saudável?"

Sim, aí estava o problema, Wright podia ver. Durk não tinha sido realmente atingido ou ferido com o fracasso fictício. Quando ele voltou a si, ele se sentia como um homem bem disposto, sem qualquer ferimento ou sensação de fraqueza. Não ligando para as coisas que faltavam em sua lembrança. Isto tinha sido uma invenção provisória no máximo, para evitar que ele soubesse que era simplesmente um sócia recriado de um homem presumivelmente morto.

"Por que preocupar sua cabeça com isto?" censurou Wright. Repentinamente, ele descobriu um meio para tirar esses pensamentos perigosos da cabeça de Durk.

"Finnegan Lloyd não lhe falou sobre nossa outra missão?"

Durk olhou surpreso. "Que outra missão?"

"A segunda razão por que nós estamos indo ao espaço", disse Wright, lenta e deliberadamente, "é detectar o inimigo alienígena que causou a epidemia do Cérebro Podre na Terra".

"Inimigo alienígena... ?" Durk olhou estupefato.

Isto, pensou Wright, isto afastou o outro pensamento de sua mente.

Wright então relatou a história da voz gravada e suas deduções dois-mais-dois le-

vando a uma agência exterior como a única explicação aceitável para as anomalias do Inseto Cerebral. O rosto de Durk revelou uma onda de surpresas que quase deixou-o arquejante no fim.

"Isto altera todo o quadro", Durk exclamou, levantando-se e andando pela sala. "pode ser mais importante para nós localizar a base do inimigo, se nós pudermos, enquanto estamos no espaço. Então nós poderemos eliminá-los".

"Mas suponha que não possamos eliminá-los?" argumentou Wright, sacudindo os braços. "Então nossa única chance é a imunidade contra o Inseto Cerebral. É por isto que nosso primeiro trabalho no espaço será descobrir este fator de imunidade".

"Isto faz sentido" , Durk concordou. Mas Wright podia ver que seu cérebro ainda estava ardendo com a espantosa revelação de alienígenas planejando uma furtiva e diabólica conquista da Terra, usando insetos cerebrais ao invés de balas.

"O lançamento está programado para daqui há três dias", disse Wright, num tom prático. "Nós começaremos amanhã a ordenar os suprimentos e equipamentos para subir conosco num laboratório de biologia completo. Eles estão nos enviando num veículo espacial para seis homens, com muito espaço disponível".

CAPÍTULO XIV

"Verde e tudo bem", disse a voz fraca da base terrestre para os dois homens da espaçonave. "Vocês estão numa órbita terrestre. Perigeu, 200 milhas. Apogeu, 10.500. Inclinação em relação ao equador, 10 graus".

"Roger", disse Durk-Wright através de seu microfone de garganta, com a resposta dos primeiros astronautas consagrada pelo tempo. "Todas as condições perfeitas. Desligo".

Ele se voltou para Durk, seu sócio. "Nós escolhemos a órbita equatorial que nos levará diretamente a "rosca" Van Allen que circula o equador da Terra. Nós teremos muitas oportunidades, durante a próxima semana, para verificar quais radiações específicas são responsáveis por minha imunidade ao Inseto Cerebral".

Wright estava abrindo as caixas que continham as culturas do Vírus Cerebral. Eles tinham sido coletados em cientistas a beira da morte atingidos pela doença. De acordo com estudos prévios, o VC-QI sobrevivia enquanto partículas de cérebro fresco lhe fossem fornecidas.

Pensamento horrível era este, apesar de não encurtar as vidas dos homens importantes, uma grande porção de tecido cerebral intacto foi usado para alimentar as culturas de vírus.

Quando a nave espacial começou a se inclinar para a zona Van Allen, Durk ajustou o zeta-microscópio e Wright fixou a primeira lâmina de vírus vivos sob as lentes.

"Nós ainda não conhecemos o mecanismo da minha imunidade", disse Wright. "Será que as radiações de Van Allen de alguma forma fizeram meu sangue tóxico ao vírus cerebral? Ele criou anticorpos? Ou então ele se dividiu em glóbulos brancos e vermelhos, obtendo poder para vencer os vírus?"

"Nós teremos que testar todas essas possibilidades", concordou Durk, espiando pelo microscópio, enquanto eles penetravam nas porções inferiores do Cinturão de Van Allen, umas 1.200 milhas acima da Terra. "Nós usaremos as amostras de sangue seladas - de outras pessoas - para descobrir se anticorpos são produzidos ou o que quer que for que seja que mata as culturas do Inseto Cerebral".

"Enquanto isto..." disse Wright. Ele pegou o examinador do sensor-EM que tinha captado a voz alienígena em sua viagem anterior. "Enquanto isto, nós manteremos isto ligado até que capturemos a voz alienígena outra vez, esperando que possamos segui-la até sua fonte".

Passaram-se horas, dias depois.

Eles tinham que trabalhar a zero grau, naturalmente. Wright tinha experiência desde sua viagem orbital anterior e seu treinamento pré-voo Mas ele notou, estranhando-

do, que Durk também agia sem dificuldade, movendo-se de instrumento para instrumento. No entanto, ele nunca tivera o treinamento para zero grau. Ele tinha sido trazido à vida, depois do treinamento de Durk-Wright, há um ano atrás.

Mas sua mente duplicada também continha a memória duplicada daquele período em simuladores a zero grau e em jatos de mergulho. Todas as reações para a falta de gravidade estavam firmemente retidas em seu cérebro de modo que ele agia de forma tão segura quanto o próprio Wright. Este era outro aspecto fantástico do programa de recriação.

"A 30ª cultura", murmurou Wright. "Ainda reage?"

Durk estava tirando a amostra de sangue de seu recipiente, fora da cabina da nave, onde ele tinha recebido as radiações de Van Allen. Gotas foram colocadas junto à cultura de Vírus Cerebral e colocadas sob o zeta-microscópio.

Após dez minutos, Wright tristemente levantou sua cabeça. "Não funciona. O Inseto Cerebral está festejando sobre o tecido cerebral, como um esquilo".

Durk olhou desanimado. "Nós estamos usando filtros para banhar cada espécime de sangue com diferentes porções de radiação Van Allen. Nós as colocamos sob as voltagens de tipo-próton e as de tipo-elétron".

"E nós ainda", terminou Wright, "não conseguimos nem perturbar um fio do Inseto Cerebral. Maldição maldita!"

A cabeça de Durk se voltou em sua direção. "O que você disse por último?"

Alarmas soaram na cabeça de Wright. Ele não devia ser tão descuidado.

Ele não respondeu, mas Durk disse, "Maldição maldita, você disse. A expressão que eu uso quando estou super frustrado. Eu nunca ouvi outra pessoa usar esta expressão..."

Seus olhos ardentes estavam sobre Wright, testando, questionando. Wright calmamente deu uma risada. "Eu não sei porque você está tão preocupado. Quando eu fui visitar você no laboratório, Finnegan Lloyd me falou sobre você. Disse que se eu ouvisse um "maldição maldita" em seu laboratório, eu deveria silenciosamente dar a volta e ir embora. Ele me disse que você estaria num terrível estado de irritação. Essa expressão simplesmente me ocorreu agora, você entende".

Talvez Durk entendesse e talvez não. Wright não tinha certeza. Será que ele tinha colocado mais combustível às suspeitas de Durk e ele estava gradualmente se aproximando do grande segredo de sua dualidade? Wright cruzou os dedos.

Durk se inclinou sobre as culturas. "Você é casado, Wright?" ele de repente perguntou.

Wright-Durk foi completamente pego de surpresa. Sua boca ficou aberta mas felizmente Durk não se voltou. Ele teve que se conter, seus pensamentos vagavam num mar de emoções.

"Não", ele finalmente disse. "De qualquer forma, eu nunca pensei nisto".

"Pena", retrucou Durk, ainda lidando com as culturas. "Um homem não sabe o que ele está perdendo até que tenha uma esposa, uma boa esposa. Veja Ellen, minha mulher..."

Wright sentiu-se como se estivesse sendo atingido por uma faca. Com dificuldades, ele acalmou seus nervos a flor da pele, forçando a si mesmo para reagir de forma neutra.

"Ela é simplesmente maravilhosa", disse Durk, como que guiado por diabos para atormentar Wright. "É ótimo voltar para casa todas as noites e encontrá-la esperando com seu sorriso alegre".

Wright recusou a deixar que a imagem surgisse em seu pensamento, apertando os

dentes.

"As crianças então", continuou Durk, informalmente. "Ah, as crianças fazem um homem ganhar vida, ver coisas em tudo novamente através de seus olhos jovens. Wendy tem 5 anos, uma porção de amor personificado. Randy gosta de mim como um companheiro, às vezes jogando bola ou indo pescar. Ótimo homem. É tão próximo do céu que nós mortais nem sempre conseguiremos.

E era próximo do inferno perdê-los, Wright reclamou por dentro. Não era o inferno em si. Durk estava simplesmente falando casualmente sobre sua família - sobre a deles? Ou ele deliberadamente estava provocando Wright-Durk, tentando arrancar-lhe a armadura? Ele estava na pista do segredo da recriação e estava a fim de descobri-lo?

Mas o Durk sócia não devia saber nunca que ele era o pai fictício de Randy e Wendy...

Wright começou a desejar que ele nunca tivesse sugerido seu sócia como companheiro espacial. Certamente, isto significava dois cérebros trabalhando no mesmo problema, mas ele devia ter previsto este risco num contato próximo como esse nestes dias, coisas significativas sem dúvida iriam surgir. Durk deve ter percebido que muitos gestos que Wright fazia eram iguais aos seus. Deve ter ouvido as inflexões familiares de sua voz que ninguém poderia imitar. Wright poderia desviar todas as suspeitas e evitar que a bomba, que seu sócia ativara, explodisse, se ele já soubesse da verdade? No mínimo, seria uma guerra de inteligência para evitar o holocausto.

Mas Durk ainda não terminara.

"Para mudar de assunto", ele disse - mas ele estava mudando de assunto? "Eu ouvi uns boatos estranhos sobre alguns homens que milagrosamente reapareceram, depois de terem morrido de Cérebro Podre. Você acha que isto possa ser verdade, Wright?"

Wright quase engasgou. Mas ele pôde perceber como isto acontecera, esses rumores. Mesmo que o número de recriações fosse muito pequeno e todos estivessem espalhados por todo o mundo, aqui e ali antigas amizades do cientista morto teriam encontrado a sua recriação - e se assustaram. As recriações, naturalmente, tinham nomes diferentes e todos sabiam disfarçar a semelhança; mas as pessoas ainda assim ficariam confusas e espalhariam a história.

"Boatos sempre são o que sempre foram: sem valor algum", respondeu Wright tão casualmente como pôde, como se o assunto fosse trivial.

"É verdade, exceto por uma coisa", Durk continuou enquanto lidava com uma amostra de sangue. "Outro dia, eu encontrei um homem que era exatamente igual a Pulsudski, o cientista que eu perdi no ano passado para o Inseto Cerebral. Sua cópia exata. Eu não pude evitar de pará-lo e lhe perguntar quem ele era. Ele me deu um nome qualquer. Quando eu mencionei quem eu era, ele disse que nunca tinha ouvido falar de mim ou de meu laboratório. Mas mesmo assim... *uma cópia viva, respirando...* "

Wright amaldiçoou Finnegan Lloyd por não ter transferido a recriação de Pulsudski para outra cidade ou para o outro lado do mundo, depois que ele foi trazido à vida. Sem querer, Durk encontrara-se com ele, aumentando ainda mais suas suspeitas sobre um mistério desconhecido que ele obviamente estava tentando descobrir.

Wright desesperadamente tentou pensar numa resposta para o que Durk tinha acabado de dizer, algo que acabasse com isso definitivamente e tirasse Durk da pista. Mas não conseguia pensar em nada.

Mas ele foi salvo. O sensor-EM repentinamente começou a assobiar como se algo tivesse sido captado. Então, outra vez, como a voz gravada, Wright ouviu o murmú-

rio sibilante da fala alienígena. E outra vez, sentiu um calafrio em sua espinha diante deste tom de voz não humana, trazendo uma reação instantânea ao ouvido humano.

Durk também reagiu, olhando em volta e se enrijeceu com um olhar de repugnância no rosto. Ele esperou até que a breve tagarelice enfraquecesse, então falou num sussurro enojado. "Então esta é a voz alienígena que você ouviu antes. Eu pensava que era sua imaginação pois você imediatamente soube que era alienígena. Agora não tenho mais dúvidas".

Wright traçou coordenadas sobre o mapa orbital. "Eu obtive a posição orbital exata quando a voz estava em seu ponto mais alto, o que deve ter acontecido quando sua nave ou base espacial estava diretamente em cima de nós. Isto não significa nada, apesar de tudo, pois naturalmente eles têm uma órbita diferente que cruza a nossa apenas em dois pontos. Nós teremos que fazer mais leituras antes que possamos assinalar a posição exata deles e os dados orbitais verídicos".

"Deixe o aparelho ligado dia e noite", aconselhou Durk. "Isto pode ser mais importante nesta longa viagem do que nossa missão de imunidade".

"Eu vou fazer isto", respondeu Wright, e uma ideia sensacional se elaborou em sua mente. "E por que nós não fazemos turnos para dormir de modo que um de nós esteja sempre acordado quando a próxima voz aparecer. Em cada vez, nós teremos que trabalhar rápido para obter as coordenadas espaciais exatas".

"De acordo", falou Durk sem hesitação. Wright esfregou suas mãos de satisfação mentalmente por causa deste pequeno truque. Desta maneira, um dormindo e o outro acordado, eles teriam poucas oportunidades para conversar - pouca oportunidade para Durk ficar xeretando no ninho de cobras das recriações.

O trabalho deles prosseguiu, na mesma rotina. Cada um deles era exatamente igual ao outro - e por que não seriam, Wright disse para si mesmo - iguais, manejando as amostras de sangue e fazendo os testes?

Foi durante a vigília de Wright que o sensor-EM novamente reagiu e captou sílabas estranhas de algum lugar. Ele marcou as coordenadas e as observou, mas os dados eram ainda insuficientes para indicar a fonte no espaço. Era como rastrear um cometa novo ou um asteroide. Os astrônomos pediam ao menos três leituras de trajetória antes que eles pudessem traçar a órbita total e a posição do objeto a qualquer tempo determinado.

Durante o próximo período de vigília de Durk, ele também obteve uma leitura. Ele estava muito excitado para deixar Wright dormir e o sacudiu para acordá-lo. "Olhe. A terceira leitura de coordenadas. Como que elas coincidem?"

Durk obviamente já tinha a resposta. Wright estudou os traços. "Humm. Os sinais vêm de apenas um lado da Terra. Os intervalos são um múltiplo de nosso próprio intervalo orbital. Ou o objeto está fixo ou..." ele olhou pela janela - "ah, a lua!"

Durk concordou. "Nosso órbita de três horas deixa a gente sob a lua oito vezes por dia. Mas devido à diferença das inclinações de nossa órbita e da órbita da lua em relação ao equador da Terra, nós apenas cruzamos nossos caminhos uma vez a cada três dias".

Wright teve um sobressalto. "Isto significa que os alienígenas tem uma base na lua. Nós temos bases lá também, construídas a partir da década de 1970 pelos americanos e russos, e agora sob a jurisdição da UMT. Mas elas são coisas insignificantes na superfície da lua, a qual é largamente inexplorada. Os alienígenas podem facilmente ter uma base lá, talvez no subsolo, que a Terra nunca detectou ou mesmo suspeitou".

"E as transmissões de voz", disse Durk, acrescentando sua contribuição à rápida análise da descoberta. "Elas podem ser os elos de comunicação entre a lua e uma ou mais espaçonaves que observam a Terra, como parte do método desconhecido deles de implantar o Inseto Cerebral em mentes de alto-QI".

"A teoria", acrescentou Wright modestamente, "está agora 98 por cento provada. Uma voz alienígena e a fonte na lua. Uma evidência muito boa de que um inimigo está agindo contra o nosso planeta".

Wright ligou o rádio de comunicação com a Terra. "Chamando a base. Inseto Cerebral chamando a Terra... " Ele esperou um instante sem nenhuma resposta. "Estranho. Não respondem. Ou é a estática espacial ou... "

Seus olhos se arregalaram.

Durk terminou o pensamento que tinha surgido simultaneamente nas duas cabeças. "Ou os alienígenas bloquearam a nossa mensagem, não querendo que informações vitais cheguem a Terra, para as nossas forças militares começarem a planejar um ataque a sua base lunar".

"Isto leva a uma conclusão ainda mais grave", retomou Wright. "Os alienígenas de alguma forma estão nos *vigiando*. Eles sabem que estamos em órbita... "

"E eles sabem para que? Descobrir a radiação Anti-Inseto Cerebral?"

Wright olhou solenemente para seu sócio. "Se eles sabem, nós estamos correndo o risco de um ataque. A questão é, desistir de nossas tentativas e voltar imediatamente? Ou... "

"O *ou*", disse Durk categoricamente, e isto foi um eco da determinação que já tomava conta do pensamento de Wright. "Nós ficaremos aqui até que encontremos o que queremos".

Wright-Durk achou isto estranho. Toda a conversa deles pareceu exatamente como fazer um diálogo consigo mesmo. Toda reação de seu sócio, cada pensamento antecipado, tinha sido um eco de sua própria mente.

E em rápidos momentos, Wright-Durk ficou confuso e perguntou a si mesmo - Eu sou realmente o original? *Talvez eu seja o sócio e não sei disso*. Isto o assustou, até que ele se confortou com o fato de que somente ele tinha lembrança da viagem espacial anterior, de um ano atrás. Isto era algo que seu sócio não podia ter. Identidade restaurada firmemente, Wright-Durk sentiu-se melhor.

CAPÍTULO XV

Eles tinham apenas mais dois dias de missão.

Quando sua nave se elevava em sua excêntrica órbita em direção a seu ponto máximo a cada três horas, eles atravessavam o Cinturão de Van Allen e freneticamente tentavam todas as experiências de patologia viral para descobrir a cura para a Doença Cerebral. De que forma indefinível as radiações deram imunidade a Wright-Durk, em sua viagem anterior?

Eles estavam ainda naquela rotina, homem-sim, homem-não, cada um deles enquanto estava acordado procurava apreensivo no espaço o veículo alienígena se aproximando. Quando uma mão brusca tirou Wright do sono no segundo dia, ele estava certo de que o pior tinha acontecido.

Mas o rosto de Durk estava radiante. "Nós conseguimos", ele disse triunfalmente, mostrando um tubo de cultura. "Os Insetos Cerebrais estão todos exterminados. A amostra de sangue T-48 irradiado pela emissão de elétron no Cinturão de Van Allen em 66 BEV fez isto. Tudo anotado pelo bio-computador. Sob o microscópio eu vi fagócitos eletrificados atacar e matar os vírus."

"Glóbulos brancos soltando descargas elétricas, hein?" brincou Wright. "Os Insetos Cerebrais simplesmente foram eletrocutados. Agora nós realizamos as duas partes de nossa missão. E a coisa a fazer é... "

"Voltar imediatamente", completou Durk, com outro olhar ansioso pelas janelas. "Há um problema. Nós não nos comunicamos com a base da Terra durante dois dias. Como eles irão saber que nós estamos voltando, e onde, para o resgate na Terra?"

"Não se preocupe", disse Wright. "Eles estão ainda nos rastreando. No minuto em que acionarmos os retrofoguetes e iniciarmos a nossa volta, eles vão saber e vão calcular nosso local de chegada. E não importa em que lugar da Terra, a equipe de resgate vai estar lá por avião, helicóptero, foguete ou o que quer que seja. Seja na terra ou no mar. Uma situação bem distante dos primeiros voos espaciais em que os astronautas tinham que aterrizarem em lugares pré-determinados - ou nunca seriam encontrados".

Depois que o sistema de verificação indicou que todos os foguetes e mecanismos de ignição funcionavam, Durk iniciou a contagem regressiva para acionar os retrofoguetes. "Três... dois... um... fogo".

Wright acionou a alavanca. Nada aconteceu. Ele acionou várias vezes, sem efeito. Então ele viu a luz vermelha no painel indicando - **IGNIÇÃO NÃO FUNCIONA**.

"Mas por que?" ele gritou, "quando um minuto atrás nenhum desarranjo foi descoberto pelo sistema de verificação?"

Durk virou um rosto assustado. "Isto só pode ser *interferência*. De uma fonte externa".

"Dos alienígenas", sussurrou Wright.

Dois homens pálidos olharam um para o outro num receio mútuo.

E pouco surpreendeu-os mais tarde ver um ponto luminoso na tela do radar, indicando a aproximação de um outro objeto. "Esta antiga estação espacial para seis homens está equipada com um foguete para um homem escapar, em caso de perigo. É você. Depressa!"

Wright estava empurrando seu sócia em direção à pequena nave em forma de torpedo com uma pequena cabina, abrigado no fundo do laboratório espacial. "O combustível hipergólico do foguete não precisa de nenhuma centelha para partir. É improvável que os alienígenas possam interferir com os retrofoguetes dele. Você pode partir e desembarcar na Terra". Ele empurrou as anotações sobre as radiações anti-doença. "Entregue-as na Terra. As radiações podem ser imitadas nos laboratórios para dar imunidade para todas as pessoas de alto QI da Terra. Vá indo".

"Por que eu?" protestou Durk.

"Porque eu disse", ordenou Wright, nervoso. "Eu sou o comandante do voo". Ele empurrou seu sócia para dentro da entrada aberta e a fechou, batendo-a. Ele ligou o rádio de intercomunicação. "Eu vou colocar meu traje espacial. Então você parte".

Olhando ansiosamente para a rápida aproximação do ponto luminoso no radar, Wright lutou com seu traje espacial e prendeu o capacete, ligando o oxigênio. Então ele fez um sinal para Durk na cabina e puxou uma alavanca que abriu uma grande porta na espaçonave.

Com forte barulho, o ar saiu da larga nave, impelindo o pequeno foguete. Com um último aceno e um olhar de adeus, o sócia ligou os retrofoguetes e a pequena nave se distanciou e virou uma pequena mancha.

Durk - o Durk original - observava ansiosamente. Os alienígenas tinham detectado a partida da nave de emergência? Se sim, o que eles poderiam fazer? Durk esperava nervosamente, quase esperando que algum raio ou outra arma atravessasse o espaço e procurasse o foguete que fugia. Mas nada aconteceu e Durk sorriu. Nessa hora, o foguete estava fazendo uma curva num padrão de descida, pronto para penetrar na atmosfera da Terra. Talvez os alienígenas tenham freneticamente tentado usar seu raio de interferência para evitar a ignição e tivessem se desapontado ao descobrir que não conseguiam, permitindo por conseguinte a fuga das informações. Mas isto ainda não estava certo. Com sua fantástica velocidade - supondo que os alienígenas tenham naves avançadas - eles poderiam facilmente alcançar o foguete. Mas eles não o fizeram.

Durk se sentiu satisfeito e calmo, não se importando para o que ele enfrentaria. Ele tinha empurrado seu sócia para o foguete não só para levar os dados vitais contra a doença mas também para voltar aos braços de Ellen. Se apenas um deles podia voltar, tinha que ser a recriação. Durk, com a falta de memória do ano em que esteve perdido no espaço, logo teria exposto a verdade dos dois homens na vida de Ellen que levaria um susto mortal. Desta maneira, tinha existido apenas um homem em sua vida, conforme ela sabia, com o retorno do sócia de Durk do espaço. Bem melhor esta maneira.

A espaçonave de Durk não tinha nenhum armamento de qualquer espécie a bordo. Ele era estritamente um veículo científico. Ele podia apenas aguardar desesperado que o ponto luminoso na tela do radar crescesse. Dando uma espiada para fora, ele logo percebeu-o visualmente. Um grito de surpresa escapou de seus lábios.

Era um disco voador.

Uma nave em forma de disco bem parecido com aqueles que tinham aparecido na Terra a partir de 1947. O mistério dos OVNI!, pensou Wright, que existira há cinquen-

ta anos atrás. Estava próximo de ser resolvido agora.

O grande disco voador se aproximou. Durk falou por meio de seu rádio. "Chamando a nave X. Identifique-se... identifique-se". A resposta que veio era a mesma voz estranha que ele tinha captado antes. Isto confirmou o pensamento de Durk. Era o inimigo alienígena.

Silenciosamente, o disco mudou de direção e alinhou-se de lado com a nave de Durk. Então uma espécie de raio violeta intermitente saiu da nave e pareceu agarrar a nave de Durk como uma âncora invisível. Ele sentiu sua nave sendo puxada, seguindo o disco. Durk podia ver pela trajetória que o caminho curvo no espaço os levaria a lua. O quebra-cabeça estava se encaixando peça a peça. Mas muitas peças ainda permaneciam para serem colocadas...

Durk tirou seu apertado traje espacial depois de vedar a cabina e ligar o oxigênio. Devia ficar confortável em sua viagem para a lua como prisioneiro. Lá na Terra, daqui há pouco, seu sócia estaria contando a história da emboscada espacial e de como Wayne Durk tinha sido capturado por inimigos desconhecidos do espaço.

O que eles fariam então? O que eles poderiam fazer? Sem conhecer o exato local na lua onde ficava a base alienígena, seria uma busca infrutífera. E a Terra em 1998 não tinha espaçonave de guerra e nem grande número de naves de busca. Viagens espaciais eram ainda novidade. A chance de salvamento, Durk sabia, era quase próxima a zero. Ele estaria absorvido numa grande pergunta até que a Terra ficasse ciente.

O que os alienígenas queriam com ele? Se eles tinham observado suas atividades científicas e a descoberta da radiação contra a doença, por que não destruir simplesmente a nave e seus dois ocupantes? Por que levá-lo para interrogatório? Se é que esses eram seus motivos...

O pulso de Durk palpitava quando o disco voador continuou rebocando-o numa terrível velocidade e a lua surgiu imensa diante deles em uma hora. Ele estava prestes a encontrar alienígenas do espaço pela primeira vez na história da humanidade. Pessoas de algum planeta remoto das vastas profundezas do espaço. Pessoas que tinham impiedosamente planejado uma sutil conquista da Terra.

Como eles seriam? Humanos ou de outro jeito?

O disco voador tomou uma nova trajetória sobre a lua, com a nave de Durk presa a ele e seguindo o mesmo curso. Nenhum sinal de foguetes ou de qualquer tipo de propulsor existia no disco, mas ele repentinamente freou com força de 10-g, arremessando Durk contra a parede da frente.

Então a velocidade diminuiu e Durk olhou em baixo a superfície lunar a apenas uma milha de distância. As duas naves ligadas agora desciam suavemente em direção a uma larga cratera.

Espantado, Durk viu o fundo da cratera se erguer como uma tampa. O disco voador e seu companheiro rebocado mergulhavam no buraco aberto.

Durk sentiu o chão artificial da cratera se fechar. Agora uma luz brilhante os envolvia e Durk teve a impressão de estar numa vasta caverna subterrânea cheia de naves espaciais de todas as espécies, de diferentes formas. E todas as paredes da caverna continham moradias hexagonais ordenadas uma ao lado da outra. Havia um grande alvoroço e atividade.

Algo surgiu na mente de Durk intuitivamente, Era uma colmeia.

Durk sentiu uma suave batida quando sua nave pousou em algo sólido. Mais uma vez vestindo seu traje, Durk saiu. Não tinha sentido se esconder dentro da nave com a porta trancada. Agora que ele estava na base inimiga, ele tinha um desejo opressivo de descobrir o que era tudo aquilo.

A outra nave também pousou. Durk viu a porta se abrir e esperou que seus ocupantes saíssem, segurando a respiração. Ele ficou boquiaberto quando viu um grupo de pequenas criaturas saindo, com não mais que três pés e meio de altura. Eles tinham braços e pernas e rostos e eram, ainda que aproximadamente, humanoides

Mas aqui terminava a semelhança. Eles tinham três dedos em cada mão e pernas que pareciam não ter joelhos de modo que eles se moviam rigidamente, quando caminhavam. Eles vestiam "roupas de mergulhar". Suas faces eram o aspecto mais peculiar, apresentando uma boca rasgada, um pequeno nariz e duas narinas, e olhos que se estendiam da frente até o lado do rosto.

De repente isto saltou na mente de Durk. A descrição clássica dos "homenzinhos" que diziam ter descido na Terra e saído de discos, há cinquenta anos atrás. Obviamente, naquela ocasião, eles estavam pesquisando a Terra, preparando sem dúvida o plano do Cérebro Podre que começou há onze anos atrás. Uma invasão de longo alcance cuidadosamente planejada com antecedência. Um dos alienígenas anões veio até Durk e abriu seu capacete, exageradamente inspirando uma porção de ar, obviamente para indicar que ele era respirável. Respirável para ele mas e quanto aos humanos? No entanto, como o pequeno homem indicou para Durk abrir o capacete, ele decidiu fazer uma breve tentativa. Tão logo seu visor foi aberto, ele sentiu a lufada de um ar bom, perfeitamente apropriado para os pulmões humanos. Satisfeito, ele tirou o capacete e também abriu seu traje espacial. Como todos os trajes espaciais desde os dos primeiros astronautas, eles eram poucos confortáveis e desajeitados para conservá-las se desnecessários.

Durk agora olhava em volta e sua primeira impressão de uma colmeia gigantesca foi confirmada. O espaço da parede e do teto inclinado estava ocupado com as estranhas casas de seis lados, nas quais Durk podia ver mais homenzinhos atrás das pequenas janelas. Todas eram iguais, como as celas de um mosteiro... Um milhão delas no mínimo.

Durk ouviu passos e se voltou, assustado. Quem se aproximava eram criaturas inteiramente diferentes, com oito pés de altura, fortes e com um único olho no meio da testa.

Outra espécie de visitantes dos discos voadores, segundo as notícias sobre os OVNI na Terra.

Durk notou imediatamente que essas criaturas gigantes, com fortes membros e músculos desenvolvidos, estavam vestidas com uma armadura fina, com várias armas seguras num cinturão, desde uma coisa parecida com uma clava até pequenas armas metálicas.

Algo mais surgiu no pensamento de Durk "formigas" guerreiras. Esta civilização era uma curiosa mistura das sociedades das abelhas e das formigas da Terra?

"Os guerreiros" formavam um outro grupo e agora alinhavam-se em duas filas. Durk realmente levou um susto com a criatura que se aproximava. Era um ser humano, um homem de estatura normal com, um rosto bonito e longos cabelos dourados. Seus movimentos eram graciosos e suas roupas elegantes incluíam uma túnica vermelha, calças de tecido azul-real e uma faixa de cores vivas. Ele também usava anéis com pedras brilhantes.

E outra vez, Durk se lembrou das histórias, aparentemente imaginárias, sobre as pessoas na Terra que encontraram os tais "deuses gregos". Toda a "lenda" dos OVNI estava se tornando verdade, aqui na lua.

CAPÍTULO XVI

O recém-chegado sorriu e cumprimentou, "Sua Majestade, a Rainha lhe deseja boas vindas", ele disse e Durk se assustou. Era um inglês perfeito. "Eu sou o príncipe Ellgu. Você virá comigo, por favor".

As duas filas de guerreiros se aproximaram de Durk, não lhe dando outra alternativa senão seguir o gentil príncipe. Ele o conduziu através de uma entrada em arcos que dava para uma suntuosa câmara. Suntuosa era apenas uma palavra. Cortinas ricamente coloridas estavam penduradas nas paredes. Móvel de alguma espécie de plástico transparente enfeitava o quarto e um tipo de música suave que era estranha mas não desagradável enchia o ambiente.

O príncipe se jogou sobre um sofá com indolência e começou a atirar em sua boca o que parecia ser pequenos frutos vermelhos de uma tigela de cristal cortado com formas complicadas. Devia ser o quarto suntuoso de um rei da Terra, naqueles velhos tempos.

"Nós vivemos em luxúria, nós os zangões", disse o príncipe Ellgu languidamente.

"Zangão?" repetiu Durk, confuso.

"Ah, sim. Nós estudamos muito as coisas da Terra para saber que as sociedades de formigas e de abelhas têm uma classe de zangões. Trabalhadores também - os homenzinhos. E guerreiros, os grandes".

As suposições intuitivas de Durk estavam todas certas. Seu pensamento dava saltos a frente e ele hesitou. "Sua rainha... ?" ele disse com vacilação.

"Você vai vê-la mais tarde", disse Ellgu, sacudindo a mão. "Agora, uma das minhas obrigações é ser o Chefe dos Observadores da Terra. Uma espécie de serviço de espionagem, você poderia dizer. Nosso monitor-ESP naturalmente seguiu sua nave pelo espaço. Quando nós lemos os seus pensamentos e descobrimos que você suspeitava de nossa existência na lua e também trabalhava na radiação da imunidade... nós não tivemos outra alternativa senão capturar você".

"Então vocês são", explodiu Durk, com repentina raiva, "os responsáveis pela Doença Cerebral entre meu povo".

"Naturalmente", sorriu Ellgu, convencido. "Esperto, você não acha? Nosso plano era simplesmente... "

"Eu conheço seu plano maldito", disse Durk selvagememente. "Matar todas as pessoas de alto QI na Terra, deixando as massas virtualmente sem liderança e sem talento científico ou outras qualidades que os humanos dotados possuem. Um esquema cruel para assassinar o poder cerebral da Terra, deixando uma civilização acéfala e impotente".

"Correto", concordou o príncipe, desavergonhado.

"Então, quando todos os cérebros brilhantes tivessem se acabado, vocês entrariam e tomariam o mundo desorganizado demais para tentar qualquer resistência efetiva".

"O que mais nós podemos fazer se não temos os meios para destruir vocês numa guerra?" O príncipe brincava como se contasse uma piada.

"Oh, nós temos uma tecnologia avançada. Você sabe disso pela frota das naves de exploração discos voadores e OVNI para vocês - que espiaram a Terra uns cinquenta anos atrás. Mas nós simplesmente não temos os equipamentos industriais em nosso planeta de origem, ou aqui, para produzir uma poderosa frota de conquista. Por isso tivemos que usar nossa esperteza e empregar os métodos sutis para eliminar os principais cérebros da sociedade humana para deixar seu povo desprotegido" .

Durk queria pegar o príncipe gozador e bater nele. Com esforço, ele se controlou. Sua curiosidade científica agora o impelia para perguntar, "Como vocês criaram a Doença Cerebral? Como vocês puderam fazê-la semelhante a uma epidemia viral sem qualquer meio de transmitir o contágio de vítima para vítima?"

O príncipe deu um olhar de orgulho prosa. "Um de nossos truques mais engenhosos. Durante quarenta anos - anteriores a libertação da epidemia - nossos "homenzinhos" trabalhadores na Terra, pousaram em lugares remotos e desenvolveram alguns meios em lugares escondidos. Eles consistem de uma pequena torre com um sensor de mentes. Esses sensores de mentes, espalhados sobre a Terra, podiam "sintonizar" mentes individuais e determinar sua taxa mental. O Q.I., como vocês o chamam. Desta maneira, nós catalogamos todas as mentes brilhantes da Terra, durante esses anos".

Durk agora podia ver porque eles ficaram sondando quarenta longos anos antes de atacar. Deve ter sido uma tarefa monumental examinar e anotar mais de 100 milhões de mentes humanas de alto poder, separando-as dos bilhões de mentalidades menores.

"Quando completamos a lista do QI, nós usamos um outro expediente avançado, cujo funcionamento eu receio que você nunca possa compreender. Para nós, você sabe, mesmo um cientista brilhante como você tem um QI baixo. Eu apenas posso descrever para você com termos bem simplificados".

"Continue", resmungou Durk, ofendido pelo insulto e no entanto com medo de que a comparação dos intelectos pudesse ser verdadeira.

"Em primeiro lugar, nossos especialistas médicos desenvolveram o vírus do Cérebro Podre a partir de muitas mutações de vírus comuns conhecidos na Terra, até que ele fosse mortal para qualquer cérebro humano".

"Qualquer cérebro humano, independente do QI?"

Ellgu concordou. "O segredo é que nós usamos nossas mentes, que pode distinguir qualquer cérebro individual na Terra, que quisermos. É muito complicado penetrar nos métodos de "sintonia" que podem focalizar um cérebro a 250 milhões de milhas de distância, mesmo que aquele cérebro e pessoa estiverem em movimento. Mas uma vez sintonizado, nós então tele-transmitimos o vírus diretamente a seu cérebro".

Durk engasgou, sem fala diante deste fato incrível.

"Sim, tele-transmitimos", repetiu o príncipe, orgulhosamente. "Num primeiro momento, ele estava aqui sob o foco de nossa mente. No momento seguinte - vupt! - ele se materializa no cérebro mirado".

Durk ficou em pé e andou para lá e para cá, o rosto nervoso.

"Isto explica a fantástica expansão da epidemia - de uma maneira ainda mais fantástica. Mas eu tenho que acreditar em você. É a única resposta lógica. Pois desta maneira, vocês foram capazes, nos últimos onze anos, de começar no alto da lista do QI e eliminar milhões de gênios maiores e menores da Terra. Diabólico... desuma-

no... demoníaco... "

"Palavras humanas que não tem nenhum significado para nós", disse Ellgu indiferentemente. "O que mais resta para um de nossos enxames fazer quando temos que procurar um novo mundo?"

"Enxames?" A boca de Durk ficou aberta. "Você não quer dizer que... "

"Como as suas abelhas e formigas", concordou o príncipe banalmente. "A evolução no nosso mundo realizou-se de maneira diferente a da Terra. No nosso planeta, as espécies primitivas que são nosso "elo perdido" era uma criatura abelha-formiga que evoluiu para a inteligência, ao invés da espécie humana. Através dos tempos, enxameamentos periódicos acontecem na casa central. Ou seja, uma nova rainha que nasce voa com seus zangões, operários e guerreiros para procurar um novo lar".

"Voam literalmente?"

"Sim. Durante o estágio de enxameamento, devido a alimentos especiais, nós temporariamente ganhamos asas que caem depois que nós alcançamos nossa casa nova. Mas então um novo problema surgiu... "

Ellgu vacilou como se o tempo recuasse.

"Veio o tempo, após muitos enxameamentos, em que não havia mais lugar para se mudar. Nosso planeta estava repleto, abarrotado, superpovoado. Surgiram guerras, guerras muito sangrentas comparáveis aquelas de sua história, algumas das quais eu estudei. Por isso... "

Ele parou dramaticamente. "Por isso nós escolhemos a única alternativa - enxameamento no espaço".

"Vocês já ocuparam outros mundos antes?" Durk dificilmente pôde disfarçar sua repulsa diante da visão de outras criaturas semelhantes a formigas e abelhas descendo suavemente sobre outras civilizações, como terríveis gafanhotos.

"Muitos", concordou Ellgu suavemente. "No entanto, nós não podemos voar muito longe com nossas asas no espaço sem ar. Mas a ciência e a tecnologia se desenvolveram e a resposta foi simples - naves espaciais".

Durk maravilhou-se diante da singularidade disto tudo. Uma raça de seres inteligentes mas com todas as tradições e instintos de seus ancestrais abelhas-formigas. Um sistema sexual e de reprodução totalmente diferente resultou numa superpopulação de cada "ninho" e levou a mesma espécie de enxameamento que as primitivas abelhas, formigas e térmitas realizavam, ano após ano. A única coisa diferente no povo de Ellgu era que, por meio da ciência e da tecnologia, eles tinham ultrapassado os limites naturais e puderam voar para outros mundos. Eles tinham todo o universo como local de seus enxameamentos...

Durk interrompeu seus pensamentos enojado. "Mas por que o método de extermínio de cérebros para conquista? Por que sua ciência tecnológica não pode produzir naves espaciais de guerra e super armas para conquistar outros planetas?"

"Há várias razões", disse o príncipe, indicando-as com seus dedos. "Primeiro, o enxame que se separou não é numeroso, um milhão mais ou menos de indivíduos. Nós estamos todos apertados, provisoriamente, nesta caverna lunar, em nossa compacta "colmeia!"

Ele riu e continuou. "Segundo, a maioria de nossos cidadãos nasceram de trabalhadores estúpidos ou de guerreiros igualmente sem inteligência. A classe de elite que pensa, nós os zangões, é limitada. Em consequência disso, nós nunca tivemos o desenvolvimento da ciência tecnológica que poderia resultar em armas e frotas poderosas. Nós pudemos apenas nos concentrar nesses sistemas da ciência esotérica tais como a teletransmissão do vírus cerebral para nos ajudar na conquista.

Durk podia entender como uma sociedade de abelhas rigidamente regimentada tal

como a deles somente permitiu uma pequena expansão do poder cerebral. Na Terra, todos os pais humanos contribuíram em cada geração para o conjunto dos gênios. Na sociedade de Ellgu, apenas um limitado número de, zangões semelhantes aos humanos com alto intelecto nasceram sob seus restritivos padrões genéticos. E eles aparentemente não podiam mais alterar isso enquanto que a ciência genética na Terra tinha revolucionado o código genético para aumentar o QI. Mas vias biológicas bem-conhecidas, aperfeiçoadas meticulosamente pela natureza através de longos períodos, não podem ser facilmente mudada seja na Terra ou em qualquer mundo.

"Terceiro", continuou o príncipe, "a imensidade e a logística do enxameamento espacial significa um número limitado de passageiros. Nós temos que deixar grande parte de nossos trabalhadores para trás, para serem piedosamente asfixiados. Com o nosso sistema de vírus cerebral, nós encontraremos novos trabalhadores na Terra - o seu povo conquistado".

Durk se sentiu enojado e se controlou. Ele se perguntava por que a assustadora imagem não o estava deixando louco. Um enxame de abelhas inteligentes, precisando de bilhões de "trabalhadores" para fazer suas tarefas servis, escravizando uma raça de homens... horrível. E por causa dessa necessidade básica, eles estavam indiferentemente destruindo as melhores mentes da Terra, aquelas que tinham levado a civilização e a arte e a cultura a alturas sublimes.

Era a mais desleal e indigna forma de conquista imaginável. Mesmo uma raça de guerreiros a tacando a Terra com armas de raio iria se distinguir como figuras respeitáveis por comparação. Essa desenfreada destruição de grandes mentes pelos completamente egocêntricos homens-abelhas aparecia como um crime revoltante contra o universo.

Selvagemmente, Durk desejou que ele tivesse alguma espécie de fole para jogar fumaça nessa colmeia de iniquidade e exterminá-los como insetos. Eles eram, em certo sentido, parasitas pilhando as civilizações mais nobres de mentes livres e substituindo-as por sua existência grosseira de formigueiros sem sentimentos ou estética humanos, como larvas se chafurdando na podridão de uma civilização morta.

Durk estremeceu diante da visão de outros mundos de pensadores, buscando a beleza e a verdade, já tomados por esses rastejantes animais da colmeia, cujo único objetivo era a perpetuação de sua raça de mente mutilada.

Era cruel. Não era justo. Era ímpio. Durk estava chorando por dentro, chorando de frustração e desgosto e agonia por todas as boas mentes no universo, com esta horrenda ameaça assustando quando mais e mais enxames de pessoas-abelhas viessem...

"O que há de errado, terráqueo?" disse Ellgu, verdadeiramente perplexo. "Afinal, nós somos uma forma superior de vida, já que somos capazes de vencer e dominar outras raças. Não é óbvio?"

Sim, isto pode parecer certo, pensou Durk. Ou mais precisamente - se sabotagem diabólica significasse superioridade.

O príncipe se levantou. "Eu acabei de receber uma chamada ESP. Venha. Você vai ter o privilégio de se encontrar com a nossa rainha".

Durk o seguiu tremendo, com medo da fatal revelação que viria. Ellgu o conduziu por uma porta ladeada por guerreiros monstruosos como guardas, para uma câmara ainda mais resplandecente, decorada com adornos cristalinos e tapeçarias. A sociedade deles era uma mistura curiosa de colmeia e fábrica.

Então os olhos de Durk se arregalaram e um silencioso grito de horror retorceram seus lábios. Dominando a outra ponta da imensa câmara, havia uma figura gigantesca. O corpo superior até a cintura era delgado e vagamente humano. O resto era um

horror - um grande corpo inchado com rugas semelhantes a de vermes e tão grande como uma casa.

"Rainha Torza", disse o príncipe com reverência, ajoelhando-se humildemente. "A mãe de nosso enxame".

CAPÍTULO XVII

Ele se voltou para Durk com os olhos brilhantes. "Ela foi fertilizada e estará pronta para produzir milhões de ovos... quando a Terra cair em nossas mãos".

"Ovos", disse Durk idiotamente.

"Eles produzem as quotas normais de trabalhadores, guerreiros e zangões".

"Você", Durk perguntou, "você vem de um ovo?"

"Você não?" respondeu o príncipe, maliciosamente. "Naturalmente, seu ovo foi nutrido dentro do corpo de sua mãe antes que você nascesse. No nosso caso, o ovo sai e a pessoa sai da casca".

Com o estômago se revoltando, Durk teve que correr para trás de uma cortina. Ele voltou mais pálido mas sentindo-se melhor. A criatura repugnante em seu trono - sem dúvida, bonita aos olhos de Ellgu - falava com gritos agudos.

"Eu também conheço a sua linguagem, terráqueo". Seu rosto semelhante ao humano era frio e duro. "Príncipe Ellgu, esta criatura não devia ser executada? Ele não é o único que soube de nosso segredo?"

"Sim, Majestade", disse Ellgu. "Mas não preocupe sua mente real com tais problemas. Nós zangões trataremos disso. Nós temos outra razão para capturá-lo vivo. Queremos saber sobre as recriações".

Durk gelou por dentro. Ele imaginava o quanto eles sabiam.

"Nós fomos avisados por nossos discos de espionagem que alguns cientistas mortos com nosso vírus de repente reapareciam outra vez vivos. Nós podemos naturalmente tele-transmitir o vírus para os cérebros deles como já começamos a fazer".

O que explicava claramente, Para Durk, o mistério da aparente imunidade" das recriações no início.

O príncipe olhou severo. "Mas nós não podemos deixar esse programa de recriação - nós captamos o nome de sua mente com nosso sensor-ESP - continuar. Por isso, nós teremos que usar intervenção direta e destruir esse local. Onde fica seu Laboratório de Recriação?"

"Por que você não lê meu pensamento e descobre?" resmungou Durk.

"Nós teremos que... ah, consegui". Ellgu indicou as lentes brilhantes que emitiam alguma espécie de raio numa parede escondida. "A sonda de mentes extraiu a informação que queremos".

"Assim fácil?" disse Durk.

"Assim fácil", disse Ellgu presunçosamente. "Nós somos especialistas, como você vê, na ciência telepática. Agora que nós sabemos onde fica o Laboratório de Recriação, uma pequena força a bordo de um disco voador, adequadamente armado, será tudo que precisaremos para fazer um repentino ataque noturno. Seu programa de recriação terá uma brusca parada".

Ellgu sorriu melancólico. "E já que você não voltará mais à Terra, as informações sobre a radiação anti- Doença Cerebral nunca serão entregues".

"Mas e quanto..." começou Durk, que depois parou. Ele quase perguntou sobre seu sócia no foguete. Mas repentinamente lhe ocorreu que Ellgu não tinha se referido ao outro Durk ou seu foguete em nenhuma ocasião.

Isto significava que a fuga do sócia não fora percebida?

Uma ardente esperança inundou Durk. Mas então ele olhou com medo para as lentes que apontavam em sua direção. A sonda de mentes teria extraído e revelado o seu segredo?

Mas Ellgu notou seu olhar para o sensor. "Eu o desliguei. Nós já obtivemos as informações vitais que desejamos sobre seu Laboratório de Recriação. Mais tarde, talvez, nossos doutores examinem sua mente mais completamente, para descobrir tudo sobre os processos da raciocínio humano" .. Ele olhou sadicamente para Durk. "Sim, ao invés de exterminá-lo como a Rainha sugeriu, nós manteremos você vivo como um espécime humano para ser mentalmente dissecado".

Durk tremeu com antecedência diante dos horrores que ele nem mesmo podia imaginar. Mas deixando sua sorte de lado, a coisa mais importante era que seu sócia tinha alcançado a Terra a salvo. E se assim fosse - Durk sorria por dentro - os homens-abelhas estariam jogando um jogo perdido. Deixe-os destruir o Laboratório de Recriação. Qual seria a utilidade de recriações quando a radiação da imunidade for conhecida? Os originais nunca morrerão. Os alienígenas, mesmo que não exterminados, já estariam derrotados - se seu sócia tivesse chegado na Terra a salvo.

"Por falar nisso", disse Ellgu informalmente quando eles deixaram a câmara da rainha, "a imunidade anti-Inseto Cerebral não lhes teria feito nenhum bem, mesmo que você a entregasse na Terra!"

Todo o sistema nervoso de Durk sofreu uma rápida parada. "O que você quer dizer", ele disse roucamente.

"Nós temos outras espécies virulentas de Cérebro Podre prontas. No momento em que descobrirmos que nossa espécie atual é ineficiente, nós usaremos o outro tipo, um que seja imune ao seu remédio de imunidade. E a dizimação de seu poder cerebral continuaria".

Nesse momento, Durk quase ficou louco. Todas as suas esperanças foram esmagadas num golpe só. As informações sobre a imunidade de seu sócia levadas até a Terra, se ele tivesse escapado, não significavam mais nada. E se o Laboratório de Recriação fosse destruído, a última esperança da Terra morreria com ele.

A Terra estava jogando um jogo perdido, no fim das contas.

Durk entrou num estado de entorpecimento confuso no qual ele não tinha mais sensações. Todo o universo parecia uma nuvem cinzenta onde ele estava perdido, tropeçando às cegas. Ele estava consciente de que ele estava sendo levado para um grande quarto branco, onde zangões dos homens-abelhas como Ellgu estavam esperando com sorrisos de vampiro, cercados por instrumentos brilhantes.

Instrumentos de tortura mental? Durk não sabia e não se importava. Tudo em que ele podia pensar era seu sócia ansiosamente entregando as informações sobre a radiação da imunidade - mas inutilmente. Uma falsa esperança que nunca poderia salvar a raça humana.

E que bem haveria para seu sócia voltar para casa seguro, aos braços de Ellen. O segredo da recriação ainda ficaria desconhecido pelos dois, prometendo uma vida feliz pela frente. Feliz? Quando o mundo se transformasse numa vasta colmeia....

O sósia de Durk estava ao lado de seu foguete pousado, em algum lugar na floresta amazônica. Pela primeira vez desde que deixou o grande espaço ele respirou fácil. Na descida, durante sua re-entrada incandescente, ele tinha morri do mil mortes - por ataques de discos voadores. Mas eles nunca se materializaram. Como Durk na lua, ele estava confuso. Sua fuga pelo foguete da nave mãe passou inteiramente despercebida? Isto parecia incongruente de qualquer forma. Se eles sabiam que havia dois homens a bordo, como eles poderiam deixar um deles escapar sem dificuldades? De algum modo, o pseudo-Durk sentiu que havia algum mistério inexplicável aí.

Ele deixou esses pensamentos de lado, expandindo seus pulmões e respirando ar fresco alegremente depois de todo o ar canalizado da missão espacial. O sinal automático do rádio do foguete continuava a fazer um bipe-bipe alegre. O resgate chegaria logo.

Quase que imediatamente, um ponto minúsculo apareceu no ar e descia em sua direção. Tratava-se de um avião-foguete X-47 que freou a 500 pés de altura, depois desceu lentamente com retrofoguetes, pousando a 50 pés com uma batida.

Três homens vistosamente vestidos, membros do Serviço Espacial de Salvamento, saíram e saudaram. "A equipe de rastreamento o seguiu durante todo o caminho, senhor. Ande logo. Finnegan Lloyd está ansioso em vê-lo na cidade de Earthia".

Era noite quando eles chegaram mas o gordo chefe do Escritório da Inteligência Mundial estava esperando. "Apenas um de vocês", ele acolheu Durk melancolicamente. "Mas naturalmente apenas um homem podia escapar no foguete".

Finnegan Lloyd estava ganhando tempo, olhando atentamente para o outro. Qual dos dois ele era? Os dois tinham ganho a mesma fadiga de astronautas, tal como duas ervilhas na vagem. Lembrando-se das incômodas e constantes advertências de Durk, Lloyd não queria cumprimentá-lo de forma errada. Durk ou Wright? Qual dos dois ele era?

Para seu alívio, o homem que tinha voltado resolveu o dilema. "Sim, Wright ficou para trás por sua livre escolha. Ele insistiu para que eu fosse".

"Mas o que aconteceu, Durk?" perguntou Lloyd. "Nós ficamos no escuro aqui embaixo. Dois dias atrás toda a transmissão de rádio entre nós foi interrompida. Então de repente, nosso pessoal de rastreamento viu o foguete partindo. Eles também perceberam um outro objeto se aproximando da espaçonave". A voz de Lloyd diminuiu até um baixo sussurro. "Era uma nave inimiga? A teoria de Wright estava certa?"

Durk concordou e contou toda a história. Então ele colocou a valise que tinha trazido do foguete sobre a mesa de Durk. "Informações completas sobre a imunidade à Doença Cerebral."

"Urra", disse Lloyd com voz fraca mas ardente. Ele ergueu os olhos como num amém

"Eliminada uma sórdida invasão da Terra". Ele se sobressaltou. "O que é este barulho?"

Ele vinha do vestíbulo. Lloyd se atirou contra a porta e a abriu. Uma horda de homens grosseiramente vestidos se movimentava. "Para os elevadores especiais", gritou um homem. "Depois destruir o Laboratório de Recriação!" O homem era Beevan.

"É o pessoal do Movimento Anti-Cérebro", disse Durk.

Lloyd fechou a porta com um sorriso estranho. Em sua mesa, ele acionou o intercomunicador ligado aos labirintos de baixo. "Guardas", ele ordenou. "Os Homens

A.C. estão vindo para invadir o local. Não tente pará-las. Deixe-os se divertirem".

Um grunhido surpreso veio em resposta e palavras de incredulidade.

"Sim, foi isso que eu quis dizer", disse Lloyd, ainda rindo. Ele desligou e voltou-se para Durk. "Deixe-os destruir o Laboratório de Recriação. Nós não precisamos mais deles". Ele ergueu a valise. "Não quando nós temos isto para salvar as outras pessoas de alto QI da Terra".

Durk estava confuso. "Laboratório de Recriação?" ele disse roucamente. "Laboratórios onde homens mortos são recriados?"

Mas Lloyd não estava ouvindo. Ele estava ao invés disso ouvindo o som de explosões abafadas do subterrâneo profundo que ecoava através de todo o prédio penetrando em todos os locais. "Parece que eles vieram bem preparados para fazer um trabalho completo. Todas as máquinas de gravação de vida, todas as coberturas das recriações, os computadores - sendo explodidos em pedaços". Ele riu ruidosamente. "E não me importa nada. Os Homens A.C. pensam que estão ganhando a batalha contra os "Cerebrais". Pensam que eles vão tomar o controle do mundo. Mas eles não sabem que mais nenhum poder cerebral será perdido e o mundo ficará a salvo em nossas mãos - para o próprio bem deles. Estupidez... estupidez".

Ele ainda estava balançando a cabeça quando a sala foi sacudida violentamente e o estuque caiu das paredes. "O que esses loucos estão usando bombas nucleares?"

"Não - olhe", gritou Durk, apontando a janela. "Um disco voador está atacando aqui também".

CAPÍTULO XVIII

Eles olhavam boquiabertos enquanto um grande disco prateado girava em torno do prédio EIM e emitia alguma espécie de força vibratória que sacudia a estrutura.

"Para meu carro aéreo na sacada", gritou Lloyd e Durk o seguiu. Eles partiram no momento em que o prédio desmoronava, caindo sobre uma pilha de outros prédios próximos. Os poucos pedestres e motoristas que estavam por perto foram esmagados instantaneamente.

Lloyd mantinha o carro aéreo flutuando no ar enquanto eles olhavam para baixo com fascinação horrorizada. Agora o disco descia e emitia alguma espécie de raio vermelho que abriu caminho através dos escombros.

"Olhe como eles tentam entrar no Laboratório de Recriação", murmurou Lloyd com voz estranha, "como se eles quisessem destruí-lo também".

Durk olhou para a lua, com súbita intuição. "Os alienígenas devem ter obtido a informação de Wright, sobre o local do Laboratório de Recriação. Naturalmente, os alienígenas querem destruí-lo".

Os olhos de Durk se assombraram. "Todas essas loucas coincidências. Que brincadeira do destino. Os Homens A.C. e os alienígenas, ambos querendo destruir o Laboratório de Recriação - e ambos atacando ao mesmo tempo".

"Isto leva a uma coisa estranha", refletiu Durk. "Eu imagino o que os Homens A.C. vão pensar quando eles virem os alienígenas... "

E o momento viria logo. Olhando para baixo, eles viram o disco pousar e os homenzinhos saindo, vestidos em roupas especiais e carregando armas fantásticas. Eles entraram nos buracos que os raios vermelhos tinham aberto através dos escombros, nos labirintos do Laboratório de Recriação.

A resposta à pergunta de Durk veio uma hora mais tarde. Uma figura humana empoeirada seguida por seus homens debatia-se entre os escombros. Era Beevan. Lloyd desceu seu carro aéreo e pousou por perto, correndo em sua direção.

Beevan o reconheceu. "Finnegan Lloyd, chefe do EIM". Mas estranhamente, não havia rancor em sua voz. Ele apontava seu polegar para baixo, com os olhos infinitamente frustrados. "Quem eram aqueles pequeninos que estavam lá embaixo? Nós matamos alguns e saímos mas quem eram eles?"

Durk moveu-se para frente. "Você vai ter um choque, Beevan. Eles são alienígenas, homens de outro planeta de outra estrela. Eles tem uma base na lua. Foram eles quem enviaram a Doença Cerebral, por meios científicos. Eles queriam destruir o poder cerebral humano para que eles pudessem vir e tomar o resto da humanidade como escravos. Inclusive você".

Beevan olhou como se tivesse levado tiros, não uma, mas cem vezes. Ele vacilou

sobre seus pés por uns momentos. Os homens atrás dele cochicharam num excitação febril.

"Isto é verdade?" disse Beevan fracamente, ainda desconfiado.

"Você mesmo viu' os alienígenas", respondeu Durk mordazmente. "O que mais você quer?"

Debaixo deles veio um som de estrondo. Beevan ergueu-se, uma raiva feroz refletida em seu rosto. "Esses pequenos vermes não podem vir à Terra e invadir o que nos pertence - a nós, humanos". Sua voz se elevou até um grito insano. "Vamos, homens. Nós vamos destruí-los".

Para cada homem, muitas clavas, armas e granadas; eles correram para o buraco. Havia uma centena deles. Não havia mais que 25 alienígenas.

"Eu não acho que algum homenzinho vá sobreviver", murmurou Lloyd. "Durk... "

Ele se voltou mas Durk não estava lá. Ele corria em direção ao disco e entrava pela abertura. Quando Lloyd o alcançou e o espiou, ele viu Durk sentado numa cadeira curva na frente de um painel de instrumentos e controles.

"Humm, não é muito diferente do painel de controle de nossas naves", ele resmungava baixinho.

"Você está pensando em voar nisto?" perguntou Lloyd. "Para onde?"

"Para a lua". Durk lhe virou um rosto feroz. "Wright está preso lá. Eu tenho que libertá-lo se eu puder".

"Mas você não sabe onde ele está na lua", protestou Lloyd, como se falasse para alguém que tinha perdido a razão. "Se a gente soubesse, você não acha que eu teria avisado o pessoal do Espaço para armar os foguetes para um ataque? Você pode levar um ano procurando na lua por uma pequena base alienígena desconhecida... "

"Talvez não", concluiu Lloyd tenso. "Fora, Lloyd. Eu acho que vou conseguir. Eu vou tentar com este negócio".

Lloyd saiu e fechou a entrada. Ele observou quando o disco, sem o menor som, subiu 50 pés no ar. Então ele foi para frente bruscamente, em direção a um arranha-céu próximo. Milagrosamente, ele girou e evitou a colisão, depois fez várias cambalhotas incríveis inclusive um mergulho em direção chão que depois se transformou numa ascensão.

Depois, como se o piloto tivesse ganho firmeza, o disco se elevou no céu, tomando uma velocidade supersônica num segundo. Lloyd ficou boquiaberto. Ele estava no caminho para a lua...

Mas uma mancha prateada reapareceu e o disco, brilhando na luz do luar, espiralou para baixo e pousou destramente a menos de 20 pés de Lloyd, que ficou abismado.

"Controles soberbos", falou Durk, saindo. "Construído de modo que mesmo uma criança ou um imbecil possa dirigi-lo com facilidade e segurança. Ele possui todos os tipos de mecanismos automáticos contra-desastres de modo que você dificilmente baterá mesmo que queira". Ele respirou e olhou para a lua crescente. "Antes de partir, quero levar algo junto". Ele rabiscou num pedaço de papel e o entregou para Lloyd. "Arranje isto já, mesmo que precise usar a polícia para tirar isto de uma indústria química fechada".

Lloyd não questionou a ordem. Como o Durk original, este Durk sócia possuía uma mente viva que podia atingir alturas espetaculares às vezes. Qual era a sua ideia, Lloyd não conseguia imaginar. Mas o que quer que fosse, tinha alguma conexão com os alienígenas e levaria a algum desfecho sensacional.

Duas horas mais tarde, uma dúzia de grandes tambores de plástico tinham sido depositados a bordo do disco.

"É uma grande carga", disse Lloyd, cheio de dúvidas.

Durk riu com arrogância. "Este negócio pode carregar dez vezes mais sem sentir. Ele tem poder, homem. Uma magnitude mais poderosa que qualquer sistema de propulsão conhecido na Terra".

Ele entrou na abertura, com um último aceno para Lloyd.

"Boa sorte", disse Lloyd, que tinha poucas esperanças de ver aquele rosto novamente, singular ou duplamente.

Nos controles do disco, Durk permaneceu como que num transe enquanto ele viajava em direção à lua. Aproximando-se do solo lunar, sua mão se movia de modo fantástico quando ele manipulava a principal alavanca de controle.

O disco desceu e pairou sobre uma cratera. Confuso, Durk olhou para baixo. Então sua cabeça se moveu ligeiramente e ele dirigiu a nave para a próxima cratera. Automaticamente, seus sensores ajustados para receber o disco voador que chega, o falso chão da cratera se abriu como uma tampa. Com um calmo sorriso de satisfação, Durk guiou sua nave para a cidadela sub-lunar, sabendo que tinha encontrado os alienígenas.

Daqui em diante, Durk sabia que ele teria que tocar de ouvido. No entanto, a atmosfera de colmeia do local não o surpreendeu. Cuidadosamente, ele manobrou o disco para o lado da caverna gigante, onde os outros estavam estacionados. Pousando suavemente, ele espiou com cuidado pela pequena janela da cúpula do piloto.

A visão de estranhos homens pequenos com seus olhos redondos e andar de pernas inflexíveis, quando eles apareceram à distância, não o assustou já que ele os tinha visto na Terra durante o ataque ao Laboratório de Recriação. Mas quando ele viu três homens-monstros gigantes com um único olho como os ciclopes, ele levou um susto. Mas em sua mente, surgiu a explicação - guerreiros!

Estranho. Contudo, Durk já sabia o que era.

Ele estava em comunicação com a mente de seu irmão gêmeo, Wright. E assim como aquele fio telepático o tinha levado até o esconderijo do M.A.C. onde Wright estava preso, ele o conduzia agora ao esconderijo alienígena aqui na lua.

Não apenas isso, mas Durk tinha captado mais impressões ESP de Wright. Era tudo uma massa de imprecisão, confusa e complicada, mas aqui e ali, ele tinha colhido algo breve e claro -- tal como a ideia de guerreiros numa comunidade semelhante à das formigas. Essas ligações telepáticas poderiam ajudá-la, ele esperava, para encontrar Wright e de alguma forma salvá-la.

Permanecendo imperceptível no disco e aguardando, Durk se levantou e viu um humano se movendo entre os homenzinhos e os grandes guerreiros. Um homem, como um terráqueo. Ele pescou "zangão" da fraca onda telepática do pensamento subconsciente de seu gêmeo.

E junto veio uma impressão mal definida mas persistente de que se ele corajosamente saísse e andasse, ele não seria molestado. Durk franziu as sobrancelhas. Ele devia confiar neste "palpite telepático?" E se estivesse errado, e se fosse uma impressão distorcida da mente de Wright? Contudo, a impressão ficou mais forte e Durk resolveu tentar.

Ele saiu pela abertura sem pressa, olhando cuidadosamente em todas as direções. Ninguém nas proximidades no momento. Ele começou a andar conforme um outro "sinal" que lhe dizia que caminho tomar para encontrar Wright.

Isto o conduziu em direção a um túnel que levava à grande "cidade" central. Antes

de alcançar a entrada de arcos, vários trabalhadores - o nome também veio até ele - surgiram em seu caminho.

Tenso, Durk agarrou o coldre de sua arma laser escondida em sua roupa de astronauta. Mas os homenzinhos simplesmente lhe fizeram uma reverência e chiaram numa fala alienígena que ele já escutara no rádio antes. Parecia um cumprimento respeitoso e eles se moveram sem alarme.

Num instante, Durk compreendeu. Ciente de que esta era uma sociedade colmeia, pelas mensagens telepáticas de Wright, Durk percebeu que ele tinha sido tomado por um zangão de forma humana. Sua roupa de astronauta era suficientemente brilhante, com três cores vivas, para lembrar as alegres roupas dos zangões. E os trabalhadores eram de nível mental tão baixo que lhes faltava agudeza para suspeitar qualquer coisa errada com esse "zangão".

Respirando de alívio, Durk entrou no túnel. Ele inchou o peito e empertigou-se, agindo como vira os outros zangões agirem. Mas ele vacilou quando virou uma esquina e viu de repente dois grandes guerreiros de guarda. Eles o olharam com seu único olho. Os guerreiros também seriam enganados?

Durk decidiu enfrentar isto e caminhou no meio deles. Seu coração deu um pulso quando eles resmungaram algo em sua fala nativa, obviamente perguntando onde ele estava indo. Erguendo sua cabeça com autoridade e olhando com desprezo, Durk ergueu um dedo de silêncio como se estivesse dispensando sua conversa fútil. E continuou a andar.

Isto funcionou. Durk voltou-se para ver os guerreiros pegando as armas, mas depois se acalmando e encolhendo os ombros. Eles cochicharam entre si como se dissessem - "Um presunçoso, como todos os zangões".

Durk tremia agora, em reação a este momento de perigo. Mas com um pouco mais de sorte, ele terminaria sua missão - que parecia ser impossível. Invadir corajosamente a cidadela dos inimigos em uma de suas naves... passar entre os muros como um dos zangões... fugir das suspeitas dos trabalhadores e guerreiros... e tirar Wright de suas mãos - bem, isto era como um sonho tolo que nunca poderia acontecer.

No entanto, estava acontecendo. Incrível, fantástico, inacreditável... mas ele estava conseguindo. Rapidamente, Durk suspeitou que a maior parte de seu sucesso era devida às qualidades inferiores da sociedade colmeia. Na Terra, nenhum alienígena poderia passar por um terráqueo num lugar guardado, nem mesmo por um momento. Mesmo os guardas de QI mais baixo ficariam desconfiados e dariam o alarme. Mas um profundo cisma e ausência de comunicação entre a classe dos zangões, a dos trabalhadores e a dos guerreiros alienígenas contribuíram para o plano audacioso de Durk.

O sinal ESP inconsciente do cérebro de Wright estava mais forte agora. Algumas voltas a mais no corredor e Durk parou em frente a uma porta e soube que seu gêmeo estava atrás dela. Mas junto as impressões ESP que ele seguira até aqui, vinham sinais de sofrimento. Sofrimento mental. E agora, do lado de fora da porta, a sensação foi tão intensa que Durk quase a sentiu fisicamente e teve que morder os lábios para não gritar.

Tortura! Tortura mental. Devia ser isso.

Wright estava sendo submetido a algum processo diabólico de dissecação mental. Outra sensação de sofrimento telepático e Durk retesou todos os músculos, com uma raiva vulcânica.

Ele esperou mais um pouco para coletar mais uma pálida imagem ESP - três zangões com roupas brancas examinavam Durk. Três alienígenas para enfrentar...

CAPÍTULO XIX

Durk empurrou a porta com violência e entrou um momento depois, com a arma "laser" já apontada. Um rápido olhar lhe mostrou os três zangões examinando a figura de Wright amarrada, com um equipamento de raios preso em torno de sua cabeça.

Os zangões se voltaram com a interrupção. O "laser" de Durk funcionou silenciosamente e um zangão caiu com um olhar surpreso; um perfeito buraco queimava através de seu crânio, soltando um pouco de fumaça. Os outros dois zangões reagiram como os humanos reagiriam e se jogaram de lado.

Um zangão tentou se esconder atrás da aparelhagem mas não conseguiu. O raio mortal de Durk atravessou seu corpo e atingiu seus órgãos vitais. Ele morreu com um grito estridente.

Mas o terceiro alcançou uma mesa e pegou uma arma. Virando-se, ele atirou e um raio de luz azul faiscante queimou o uniforme de Durk no ombro esquerdo. O zangão não teve outra chance para tentar o segundo tiro. Um raio de "laser" o atingiu na perna. Caindo sobre um dos joelhos, o zangão tentou levantar sua arma. Mas Durk teve tempo para mirar e um buraco fumegante apareceu exatamente entre seus olhos. Ele caiu silenciosamente. Quase enjoando com o cheiro de carne queimada, Durk se recobrou e se lançou para a mesa onde Wright estava amarrado. Seu rosto ainda se contorcia com o sofrimento anterior e seus olhos se abriram. Eles se arregalaram descrentes.

"Durk", ele murmurou. "Eu estou sonhando... "

"Não, não está", assegurou Durk. "Sou eu realmente e eu vou tirar você deste inferno alienígena. Aguenta um pouco".

Durk usava seu "laser" para queimar as cordas que prendiam Wright. Ele se sentou, tirando o capacete que usava e jogando-o contra a parede furiosamente. "Experiência mental... como uma agulha espetando cada célula cerebral... cada nervo... ". Ele segurou sua cabeça por um momento, se lamentando. Depois, recompondo-se, ele pulou da mesa.

"Vamos, Durk".

Durk o puxou da porta. "Não desse jeito, dois contra a multidão. Vista uma destas roupas de zangão e caminhe do jeito deles".

Wright sorriu, concordando. Em breve, ele se arrumava, vestindo as roupas multicoloridas do zangão. Enquanto isso, com repentina decisão, Durk fez o mesmo. Era melhor que sua roupa de astronauta passando por uma de zangão.

Eles saíram altivamente, fechando a porta atrás deles. "Não falando em quando eles acharem estes corpos", murmurou Wright, "e descobrirem que o prisioneiro fugiu. Como nós vamos sair daqui?"

"Num disco voador", Durk continuou para contar resumidamente a história.

"Esperto", disse Wright no fim, admirando seu sócia e enrubescendo depois. Era como bater nas próprias costas, pois, com os papéis trocados, ele sem dúvida teria feito o mesmo. Eles se retesaram quando cruzaram com um grupo de trabalhadores e uma outra vez, com dois guardas guerreiros. Mas simplesmente marchando com altivez por eles, sem nenhuma palavra, eles continuaram imóveis. Os trabalhadores e guerreiros inferiores não deviam questionar os assuntos dos zangões nobres e nem se ofender diante das atitudes ofensivas.

"Está fácil demais", murmurou Wright, enquanto eles caminhavam ao longo dos muros.

Durk tinha uma outra preocupação no pensamento. "Você entende, uma coisa me frustra completamente. Se eles sabiam que havia dois homens a bordo de nossa nave, por que eles não vieram atrás de meu foguete assim que eles capturaram você e viram um único homem na nave? Obviamente, se um dos dois homens escapasse, ele levaria os dados da imunidade à Doença Cerebral para a Terra".

"Mas eles não sabiam que havia dois homens a bordo", disse Wright.

Durk o olhou pálido. "Como eles podiam errar se usavam um sensor de mentes para nos vigiar?"

"Mas o aparelho não mostrou duas mentes". Wright ria de maneira estranha. "Eu percebi isto antes. O aparelho deles apenas registrou uma mente por causa da relação que existe entre nós... " Wright hesitou não querendo insistir nisso e inflamar as suspeitas de Durk novamente sobre sua notável semelhança. "Bem, para eles pareceu uma única mente tendo uma conversa consigo mesma, da mesma forma que qualquer homem de vez em quando fala consigo mesmo".

Wright não acrescentou que apenas duas mentes idênticas podiam ser aceitas pelo sensor de mentes como sendo apenas uma única mente. Apenas a situação única de Wright-Durk e seu sócia podia ter funcionado e anulado o sensor de mentes. Ele nunca revelou aos alienígenas que havia duas mentes separadas e dois homens a bordo da espaçonave terrestre.

E estando muito longe naquela hora para perceber o minúsculo foguete partindo, eles nunca suspeitaram que o segundo homem tinha escapado e que o homem que eles capturaram era apenas a metade da equipe.

Wright riu ruidosamente. Isto tinha sido uma brincadeira cósmica com os alienígenas. Apesar do cuidadoso plano para evitar que a Terra obtivesse os dados sobre a imunidade à doença, eles falharam.

Depois ele ficou sério diante de uma coisa que ele esquecera. Ele agarrou o braço de Durk.

"A imunidade anti-doença... não presta", ele disse roucamente. "Se nós a usarmos, os alienígenas simplesmente passarão a empregar uma nova espécie de Inseto Cerebral capaz de vencer a imunidade".

Durk se empalideceu diante dessas horríveis palavras.

"Mas por que se preocupar?" continuou Wright. "Nós ainda temos o Laboratório de Recriação e... " Sua voz parou e um horror assustado surgiu em seus olhos. "Espere... você me falou do ataque ao Laboratório de Recriação, pelos M.A.C. e alienígenas. Ele foi destruído?"

"Totalmente", concordou Durk.

"Então com a imunidade eliminada e o Laboratório de Recriação destruído... " Wright quase chorava. Ele não terminou a frase. Ao invés disso, nervoso, "A única coisa certa seria destruir esta cidadela alienígena e terminar com a ameaça para

sempre. Mas as forças da Terra - principalmente os veículos de exploração e de transporte - são muito fracas para organizar qualquer tipo de ataque militar neste local. Os alienígenas podem derrotá-los facilmente e continuar sua campanha maldita de extermínio do poder cerebral da Terra". Ele cerrou os punhos. "Se este covil alienígena pudesse ser eliminado, todos os nossos problemas seriam- resolvidos. Mas isto é impossível".

"É?" perguntou Durk calmamente. Wright olhou para ele penetrantemente, mas Durk fechou os lábios e não disse mais nada.

Eles alcançavam agora a parte principal da cidade colmeia, a grande caverna celular onde ficava o campo de pouso dos discos voadores. Cuidadosamente, eles caminhavam. Durk andava entre os discos estacionados e ia em direção ao disco em que ele tinha vindo. Ele o reconheceu porque ele estava estacionado entre duas naves de feitiço diferente.

"A bordo", ele disse calmamente, "estão aqui os meios para destruir todos os alienígenas, um a um".

Wright pode apenas encará-lo descrente.

Indo a bordo, Durk apontou a dúzia de grandes tambores armazenados na cabine. "Note que eles não são tambores de metal mas de plástico. Eles contém fósforo amarelo puro. Você sabe o que acontece quando isto é exposto ao ar ou ao oxigênio".

"Começa a soltar fumaça e depois pega fogo espontaneamente", respondeu Wright, com repentino excitamento em sua voz. "Depois, ele se queima violentamente e produz enorme quantidade de óxidos fosfóricos, todos eles extremamente venenosos. Grande, Durk. Mas o que lhe deu esta ideia?"

"Uma fraca impressão telepática de sua mente - não uma mensagem, apenas um reflexo vago que o lugar dos alienígenas era uma colmeia. E para acabar com uma colmeia de abelhas, você joga fumaça nela. Ou a sufoca. Ajude-me a levar estes barris para fora antes que alguém suspeite".

Na pequena gravidade da lua, não levou muito tempo carregar os barris para fora do disco. Durk apontou sua arma-laser", acenando para Wright se afastar. Ele certamente cortou um barril ao meio. As duas metades da substância amarela que foram expostas, instantaneamente começaram a soltar fumaça quando o fósforo ativo combinou-se com o oxigênio do ar. As beiradas começaram a se derreter lentamente. As fumaças ficaram mais espessas.

Os dois homens tossiram, colocando as mãos em suas bocas. "Assim que eu abrir todos os barris, nós partiremos", disse Durk com dificuldade, usando seu "laser" no próximo barril.

Mas neste momento um grito foi ouvido. Voltando-se, Wright empalideceu. Vários zangões alienígenas corriam na direção deles e gritavam seguidos por um bando de guerreiros gigantes.

"Eles vão nos pegar", disse Wright bruscamente. "Eles estarão aqui antes que você tenha tempo de abrir todos os barris... "

"Mas todos eles devem ser abertos para termos certeza de que este local inteiro será fumegado para acabar com estes vermes alienígenas " , gritou Durk, com o rosto selvagem. "Eu vou ficar e terminar o trabalho. Você vai embora, Wright. O disco tem um piloto automático que levará você para fora da cratera. Aperte o botão vermelho. Uma vez no espaço, você terá tempo para aprender a manejar os controles e voar para a Terra. Vá indo!"

"Mas você nunca sairá vivo", disse Wright nervosamente.

"Quem vai importar-se com isso?"

"Ellen se importa", explodiu Wright. "E Randy e Wendy. Você tem que voltar para eles, Durk".

"Por que eu?" respondeu Durk, rompendo outro barril. "Por que não o verdadeiro?" Wright teve um sobressalto. "Você sabe?"

"Lógico", disse Durk, o sócia. "Eu suspeitava disso há algum tempo. Foi tudo elucidado quando eu ouvi sobre o Laboratório de Recriação durante o ataque do M.A.C. e a invasão dos discos. Tudo entrou em seu lugar - eu sou a sua recreação".

Ele olhou ansiosamente para as figuras que corriam e que agora já atravessavam o campo de pouso e se aproximavam.

"Ouça. Eu terei que falar depressa. Eu não posso voltar para Ellen, sabendo que eu sou uma fraude, uma cópia, um homem de biscoito feito num laboratório. Vá embora, Wayne Durk. Afinal, você ficou longe de Ellen apenas um ano e meio e viveu com ela muitos anos antes -e viverá os muitos que virão. Eu, eu apenas tomei seu lugar nesse ano e meio. O resto é trapaça, uma zombaria, uma vida de sombra". Ele usou uma das mãos para empurrar Wright em direção ao disco. "Vá, seu bobo. Sim, você tem amnésia de um ano - do ano em que você esteve perdido no espaço - mas você pode pensar em alguma coisa e dissimular isto".

Seus olhos ficaram febris. "E jure, Wayne Durk... jure que você nunca falará a Ellen sobre mim, sua recreação. Jure".

"Mas eu não estou indo embora", respondeu Wayne Durk, inflexivelmente. "Se um de nós tem que morrer, deixe que seja nós dois". Ele sorriu melancolicamente. "Será na verdade apenas um homem morrendo".

Foi tudo que disse, antes que o cabo da arma-laser" o atingisse na cabeça. Soluçando com pressa, o Durk sócia pegou o corpo flácido e o levou à espaçonave. Então ele empurrou o botão vermelho e saiu.

Um mecanismo automático fechou a porta e o piloto-robô elevou o disco.

Rapidamente o Durk recriado se voltou para partir os barris de fósforo que sobravam. Depois ele virou-se sorridente para encarar a multidão de homens-abelhas vingativos que se aproximava. Seu "laser" interrompeu a aproximação de uma dúzia, antes que uma clava de dentes serrados o atingisse.

Mas mesmo quando o Durk sócia se foi, fatalmente ferido, as nuvens de vapores venenosos de fósforo se espalharam sobre o grupo e derrotaram todos. Eles se contorciam e se torciam e depois caíam.

E a nuvem de fósforo mortal prosseguia, penetrando em todos os cantos e fendas do esconderijo subterrâneo. Os alienígenas não possuíam máscaras contra gases nem meios de apagar o fogo letal enquanto o fósforo se fundia por sua própria auto combustão e se espalhava num grande lago abrasador, consumindo tudo em seu caminho e sufocando o ar com fumaças. O povo da colmeia não podia mesmo escapar. Acima do duplo sistema de comportas de ar da tampa da cratera, existia a lua morta e sem ar.

O zumbido da colmeia gigante lentamente morreu quando as últimas pessoas cambalearam nas brancas névoas da morte. Uma grande figura inchada cheia de ovos também caiu por fim.

Wayne Durk - novamente o único Wayne Durk - acordou no espaço, vendo a lua sob ele. Fracamente, ele pôde ver o chão de uma cratera escura com brancas nuvens de vapor escapando pelas fendas da tampa circular.

Um milhão de abelhas-alienígenas tinham morrido - e um homem.

Silenciosamente, Durk ergueu uma mão e fez uma saudação.

Mais tarde, na Terra, à noite, um disco-voador. desceu silenciosamente do céu e como por milagre sofreu uma parada instantânea e depois pousou devagar-como uma folha que cai.

Durk saiu. Por um longo momento ele olhou a lua prateada em quarto crescente, com infinita tristeza. Mas talvez fosse mais misericordioso que sua recriação tenha encontrado a morte - e a paz. Não haveria paz para ele aqui na Terra. Nem para as outras recriações ainda em vida.

Mas o Laboratório de Recriação tinha se ido. Não havia mais necessidade dele. Um mal necessário, ele foi útil por uns tempos. Tinha se acrescentado bastante poder cerebral no banco mundial de cérebros para segurar as bases da civilização, que se fragmentavam? Podia uma sociedade mutilada aguentar até que a próxima geração, através das leis genéticas naturais, produzisse uma nova turma de grandes gênios, que estavam em falta agora na Terra?

As estrelas frias e silenciosas não lhe deram nenhuma resposta.

Durk estremeceu e voltou-se, com um estranho pensamento girando em sua cabeça. Ele tinha paradoxalmente morrido para salvar o mundo -. e no entanto vivia...

Mas agora ele não era mais um homem duplo. Estranhamente lhe veio o pensamento de que não era mais também um homem "singular". Com o moral mais alto e um sorriso fatigado, Durk andou em direção à porta onde Ellen estaria esperando.

